



**Programa de Pós-Graduação em Gestão e Práticas Educacionais
(PROGEPE)**

KARINNE SOMENSARI PEREIRA

**MARCO LUCCHESI: POÉTICA E FORMAÇÃO LITERÁRIA DO
PROFESSOR POLIVALENTE**

**São Paulo
2025**

KARINNE SOMENSARI PEREIRA

**MARCO LUCCHESI: POÉTICA E FORMAÇÃO LITERÁRIA DO
PROFESSOR POLIVALENTE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (PROGEPE/UNINOVE), para obtenção do título de Mestre em Gestão e Práticas Educacionais, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista.

**São Paulo
2025**

Pereira, Karinne Somensari.

Marco Lucchesi: poética e formação literária do professor polivalente. / Karinne Somensari Pereira. 2025.
128 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2025.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Ana Maria Haddad Baptista.

1. Marco Lucchesi. 2. Literatura. 3. Formação literária. 4. Práxis pedagógica. 5. Educação pública.

I. Baptista, Ana Maria Haddad.

II. Título

CDU 372

KARINNE SOMENSARI PEREIRA

**MARCO LUCCHESI: POÉTICA E FORMAÇÃO LITERÁRIA DO
PROFESSOR POLIVALENTE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (PROGEPE/UNINOVE), para obtenção do título de Mestre em Gestão e Práticas Educacionais, pela Banca Examinadora, formada por:

Presidente: Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista (UNINOVE/SP)

Orientadora

Membro: Profa. Dra. Nadia Conceição Lauriti (UNINOVE/SP)

Membro: Profa. Dra. Diana Navas (PUC/SP)

São Paulo, 19 de dezembro de 2025

**São Paulo
2025**

À minha ancestralidade feminina, que por tantos sacrifícios,
abriram caminhos para que eu pudesse ir além na busca por
conhecimento e espaço social.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Criador do Universo e a toda a minha espiritualidade, a qual sempre alumbrou o meu caminho.

À minha mãe, pelo impulso, escuta, amparo e paciência nos momentos mais desafiadores.

Aos meus amados sobrinhos, por me preencherem de alegria e me regalarem com ternos sorrisos, entre peripécias, trazendo leveza diante de circunstâncias reptantes.

Ao meu pai, irmãos, familiares, amigos e parceiros de profissão, estes que me ofereceram suporte sempre que precisei e compreenderam as minhas ausências em situações importantes.

Às minhas gestoras e amigas, Sueli Lopes, Gisele Nogueira e Elsa Sant'anna, pelo olhar sensível, acolhida afetuosa e prestatividade durante o meu percurso como mestranda.

À minha equipe de sala do ano de 2025, pela parceria e suporte no trabalho e pelo incentivo no andamento desta pesquisa de mestrado.

À querida Rejane Lucco, alguém que a vida me presenteou e com quem pude compartilhar deste caminhar, sendo-me exemplo de determinação e potência no âmbito acadêmico.

À amiga Astrid Rodríguez, quem muito me fez aprender nos últimos anos, uma figura muito especial com que a Colômbia me agraciou!

À estimada e inspiradora Cecilia Barbazia, que me estimulou e norteou para que eu adentrasse o universo do mestrado.

À prezada Alexandra Fransoze, que, com seu trabalho acadêmico, me facultou grandes referências.

À minha mestra de capoeira, Samila Zambetti, por todos os ensinamentos ancestrais ao exposto da integralidade do ser humano... somos corpo, mente e espírito!

À cara professora doutora, Ana Maria Haddad Baptista, minha orientadora, por tantos ensinamentos, pelo convívio, advertências e disponibilidade, que a mim se tornou uma portentosa referência nessa trajetória, permeando inúmeras reflexões e transformações em meu ser.

À Universidade Nove de Julho (UNINOVE), por ter me oportunizado vivenciar o mestrado.

Aos professores, coordenadores, corpo administrativo e equipes de apoio da instituição, pela receptividade e contribuições.

Aos meus colegas de *stricto-sensu*, por tantos debates e trocas de saberes e experiências.

Às profissionais do magistério, atuantes de escolas públicas, que aceitaram participar da pesquisa empírica qualitativa com dedicação e perfizeram-se como elementos essenciais para que ela se concretizasse.

À professora doutora Diana Navas e à professora doutora Nadia Conceição Lauriti, as quais se disponibilizaram a compor a banca de qualificação com olhares sensíveis e críticas construtivas e potencializadoras.

Ao grandioso poeta, ensaísta, tradutor, historiador e professor Marco Lucchesi, um ser brilhante de inúmeros saberes que, com maestria, explora a linguagem e a criatividade e, com o dom da intertextualidade contempla em sua obra poesia, música, filosofia e ciências, construindo conexões entre distintas áreas! Lucchesi peça fundamental aqui e, por meio de sua sensibilidade, ampliou a minha visão de mundo.

Assim, invito-vos por meio da presente dissertação a um diálogo sobre a formação do professor polivalente e o papel preponderante que a literatura alcança enquanto criadora de conceitos, produtora de estética e sensibilidade na esfera humana.

RESUMO

PEREIRA, Karinne Somensari. Marco Lucchesi: Poética e formação literária do professor polivalente. 2025. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais). Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2025.

A presente pesquisa, desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais, tem como objetivo investigar os processos de apropriação da literatura pelo professor pedagogo que atua de forma polivalente nos anos iniciais da educação básica na esfera da educação pública, analisando, sob uma perspectiva crítica, como se perfaz sua formação literária ao longo do processo de escolarização básica, acadêmico e da prática docente, considerando, ainda, as vivências socioculturais que incidem sobre sua constituição humana e profissional. Parte-se da concepção da literatura como prática estética e formativa de caráter emancipador, capaz de ampliar a sensibilidade, a consciência crítica e o repertório simbólico, ao incorporar a historicidade da experiência humana no tempo e no espaço. Este estudo caracteriza-se como empírico de abordagem qualitativa, fundamentado em levantamento bibliográfico articulado à produção de dados por meio da aplicação de questionários estruturados a docentes da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas públicas. O instrumento investigativo foi elaborado com questões abertas e de múltipla escolha, possibilitando a identificação dos percursos formativos, das práticas de leitura e das concepções das professoras voluntárias acerca da literatura e de sua função pedagógica. A análise dos dados foi realizada à luz de referenciais teóricos da literatura e da educação, com vistas à compreensão das relações estabelecidas entre formação de educadores e práxis literária no universo escolar. Os resultados indicam que a fragilidade da presença da literatura no cotidiano educacional inicial encontra-se intrinsecamente relacionada às lacunas da formação docente. Diante desse cenário, o presente trabalho acadêmico propõe subsídios teórico-práticos para a ressignificação da abordagem da literatura na educação infantil e no ensino fundamental I, destacando a criação poética e literária de Marco Lucchesi como possibilidade de ampliação do repertório estético, crítico e cultural docente, contribuindo para o fortalecimento da formação continuada de professores pedagogos e para a qualificação das práticas de mediação literária na perspectiva dos anos iniciais da educação básica, sobretudo, pública.

Palavras-chave: Marco Lucchesi. Literatura. Formação literária. Práxis pedagógica. Educação pública.

ABSTRACT

PEREIRA, Karinne Somensari. Marco Lucchesi: Poetics and literary formation of the polyvalent teacher. 2025. Dissertation (Professional Master's Degree in Management and Educational Practices). Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2025.

The present study, developed within the scope of the Professional Master's Program in Educational Management and Practices, aims to investigate the processes through which literature is appropriated by the pedagogue teacher who works as a generalist in the early years of basic education within the public education system. From a critical perspective, it analyzes how this teacher's literary education is constituted throughout basic schooling, academic training, and teaching practice, while also considering the sociocultural experiences that shape their human and professional development. The study is grounded in the conception of literature as an aesthetic and formative practice of an emancipatory nature, capable of expanding sensitivity, critical awareness, and symbolic repertoire by incorporating the historicity of human experience in time and space. This research is characterized as an empirical study with a qualitative approach, based on a bibliographic survey articulated with data production through the application of structured questionnaires to early childhood education teachers and teachers of the early years of elementary education in public schools. The research instrument was designed with open-ended and multiple-choice questions, enabling the identification of formative trajectories, reading practices, and the conceptions held by the participating teachers regarding literature and its pedagogical function. Data analysis was conducted in light of theoretical frameworks from literature and education, with a view to understanding the relationships established between teacher education and literary praxis in the school context. The results indicate that the fragility of the presence of literature in the daily practices of early education is intrinsically related to gaps in teacher education. In light of this scenario, the present academic work proposes theoretical and practical contributions for re-signifying the approach to literature in early childhood education and in the early years of elementary education, highlighting the poetic and literary creation of Marco Lucchesi as a possibility for expanding teachers' aesthetic, critical, and cultural repertoire. This contributes to strengthening the continuing education of pedagogue teachers and to enhancing literary mediation practices within the early years of basic education, especially in public education.

Keywords: Marco Lucchesi. Literature. Literary education. Pedagogical praxis. Public education.

RESUMEN

PEREIRA, Karinne Somensari. Marco Lucchesi: Poética y formación literaria del maestro polivalente. 2025. Disertación (Maestría Profesional en Gestión y Prácticas Educativas). Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2025.

La presente investigación, desarrollada en el ámbito de la Maestría Profesional en Gestión y Prácticas Educativas, tiene como objetivo investigar los procesos de apropiación de la literatura por parte del profesor pedagogo que actúa de manera polivalente en los años iniciales de la educación básica en el universo de la educación pública, analizando, desde una perspectiva crítica, cómo se configura su formación literaria a lo largo del proceso de escolarización básica, académico y de la práctica docente, considerando, además, las vivencias socioculturales que inciden en su constitución humana y profesional. Se parte de la concepción de la literatura como una práctica estética y formativa de carácter emancipador, capaz de agrandar la sensibilidad, la conciencia crítica y el repertorio simbólico, al incorporar la historicidad de la experiencia humana en el tiempo y en el espacio. Este estudio se caracteriza como empírico, con un enfoque cualitativo, fundamentado en un levantamiento bibliográfico articulado con la producción de datos mediante la aplicación de cuestionarios estructurados a docentes de educación infantil y primaria de escuelas públicas. El instrumento de investigación fue elaborado con preguntas abiertas y de opción múltiple, lo que posibilitó la identificación de los trayectos formativos, de las prácticas de lectura y de las concepciones de las maestras voluntarias acerca de la literatura y de su función pedagógica. El análisis de los datos se realizó a la luz de referentes teóricos de la literatura y de la educación, con el propósito de comprender las relaciones establecidas entre la formación de educadores y la praxis literaria en el universo escolar. Los resultados indican que la fragilidad de la presencia de la literatura en la cotidianidad educativa inicial se encuentra intrínsecamente relacionada con las lagunas en la formación docente. Ante este escenario, el presente trabajo académico propone aportes teórico-prácticos para la resignificación del abordaje de la literatura en la educación infantil y en la educación primaria, destacando la creación poética y literaria de Marco Lucchesi como posibilidad de ampliación del repertorio estético, crítico y cultural del profesorado, contribuyendo al fortalecimiento de la formación continua de los profesores pedagogos y a la cualificación de las prácticas de mediación literaria en la perspectiva de los años iniciales de la educación básica, especialmente la pública.

Palabras clave: Marco Lucchesi. Literatura. Formación literaria. Praxis pedagógica. Educación pública.

Sumário

APRESENTAÇÃO	11
Percurso	11
Escolha e inquietações: a busca de um sonho	13
INTRODUÇÃO.....	17
I. LITERATURA, HISTORICIDADE E EDUCAÇÃO	21
I.1. O papel social da literatura	21
I.2. O conceito de historicidade em Lucchesi e Freire.....	27
I.3. Literatura e educação.....	35
II. MARCO LUCCHESI: LITERATURA E EDUCAÇÃO.....	42
II.1 Marco Lucchesi: uma breve biografia	42
II.2 Marco Lucchesi e a literatura.....	49
II.3 Lucchesi e suas contribuições no cenário literário e cultural brasileiro e mundial .	52
II.4 Marco Lucchesi e a educação	56
II.5 A importância de estudar Marco Lucchesi na formação de professores.....	62
III: MARCO LUCCHESI E A PESQUISA EMPÍRICA	72
III.1 Pesquisa empírica.....	72
III.2 A pesquisa empírica qualitativa	75
III.3 Marco Lucchesi e a pesquisa empírica qualitativa com profissionais do magistério da educação infantil e ensino fundamental I de escolas públicas	78
III.4 Conclusões das entrevistas e seleção de textos e obras	83
III.5 A categoria estética de Marco Lucchesi entre diálogos e perspectivas	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	104
ANEXO A	107
ANEXO B	108
ANEXO C.....	120

APRESENTAÇÃO

A vida é sonho. Um, nenhum, cem mil.”
(LUCCHESI, 2020, p. 156).

Percursos

Começo percorrendo a respeito do meu percurso na educação, o qual, entre tantas voltas, me conduziu ao universo do mestrado. Adentrei a escola com quatro anos de idade, num colégio de freiras tradicional no bairro em que morava, na cidade de Santo André. Nele fiz a educação infantil.

O ensino fundamental e médio cursei em escolas públicas estaduais. Ainda no ensino médio, aos dezessete anos, ingressei no curso normal – o antigo magistério. Recordo-me dos meus estágios (na mesma escola que estudei da primeira até a quarta-série); à época, eu era quase tão infante quanto os alunos, e nosso relacionamento era bastante proximal.

Minha infância e adolescência estiveram bastante atreladas aos esportes. Eu apreciava e praticava diversas modalidades esportivas – no clube, na escola, na rua – e o futebol sempre foi das minhas prediletas – aliás, não posso escrever em tempo passado, pois a atividade física, o desporto e as linguagens corporais ainda fazem parte de quem sou. Então, quando concluí o magistério, almejava seguir na educação, embora não soubesse se devia mergulhar na educação física ou alçar voo à pedagogia.

Com significativa influência de minha querida mãe, que é professora, minha escolha na primeira graduação foi a pedagogia. No início do curso universitário, comecei a lecionar numa instituição de educação infantil, conveniada ao município de Santo André, e, no ano seguinte, lá assumi a coordenação pedagógica, permanecendo nesse cargo por quatro anos.

Todavia, a paixão pela educação física continuou presente e, por isso, ao concluir o curso superior em pedagogia, a minha primeira especialização *lato sensu* foi em educação física escolar.

No período em que atuei na coordenação pedagógica, o que mais me incitava dentre as minhas atribuições era a formação das educadoras, ser mediadora de cada processo constitutivo, sensibilizar...

Como a vida é um rio a correr, e navegamos nas curvas do tempo e das circunstâncias, retornei, via concurso público, à docência, primeiro na rede de ensino da

Prefeitura de São Bernardo do Campo e, posteriormente, na rede de ensino público de Santo André, para o cargo de professora de educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental. Conciliei os dois cargos, trabalhava entre dois e três períodos, a depender do dia da semana.

Ao passar anos em sala de aula, com educandos de distintas idades, desde a primeiríssima infância até a pré-adolescência, a experiência docente proporcionou-me reflexões significativas sobre minha própria prática, minha construção como professora, a valorização das pessoas, das relações humanas, as mudanças sociais ao longo do tempo, através das gerações, e as diferentes linguagens que formam os seres humanos para além do processo de escolarização determinado pelo sistema educacional.

Com o olhar mais apurado e como uma admiradora da poesia, da sensibilidade humana e suas sutilezas, senti a necessidade de ampliar meus estudos. Deste modo, foi propício reduzir minha carga horária de trabalho. Por isso exonerei o cargo da Prefeitura de São Bernardo do Campo e imergi, depois de poucos meses, na segunda especialização *lato sensu*, em arte-educação.

Novamente, a correnteza do rio da vida levou-me. Desta vez, fui invitada à supervisão escolar, no Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação da Prefeitura de Santo André, com as creches conveniadas ao município, já que havia trabalhado outrora numa instituição conveniada e compreendia tanto o funcionamento quanto as parcerias do terceiro setor com a esfera pública.

Integrar a equipe de supervisão das unidades conveniadas foi uma experiência valiosa. Ademais das vistorias e análises documentais para a garantia das legalidades, as supervisoras eram incumbidas de ações formativas, em reuniões mensais com as representantes pedagógicas das entidades. Por isso, me vi mais uma vez impelida a estudar para contribuir com as construções coletivas educacionais.

Na condição de amante da arte das palavras e da poesia, que sensibilizam o olhar humano, embarquei em outra graduação: Letras! A literatura também sempre referendou minha essência pedagógica e as mediações que me cabiam fazer, com sentido, contextos e criticidade, quando era professora ou formadora de formadores.

Posteriormente, além do acompanhamento das creches conveniadas, fui concomitantemente direcionada à supervisão das escolas particulares; e, por fim, os últimos anos que trabalhei na Secretaria de Educação se deram na assistência pedagógica da Gerência de Educação Infantil Municipal, fase que oportunizou-me aprendizagens e tantos reptos; entretanto, eu portava um sonho: realizar o mestrado, pesquisar a formação

de professores para poder agregar de outra forma em suas práticas. Em busca da concretização deste sonho eu fui.

Escolha e inquietações: a busca de um sonho

O mestrado era para mim um sonho. Entretanto, para lograr o curso de *stricto sensu*, tendo em vista minha jornada de trabalho profissional, que conflitaria com a carga horária acadêmica, necessitei desligar-me do Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental, solicitando o retorno ao universo da unidade escolar para exercer a função de professora (meu cargo de concurso). Assim, inscrevi-me, pela primeira vez, no Programa de Pós-Graduação em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (PROGEPE/UNINOVE).

Mas não foi dessa vez que pude ingressar ao mestrado, pois, mesmo retornando à sala de aula, tendo a jornada de trabalho reduzida, minha atribuição de turma se deu no período vespertino, coincidindo com o horário das disciplinas e seminários do *stricto sensu* da UNINOVE. Não foi possível consolidar trabalho e estudo.

Depois de seis meses como professora, atuando com crianças da primeiríssima infância numa creche situada num bairro central andreeense, fui convidada pela Gerência de Educação Infantil, do Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação de Santo André, a assumir a direção de outra unidade escolar de educação infantil do município, num bairro distante do centro da cidade.

Como diretora, enfrentei muitas provações, sobretudo no atendimento à comunidade local e às diversas situações-problema que fazem parte do núcleo escolar. Minha equipe de trabalho era numerosa, havia funcionários concursados, terceirizados e de autarquia. Lá construí vínculos significativos. Laborar com a formação profissional, considerando meu percurso pessoal, era o que mais me dava satisfação enquanto gestora.

Num determinado período, estava realizando momentos formativos com o grupo de estagiárias de pedagogia e apresentei a elas o livro de ensaios *Carteiro Imaterial*, de Marco Lucchesi. Com base na análise e discussão de algumas passagens, obtivemos elementos norteadores para nossos encontros formativos.

Aquelas meninas em início de carreira e que, de início, nem sequer conheciam o presidente da nossa Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (e que já foi também presidente da Academia Brasileira de Letras), tiveram sua capacidade argumentativa aguçada, suscitando discussões em torno da obra de Lucchesi: história, filosofia, cultura e arte ao abordar temáticas do cenário cotidiano educacional e o nosso papel militante na condição

de facilitadores do processo de aprendizagem das crianças. Neste quadro, muitos elementos emergiram para a pesquisa que, a seguir, vos apresento.

Alguns meses depois desta vivência – tão significativa para mim como, quiçá, para aquelas estagiárias – as águas do rio da vida me afastaram delas e da direção escolar. Isso me fez lembrar de um dos maiores escritores da literatura brasileira, o ilustre JGR (João Guimarães Rosa), que apresenta a imprevisibilidade da existência e a necessidade de coragem para encará-la, em *Grande Sertão: Veredas*: “O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.” (Guimarães Rosa, 1986).

Inscrita, pela segunda vez, no PROGEPE/UNINOVE, ao ser contemplada no processo seletivo, e considerando a dificuldade de deslocamento entre a escola e a universidade, devido à distância e à impossibilidade de compatibilizar as inúmeras demandas da gestão escolar com as de esfera acadêmica, tocou-me fazer uma escolha.

Outra vez solicitei retornar ao meu cargo de concurso como professora! Na ocasião, havia me empenhado em ministrar aulas no período matutino, para cursar as disciplinas e seminários na universidade. O mestrado era a minha prioridade.

Iniciei no programa pela linha intitulada “Pesquisa e Intervenção em Metodologias da Aprendizagem e Práticas Educacionais (LIMAPE)”. Nela dei andamento ao meu pré-projeto de investigação sobre a formação do professor polivalente com relação à literatura.

As aulas iniciaram em meados de abril do ano de 2024. No primeiro semestre, realizei as disciplinas “Metodologias da Pesquisa e da Intervenção Educacional” e “Fundamentos da Gestão Educacional”. Ao mesmo tempo, participei do seminário de pesquisa “Metodologias da Aprendizagem e Práticas de Ensino”, da linha LIMAPE.

No segundo semestre, pude cursar as disciplinas “Tempo-Memória na Educação” e “Paulo Freire, Educação e Práxis”, além de outro seminário de pesquisa da linha LIMAPE.

Ainda, no mesmo semestre, frequentei o módulo internacional *Educación, Resistencia y Liderazgo Educativo: Disputas Actuales, Historias de Lucha y Nuevas Narrativas en la Hegemonía Neoliberal*, no II Congreso Internacional de Política Educativa, que aconteceu em Santiago, no Chile, em parceria com a Universidad de los Lagos de Santiago de Chile. Expus a minha intenção de pesquisa, naquele momento intitulada: *La Relación del Maestro Polivalente en los años iniciales de la Educación con la Literatura y la Poética de Marco Lucchesi*.

Foi uma grande honra apresentar Marco Lucchesi num congresso internacional, abarcar um pouco da grandiosidade de sua personalidade e de sua significância no cenário literário, político e social brasileiro.

No terceiro semestre e quarto, já em 2025, dediquei-me à efetivação da pesquisa em campo e à escrita da dissertação. Minha orientadora sempre me despertou o senso crítico, inquietações e ganas por novos conhecimentos. Expandiu-me constantemente o olhar, ainda que às vezes advertindo-me e incentivou-me a ir adiante.

A professora Ana Haddad apresentou-me novas obras poéticas e filosóficas de Marco Lucchesi, bem como de Santo Agostinho, Foucault, Deleuze, Freire, entre outros. Essas leituras ampliaram minhas perspectivas, amadureceram sentimentos e enredamentos no meu percurso acadêmico. Ela estendeu-me a mão, encorajando-me mediante os desafios acadêmicos. A professora Ana Maria Haddad Baptista instigou-me ao exercício da liberdade da escrita!

No meu contato com o *stricto sensu*, me deparei com as mais complexas reflexões sobre o exercício social do pesquisador, metodologias de pesquisa, aspectos críticos acerca da sociedade e do mundo “líquido” de Zygmunt Bauman, o ser discente e seu papel de cidadão, a potência da literatura e da arte, o conceito de historicidade e a educação freiriana.

O meu labor acadêmico sempre esteve atrelado à motricidade, à arte, ao letramento literário e ao desenvolvimento integral do sujeito, na condição de ser social na educação básica, sem separar corpo e mente, sem fragmentar os saberes, admitindo que as habilidades humanas são aprimoradas por meio de ações integradas entre as diversas áreas do conhecimento.

Acolho uma concepção da educação que preza pela arte em sua multiplicidade de aspectos, uma abordagem essencial na formulação de uma sociedade mais humana, empática, sutil e solidária, na formação de cidadãos autônomos, ativos, pensantes, críticos e conscientes, que saibam se expressar usufruindo de todos os seus sentidos e habilidades, valorizando a coletividade e as construções sociais ao longo do tempo, nos distintos espaços. Por isso, a vertente freiriana do mestrado profissional da Universidade Nove de Julho foi condizente com meus ideais educacionais.

A literatura é produtora de conceitos, uma arte onusta de tramas e enredamentos, sociabilidade e cultura, um instrumental enormemente relevante para a conscientização social e democrática, para uma cultura de paz. A literatura deve ser parte integrante da educação pelo seu poder de humanizar e emancipar.

Por tal motivo, esta pesquisa se concentra na investigação da formação literária do professor-pedagogo. Parte-se do pressuposto de que a defasagem na abordagem literária em âmbito escolar está condicionada pela formação profissional e pessoal do docente. Dito isso, a poética de Marco Lucchesi, com sua grande literatura, paradigmática e labiríntica, com alto grau intelectual e intuição sensorial, pode ser capaz de enriquecer o repertório docente, alcançando ademais a qualificação do ensino da literatura nas instituições públicas de ensino de educação infantil e ensino fundamental I.

A obtenção de subsídios para o protagonismo literário no ambiente escolar é o meu escopo, mas este é um fator bastante complexo que necessita da rigorosidade científica aliada à interpretação intuitiva da práxis docente. É neste quesito que o mestrado profissional conjecturou a intuição de que parte esta pesquisa, mostrando-se eficaz no embasamento teórico, nos quesitos metodológicos, procedimentais e no engajamento da pesquisa de campo.

Reconheço que sempre faltarão respostas e que outras pesquisas deverão advir. Contudo, o essencial é a reflexão, que facultará ao docente participar da análise da própria atuação, dando ênfase à possibilidade de ressignificação didática no que concerne à literatura no contexto escolar da educação básica I.

Refletir sobre o passado a fim de transformar o presente é uma tarefa feraz para questionarmos quem somos, o que fazemos e qual é o nosso desígnio, enquanto existimos no tempo e na história. Para atingirmos os discentes, que passam longo tempo de suas vidas na educação obrigatória, é preciso expandir horizontes no trabalho do professor.

INTRODUÇÃO

A era contemporânea é marcada por intensas transformações culturais, sociais e epistemológicas, as quais estabelecem relações com os valores sociais conforme ao processo de constituição humana no decorrer da história.

Dito isso, torna-se imprescindível que os sujeitos reflitam e se posicionem sobre questões relacionadas à evolução da nossa espécie e suas prováveis consequências para a vida em comunidade, no presente e no futuro.

Por conseguinte, a literatura se revela uma majestosa e significativa expressão artística e, concomitantemente, uma ferramenta robusta de formação crítica, estética e cidadã. Por isso, seu ensino, sobretudo na educação básica I, é fundamental para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, criativas e éticas.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9394/96) estipula o seguinte objetivo geral da educação básica: desenvolver o educando, assegurar a formação para a cidadania e oferecer meios para progredir em estudos e no trabalho, dividindo-a em três etapas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Corresponde à educação básica I a educação infantil e os cinco primeiros anos do ensino fundamental.

No entanto, observa-se que a prática docente no referido campo ainda apresenta lacunas, especialmente na formação de docentes polivalentes. Na premissa da LDB 9394/96, entende-se por *professor polivalente* aquele que atua na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, estando habilitado a lecionar várias disciplinas, sendo um profissional multifuncional com formação em pedagogia.

Muitas vezes, tais profissionais não dispõem de repertório literário e metodológico suficiente para aplicar o trabalho com a literatura em sala de aula. Deste modo, esta pesquisa tem como objeto a formação do *professor polivalente* no tocante ao ensino da literatura.

O problema que orienta esta pesquisa consiste na necessidade de investigar e investir na qualificação docente, de modo a promover práticas pedagógicas mais reflexivas e alinhadas ao desenvolvimento integral dos educandos. Parte-se da hipótese de que a inserção da poética lucchesiana – marcada por um caráter humanista, crítico e intertextual – pode enriquecer o repertório docente e subsidiar práticas pedagógicas inovadoras.

O objetivo geral consiste em analisar as contribuições da poética de Marco Lucchesi para a formação do *professor polivalente* no ensino da literatura na educação básica I.

Os objetivos específicos são: (i) identificar desafios e lacunas na formação docente; (ii) compreender as concepções de professores sobre a literatura em sua vida pessoal e prática pedagógica; (iii) fomentar o potencial da figura e literatura de Lucchesi como recursos formativos e de mediação cultural.

Metodologicamente, esta é uma pesquisa empírica de natureza qualitativa – exploratória e bibliográfica – realizada com profissionais do magistério (uma professora de educação infantil, uma professora de ensino fundamental I e uma professora formadora, em função de coordenadora pedagógica), atuantes em escolas públicas de diferentes municipalidades do estado de São Paulo.

A coleta de dados se deu por meio de questionários estruturados em momentos diversos, visando compreender os sentidos atribuídos à literatura e os percursos formativos (pessoais e profissionais) das participantes voluntárias.

A fundamentação teórica ancora-se em estudos sobre a formação docente, o ensino da literatura e estética literária, tendo como referenciais teóricos autores como Paulo Freire, Gilles Deleuze, Ana Maria Haddad Baptista, entre outros, destacando a inestimável contribuição de Marco Lucchesi para a construção de um repertório poético que favoreça o pensamento crítico.

A escolha da obra lucchesiana se justifica por sua visão ampla e multidisciplinar, por seu fazer literário que dialoga com distintas áreas do conhecimento: filosofia, história, música, astronomia, teologia, matemática, entre outras.

A obra de Lucchesi não apenas reflete a realidade, mas também aponta caminhos para novas expressões artísticas, expandindo os horizontes da arte literária. A sua leitura nos proporciona ricos aprendizados sobre a cultura antiga em diálogo com a contemporânea, com o devido reconhecimento de grupos pertencentes às minorias.

Sua obra, rica em intertextualidade, nos desafia a explorar temas como memória e tempo, tornando a experiência da leitura enriquecedora e complexa. Lucchesi dignifica o papel de artistas, poetas e escritores como porta-vozes de uma época e cultura. Sua escrita é instigante e estimula a busca de novas referências e inferências, de dentro para fora, de fora para dentro, e por este motivo é que sua figura é um elemento *sine qua non* deste trabalho acadêmico.

Ademais, enfatizando os valores sociais e o ensino-aprendizagem nos anos iniciais da escolaridade obrigatória, em âmbito nacional, salienta-se a necessidade da literatura na escola pública, pois ela é rica em construções sociais, históricas e culturais.

Grandes são as contribuições que a literatura oferece para a compreensão da realidade e para o mistério do ser humano: consciência, desejo, força, unicidade e individualidade, enfim, os múltiplos aspectos constitutivos do “eu”, do sujeito que faz parte da coletividade humana. A literatura não é subalterna a nenhuma ciência.

Por meio da literatura, no caso de Proust, estabeleceu categorias e conceitos. Uma das provas de que realmente acreditou e provou que a literatura é uma criadora de conceitos. Que a literatura também possibilita a busca de verdades. Não somente as ciências. Mas o rigor da literatura, tanto quanto o da filosofia, não pode ser medido pelo método científico. Na verdade, a literatura não deve nada para ninguém. Ela é livre. O trabalho da literatura é por meio de signos sensíveis e possui uma autonomia que se desprende da obra. Eis o seu valor. O compromisso da literatura, assim como das artes em geral, reside em sua capacidade de instigar a percepção e a desautomatização do pensamento. (BAPTISTA, 2020, p. 58).

Segundo Baptista, a literatura é um campo autônomo de saberes capaz de engendrar conceitos, que aspira a verdade, ampliando a percepção humana e desautomatizando o pensamento. O valor da literatura reside em sua autonomia e capacidade de fomentar novas maneiras de enxergar e se relacionar com o mundo. Não deve ser avaliada pelos métodos científicos, uma vez que se impõe um rigor próprio – assim como a filosofia. A literatura não precisa justificar sua validade; é livre e possui seu valor. Ela é independente de outras formas de pensamento e seu compromisso não se encontra na objetividade científica, mas na possibilidade de romper com padrões estabelecidos e questionar ideias preconcebidas.

A literatura fortalece habilidades cognitivas e linguísticas e, além disso, mantém uma proximidade tão robusta com a vida e os valores que a norteiam que é impossível dissociá-la da formação humana: o principal escopo e desafio do cenário contemporâneo da educação. Ela forma cidadãos mais críticos, sensíveis, humanizados e conscientes de seu papel social. Incorporá-la ao ensino, dando-lhe a devida relevância, é essencial para uma educação mais completa.

A reflexão sobre os desafios educacionais e a oferta de instrumentos para aprimorar a prática docente são aspectos centrais para que o professor pedagogo refine sua didática, promovendo uma constante articulação entre pesquisa e desempenho profissional no ensino-aprendizagem literário.

Ao tomar como referência a poética de Lucchesi, pretende-se oferecer subsídios para que professores polivalentes ampliem suas práticas pedagógicas, fortalecendo a presença da literatura na escola pública de educação básica I e, conseqüentemente, a formação integral dos educandos.

Portanto, este estudo tem o propósito de contribuir para a construção de uma identidade profissional docente mais sólida, fundamentada na aprendizagem contínua e no compromisso com a educação pública.

I. LITERATURA, HISTORICIDADE E EDUCAÇÃO

I.1. O papel social da literatura

A literatura desempenha um papel essencial na sociedade como forma de expressão cultural, comunicação e preservação da história, para que as pessoas desenvolvam criticidade, apreciação estética, sensibilidade e solidariedade, para que compreendam distintos panoramas da realidade. Afinal, a literatura contribui para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, sendo fundamental para a educação e para o crescimento intelectual, individual e coletivo.

A literatura também estimula a criatividade e a formação da identidade. É uma forma de resistência que frequentemente reflete as tensões e contradições sociais, perfazendo as experiências humanas no mundo e na história. Por meio dela se dá a internalização de conhecimentos, tradições e vivências entre gerações, fator que fortalece a cultura e permeia reflexões sobre questões sociais, políticas e filosóficas. O saber literário é uma forma de inclusão e justiça social.

Dito isto, os mais diferentes autores desafiam, com suas obras, as normas sociais, descortinando novos cenários sobre a vida em sociedade. Bons escritores não tornam apenas críveis um certo número de analogias, mas uma quantidade considerável de diferenças, expandindo no universo literário panoramas variados deles mesmos, pertencentes ao que fundaram e a suas singularidades na condição de portadores de historicidade.

E foram tantos poemas, nessa linha de resistência, filmados, musicados, grafitados, a comprovarem que o poeta-corifeu usa a mesma língua de sua gente, a mesma canção de exílio e identidade, transbordante de harmonia, como em "Passaporte". (LUCCHESI, 2016, p. 21).

Na citação do livro de ensaios *Carteiro Imaterial* (2016), Lucchesi elucida a importância da poesia como forma de resistência e construção da identidade cultural, bem como a relevância do escritor, quando esse “poeta-corifeu” usufrui da mesma língua do seu povo para expressar sentimentos coletivos como exílio e luta pela identidade.

A menção a “Passaporte” sugere uma obra simbólica, interrelacionada ao contexto social, a qual mensura a harmonia e a unidade por intermédio da arte da palavra escrita.

Na mesma linha de pensamento, ao analisar romances de Virginia Woolf no século XX, nota-se que eles pertencem ao grupo daqueles que logram materializar um

tempo e uma memória, onde as temporalidades insubordinadas fogem aos esquemas comuns comandados pelo mecanicismo dos relógios.

A temporalidade proposta pela escritora inglesa não coincide com o tempo cronológico e, por isso, aflora a sensibilidade, a subjetividade e a solidão na esfera antropológica, em consonância com a sua perspicaz percepção feminina.

Analogamente, Gabriel García Márquez, em *O amor nos tempos do cólera* (1985), denuncia as contradições sociais e a complexidade das relações humanas em um romance que explora o amor em diferentes facetas, tanto no âmbito temporal – final do século XIX e início do XX – quanto no espacial – uma cidade portuária caribenha, em um período de mudanças políticas e tecnológicas, mas com uma sociedade resistente às transformações e amarrada a valores antigos.

Com um estilo peculiar, o escritor colombiano mescla realismo e lirismo, numa escrita envolvente e nostálgica que abarca o desejo, a fidelidade e o passar do tempo, criticando convenções sociais como o casamento, as normas impositivas da sociedade sobre o verdadeiro amor, o papel da mulher numa sociedade patriarcal, na qual não tem direito a decidir sobre o próprio destino, submissa às expectativas familiares e sociais, a hipocrisia da elite tendo no tocante à moralidade pública, além do paradoxo entre tradição e modernidade.

João Guimarães Rosa, no livro *Primeiras estórias* (1962), nos apresenta um conto, “Desenredo”, com palavras inventadas e orações que imitam o pensamento oral, numa narrativa densa e fragmentada, com períodos compostos por coordenação, em sua maioria assindética.¹ Guimarães Rosa lança mão de diversos recursos estilísticos tais como aliteração, anagrama e a reescrita de provérbios, contemplando invenções linguísticas e reflexões filosóficas, propalando a ideia de que a vida, na esfera humana, é marcada por imprevisibilidade e fluidez, sendo conduzida por desencontros e desconcertos, sem tangíveis explicações.

Assim, escritores potentes como os supracitados exploram, em suas criações literárias, resquícios do real em consonância com o imaginário. Revelam a descontinuidade do tempo, o invisível e o inédito; capturam dilemas, emoções e contradições da existência humana. São agentes de construção da memória e da identidade das sociedades nas quais se inserem. Desafiam visões preconcebidas. Não

¹ "Assindético" é um termo gramatical que se refere à ausência de conjunções para ligar orações, termos ou palavras, caracterizando a justaposição. Em vez de usar conectivos, as orações assindéticas são unidas por pontuação, como vírgulas, pontos e vírgulas, dois pontos ou travessões.

oferecem respostas definitivas, mas provocam reflexões e instigam a inquietação das dúvidas.

Marcel Proust (1871-1922), o grande escritor francês, revolucionou a literatura ao criar um estilo baseado na memória involuntária e na profundidade psicológica. Assim estabeleceu categorias e conceitos numa forma literária entendida como um modo de compreensão do mundo, antecipando a perspectiva de Gilles Deleuze, segundo a qual a arte e a literatura constroem pensamentos e novas possibilidades de percepção.

A literatura é arte! À sua maneira, diferentemente da filosofia e das ciências, estabelece uma função crucial de criação de conceitos. A literatura não coincide com aquelas posto que elas, em muitas circunstâncias, lançam mão de uma linguagem sistemática, enquanto a atividade literária preza pela subjetividade e pela imaginação, fomentando a concepção de ideias e formas de maneira simbólica, eminentemente estética (sensível). O essencial reside muitas vezes no que escapa ao olhar.

No entanto, cada área deve caminhar por critérios de legitimidade distintos. A literatura não tem compromisso com a verdade documental. No entanto, não é ilógica. Não se pode dizer, mesmo em um livro de ficção, que dois cavalos verdes (o cavalo verde seria ficcional), mais dois cavalos verdes sejam iguais a vinte cavalos. O pano de fundo da ficção é alicerçado no real. Mas, certamente, dialoga com sonhos e fantasias. (BAPTISTA, 2022, p. 50).

Segundo Ana Maria Haddad Baptista, a literatura não precisa manter-se fiel aos fatos, e nem por isso é um discurso falso ou ilógico. Há uma coerência interna na ficção literária que mantém uma relação peculiar com a realidade factual. A imagem dos “cavalos verdes” ressalta essa ideia: ainda que o verde desses animais seja irreal, a operação matemática inerente à adição, dentro da narrativa, segue regras lógicas, de modo que a ficção não carece de sua própria coerência interna. A literatura, mesmo que preconize a fantasia e a imaginação, vincula-se racionalmente, de uma forma ou de outra, à realidade.

Mais do que comunicar, a escrita literária engendra conceitos e formas inéditas de pensar e de sentir. A literatura é assim um espaço de invenção e transformação, uma potência criativa que desafia e subverte convenções, normas, experimentando novas formas de expressão e dando voz ao que pareceria indizível. A grande literatura é uma atividade com uma elevada exigência intelectual e estética.

O acesso à literatura deveria ser garantido a todos como um direito humano essencial. Afinal, como diz o professor e crítico Antonio Candido, “pensar em direitos

humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (Candido, 2011, p.174).

Antonio Candido evoca a relevância da empatia e do princípio de igualdade. Ele defende que, para garantir a dignidade universal dos seres humanos, cumpre reconhecer que o essencial para a existência individual também é essencial no âmbito social. É por isso que os direitos humanos são – ou deveriam ser – universais.

Para Candido, a literatura desempenha um papel decisivo na formação humana e na humanização da sociedade, posto que promove o desenvolvimento da sensibilidade, do pensamento crítico e da capacidade de compreender a alteridade. Trata-se de um poder catalisador de transformações sociais, incorporando valores éticos, estéticos, políticos e sociais. Assim sendo, podendo contribuir para a edificação de uma sociedade mais justa e equitativa.

Dito isso, a obra de Marco Lucchesi oferece aportes inestimáveis para a literatura brasileira e universal. Lucchesi edifica sua criação literária como representação da arte pura, engendrando um conceito da literatura que transcende o âmbito artístico, indo ao encontro de saberes universais, dialogando com uma miríade de autores e obras, explorando questões referentes à memória e ao tempo.

Lucchesi se destaca no horizonte literário contemporâneo pelo poder de ruptura das barreiras que fragmentam e compartimentalizam os saberes, propiciando uma fecunda reflexão acerca das problemáticas contemporâneas e das crises existenciais. Afinal, se os autores não são apenas criadores de obras (livros, tratados, poemas), mas representantes e porta-vozes de suas épocas, de seus contextos, culturas e sociedades, o simples fato de escrever não basta para fazer de alguém um escritor, um artista da palavra.

A literatura incita à originalidade, à ruptura, a uma profunda transformação da linguagem e do pensamento mesmo. Deleuze evidencia a distinção entre os que apenas escrevem e os que de fato podem ser intitulados escritores, para além do simples ato de produzir textos, não se limitando à escrita dentro de padrões já estabelecidos. “Considerando-se esses critérios, vê-se que, entre todos os que fazem livros com intenções literárias, mesmo entre os loucos, são muito poucos os que podem dizer-se escritores.” (DELEUZE, 1997, p. 16)

Para Deleuze, a grande literatura envolve mais do que uma escrita consuetudinária, baseada em costumes e nos hábitos de uma sociedade. Ela demanda um compromisso vital com o ato criativo. Experimentação. O grande escritor rompe com convenções, inova e acrescenta algo de singular à fortuna literária de todos os tempos.

Poucos logram essa façanha, a qual requer um olhar singular sobre o mundo e uma exploração tão profunda quanto incansável da linguagem. *Ser escritor* não é meramente escrever, é inaugurar novas vertentes na/da linguagem. E isso pode-se verificar fartamente na obra de Marco Lucchesi. Vejamos:

Diferencial

Uma teia de números vertiginosa
insubmissa e que não cede
ao horizonte exacerbado de silêncio

Centelha que esplandece
aos olhos do futuro

E tudo que não diz
é como se dissesse

(LUCCHESI, 2023, p. 29)

Neste poema, contido em *Hinos Matemáticos*, desvela-se a relação entre poesia e música na criação lucchesiana. O nosso poeta articula conceitos matemáticos, padrões rítmicos, simbologia e metáforas para manifestar emoções profundas e dimensões que ultrapassam a realidade imediata. Lucchesi engendra um universo imaginário no qual números e versos se entrelaçam harmoniosamente numa rede complexa de abstrações, em sintonia com múltiplos estilos da linguagem, conferindo à composição poética uma riqueza singular, uma expressividade inigualável.

O impacto gerado por essa fusão de elementos não se reduz à grandiosidade literária, mas se expande para um patamar de significância, transfigurando-se em um estímulo constante à introspecção e à reflexão crítica sobre as estruturas ocultas e os princípios fundamentais que sustentam a ordem do universo.

Para Deleuze (1997, p. 11), a criação literária é um processo dinâmico, inacabado e interminável, um ato criativo mergulhado no devir, pelo qual o escritor descentra-se para converter-se em outro(s), sendo assim capaz de transpor a experiência concreta do vivido e do vivível, sem ater-se à própria identidade individual ou a uma reprodução mecânica da experiência humana. Este caráter processual e fluido, sempre em devir, em direção à alteridade, faz da literatura um espaço de invenção de novas formas de existência.

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível.

Desde os primórdios da escrita, a literatura tem sido uma poderosa ferramenta de crítica social. A poética é sutil, delicada e carregada de significado. Nós, seres humanos, somos dotados de historicidade, marcados pela ancestralidade, carregamos em nós histórias e estórias. Todo o conhecimento que faz parte da humanidade não é inato, mas social e historicamente construído.

Vinculando a complexidade da existência humana à tradição e à historicidade que nos é constitutiva, a literatura cumpre sua função mais autêntica: permitir uma vivência dinâmica da história em diálogo com as subjetividades. O processo de humanização se dá mediante a síntese entre memórias individuais e coletiva. Por esta razão, não é possível dissociar o papel social da literatura da historicidade.

Há um significativo paralelo entre o papel social da literatura e a historicidade do ser humano. Enquanto arte da palavra, ela põe em questão e ressignifica a experiência humana nos mais diferentes contextos, baseada em aspectos históricos, favorecendo ao leitor a imersão nos dilemas de tempos adversos.

Mesmo com relação aos textos ficcionais, há marcas do contexto histórico no qual foram escritos. A linguagem, os temas explicitados, os cenários e o comportamento das personagens condizem à conjuntura cultural, política e social de um período, fazendo da literatura uma fonte alterosa para a compreensão histórica.

A literatura carrega em si a intencionalidade de questionar narrativas históricas oficiais, dando voz a grupos marginalizados e reinterpretando eventos sob diferentes olhares. Ela não apenas registra, mas também discute e até transforma a percepção da história. Literatura e historicidade estabelecem uma robusta relação caracterizada por uma interação multifacetada.

Neste vínculo, a literatura não se restringe ao papel passivo de registro dos acontecimentos históricos ou de simples espelho da realidade passada; ao contrário, atua de forma ativa, crítica e perspicaz, reinterpretando eventos sob novos olhares, dando significados a episódios para não permanecerem cristalizados em versões imutáveis.

Em seu papel social, a literatura assume um posto preponderante na construção e reconstrução contínua da história, participando ativamente da formulação de discursos

sobre o passado e influenciando a maneira como as pessoas e as sociedades interpretam e ressignificam sua trajetória ao longo do tempo.

Ao compreender a literatura como fenômeno estético, social e histórico, reconhece-se a responsabilidade de inseri-la de forma significativa no espaço escolar, especialmente nos anos iniciais da educação básica. Como refletir-se sobre uma educação problematizadora sem a incumbência da literatura?

A formação do professor polivalente, na referida vertente, precisa contemplar a capacidade de mediar experiências de leitura que permitam aos estudantes acederem à literatura em sua dimensão humanizadora e crítica, garantindo que seu ensino não se reduza a uma abordagem meramente instrumental.

Entretanto, a apontada atribuição implica oferecer ao docente subsídios teóricos e metodológicos para compreendê-la como prática de resistência, de memória e de construção de identidades.

1.2. O conceito de historicidade em Lucchesi e Freire

Historicidade...

A partir da filosofia de Henri Bergson (1859-1941), pela ótica de Deleuze, o “bergsonismo” designa a ideia de que todos os fenômenos humanos, sociais, culturais e intelectuais estão inseridos no tempo e são por ele condicionados. Ideias, práticas sociais e formas de conhecimento se transformam ao encontro dos contextos históricos não-lineares, porque o tempo não pode ser reduzido à medida cronológica e fragmentada de experiências homogêneas.

Dialogar sobre historicidade nas vertentes de Paulo Freire e Marco Lucchesi nos leva a refletir sobre a relação entre educação e literatura, em diálogo com a história, a filosofia e a política, e seu papel conjunto na luta pela transformação social, pela defesa dos direitos humanos e pela promoção de uma cultura da paz.

Encontra-se em ambas a relevância da historicidade, já que educação e literatura são aliadas na construção de uma sociedade democrática e plenamente humanizada. Cada época necessita ser lida dentro do seu contexto; toda verdade é provisória e não se pode ignorar o passado rumo a um futuro desmemoriado. Seres humanos são transitivos, incompletos e, de igual forma, sujeitos históricos.

O conhecimento das humanidades é adquirido nas interações, na soma de experiências individuais e coletivas, no desafio à reflexão crítica. A contextualização

histórica, vinculada à educação e à literatura, é indispensável à conscientização política e à luta de classes.

Assim, a partir do momento no qual as coisas são conceituadas, tornam-se símbolos. A palavra mesma é um símbolo de ação, mudança, sem dissociar-se nunca da existência, porque há de se tornar práxis ao sair do campo das ideias.

A história não é linear, mas ocorre em simultaneidade com todos os tempos contidos no agora. Tudo transita a todo tempo no mundo: a matéria, as condições, o pensamento, a luta por justiça e igualdade. Questões sociais são ontológicas e a historicidade associa-se à criticidade, a fim de combater determinismos.

Em sua vasta obra, Paulo Freire oferece significativas contribuições sociais, especialmente em âmbito educacional. Ele problematiza a relação entre opressores e oprimidos, defendendo que a educação deve ser um ato contínuo de resistência contra a opressão.

Suas ideias favorecem a construção de ambientes educacionais que acolham a diversidade cultural e social. Freire apresenta uma abordagem dialógica, crítica e libertadora que objetiva promover a conscientização e a transformação humanas.

Em *Educação como prática da liberdade*, Freire enfatiza que, numa etapa de transição como a “modernidade”, conflitos surgem entre o passado e o futuro; nesta premissa, há a sobreposição das tendências. Seu escrutínio – embasado em estudos historiográficos, filosóficos, sociológicos e epistemológicos – contempla influências políticas, culturais e sociais diante das relações de poder.

“Não há historicidade do gato pela incapacidade de emergir do tempo, de discernir e transcender, que o faz afogado num tempo totalmente unidimensional — um hoje constante, de que não tem consciência. O homem existe — *existere* — no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se.” (FREIRE, 2024, p. 57).

O tempo é intransferível. É a *duração* conceituada por Bergson. Indivisível. Diante disto, Freire aborda a relação humana com a temporalidade e a historicidade, enfatizando que o ser humano, ao contrário de outros seres vivos (como o gato), obtém a capacidade de discernir o tempo e transcendê-lo, o que lhe proporciona uma compreensão mais aprofundada de sua própria existência, história e tensões.

Noutras palavras, a humanidade é capaz de herdar, incorporar e modificar sua própria realidade. É esta capacidade de *emergir do tempo* que lhe permite temporalizar-se e viver em plenitude a historicidade.

Freire se refere à temporalidade enquanto subjetividade, no sentido do pensamento de Bergson. Segundo Baptista, “o educador brasileiro faz reflexões a respeito da ‘duração’ do tempo com base em Bergson. Poucos sabem de tais trilhas realizadas por Paulo Freire.” (BAPTISTA, 2025, p. 17).

O conceito de historicidade de Freire, apresenta-se em “Pedagogia do Oprimido”, mencionando à inconclusão do(a) homem/mulher e a sua consciência sobre tal condição, que faz com que esteja na permanente busca do espaço existencial que ocupa.

Em vez de se fixar no passado nostalgicamente, o autor incentiva, por meio da educação problematizadora, a reflexão sobre a história como ferramenta para compreensão do passado e transformação do presente, do futuro...

A educação problematizadora, que não é fixismo reacionária, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponda à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos – como “projetos” – como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. (FREIRE, 2010, p. 79).

A educação problematizadora é uma abordagem que tem o intento de superar as práticas bancárias e reacionárias do ensino tradicional, enfatizando os indivíduos como seres históricos, em contínua evolução e desenvolvimento, num panorama elaborado e esperançoso.

É uma concepção que valoriza o potencial humano e a capacidade de mudança no cenário sociológico, que elucida a relevância de direcionar as práticas educativas ao empenho na construção de um mundo melhor, no qual o processo educativo decorre de forma contínua, paralelamente à necessidade de evolução perante a inconclusão humana, resignificando-se na práxis.

No pressuposto, ainda em Bergson, no que tangencia o “jogo dos contrários” e as facetas epistemológicos, enquanto a educação bancária defende o imobilismo, a concepção problematizadora se faz agente de câmbio, respaldando-se na historicidade.

Consonantemente, encontra-se em “Pedagogia da esperança”, o conceito de historicidade na premência da formação humana e na preocupação ontológica que transpassa aspectos políticos.

Direitos são conquistados graças a muita luta, que é histórica e social, inserindo-se no tempo e no espaço. “O que acontece é que a luta é uma categoria histórica e social,

tendo, portanto, historicidade. Muda de tempo-espço a tempo-espço”. (FREIRE, 2022, p. 59). Analogamente, a educação é um processo dinâmico que engloba a historicidade, pois se desenvolve em contextos históricos particulares e não pode ser dissociada do momento histórico-social do qual advém.

Nós, humanos, somos seres históricos, portadores de história(s), capazes de intervir e transformar as circunstâncias por meio de ações coletivas. O conceito freiriano de *historicidade* correlaciona a luta de classes às dinâmicas de opressão e libertação:

Os discursos neoliberais, cheios de “modernidade”, não têm força suficiente para acabar com classes sociais e decretar a inexistência de interesses antagônicos entre elas, como não têm forças para acabar com os conflitos e a luta entre elas. O que acontece é que a luta é uma categoria histórica. Tem, por isso, historicidade. (FREIRE, 2022, p. 129).

Apesar dos discursos neoliberais de “modernidade” e “igualdade”, a desigualdade social os conflitos de classes continuam a vicejar. A luta de classe é uma categoria histórica cujas raízes remontam ao passado; as desigualdades e os interesses antagônicos estão encrustados na dinâmica social e histórica. Em *Pedagogia da autonomia*, Freire evoca a historicidade que nos constitui como um fator indissociável do processo de construção de nossa humanidade, em seus aspectos epistemológicos, destacando a importância do saber e a sua natureza histórica.

O aprendizado é um percurso permanente. Novos conhecimentos superam outros que foram, outrora, novos, tornando-se por sua vez ultrapassados. O entendimento processual do mundo é moldado por experiências e intervenções sucessivas. Por isso, o papel do professor é inspirador quando manifestado com criticidade e militância:

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. (FREIRE, 2010, p. 28).

Desconfiar é sempre necessário. A pedagogia libertária pressupõe indagação, questionamento, criticidade. O passado não se reduz a um presente que deixou de ser. A ciência almeja a verdade, mas esta nunca é definitiva e absoluta; a verdade se constrói necessariamente em circunstâncias provisórias, relativas, por mais que o cientificismo entretenha determinismos e reducionismos diversos.

Freire explicita a significância da historicidade ao considerar um cientista que eventualmente não questione suas certezas e que, sendo incapaz de abrir-se para outras dimensões, arrisca colocar em descrédito o próprio trabalho. A ciência é um campo em constante evolução, na qual a verdade dos fatos supõe a revisão e reconsideração dos acontecimentos e fenômenos, tendo em vista sua transitoriedade histórica. A inquietação e a desconfiança são características do genuíno conhecimento em processo de construção.

Não tenho dúvida do insucesso do cientista a quem falte a capacidade de adivinhar, o sentido da desconfiança, a abertura à dúvida, a inquietação de quem não se acha demasiado certo das certezas. Tenho pena e, às vezes, medo, do cientista demasiado seguro da segurança, senhor da verdade e que não suspeita sequer da historicidade do próprio saber. (FREIRE, 2010, p. 63).

O saber não é algo imutável e eterno, mas historicamente construído, em constante desenvolvimento. Devir. Assim também, a educação requer a humildade pedagógica de reconhecer sua historicidade inerente, a dialética da construção dos saberes e a diversidade das leituras de mundo possíveis, naquilo que tange o outro e ultrapassa a pretensão cientificista. Essa consciência crítico-histórica é essencial para uma prática educativa verdadeiramente científica:

No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica. (FREIRE, 2010, p. 123).

Freire defende a educação em conformidade com o mundo real, na temporalidade (subjatividade) e na historicidade (que difere o ser humano de outros seres vivos), na preservação e acumulação do passado no presente, na memória, na consciência e na liberdade. Sua compreensão da historicidade incide sobremaneira no processo da educação, pois ela se entrelaça com a tessitura do mundo real e com ele se funde. Freire destaca a importância da historicidade, a manifestar-se na subjatividade inerente aos seres humanos e nas ações coletivas que repercutem na luta por um mundo mais justo.

É por meio do conhecimento e da reflexão crítica que o indivíduo pode libertar-se das amarras da opressão e da ignorância que a enseja. Por isso, a liberdade aparece como um princípio basilar da educação freiriana.

A historicidade é não menos inerente à educação. Segundo Freire, a educação deve ser um *ato de amor e de coragem*, visando a construir um saber humanamente significativo e autêntico. Tal perspectiva destaca a educação como uma prática que transcende as barreiras do conhecimento superficial e descontextualizado, abrindo portas

para a construção de um saber não apenas informativo, mas formativo, que transforma e liberta.

Para Marco Lucchesi, a historicidade incide sobre a literatura como uma arte criadora de conceitos e novos mundos possíveis, na busca por uma sociedade mais humanizada, justa e democrática. A literatura tem a virtude de debruçar-se reflexivamente sobre o passado que permanece atual no presente. Lucchesi transita entre a poesia e a história, perpassando seus aspectos filosóficos e epistemológicos. Constrói metáforas ilustrativas da relação entre literatura, sociedade, tempo e história. Engendra uma multiplicidade de horizontes poéticos a confrontar os maquinismos do pensamento instrumental, analisando minuciosamente os processos que moldam a história e a experiência humanas. Lucchesi contempla a tessitura da experiência humana na história, seus saberes e simbolismos: “O céu que cobre nossa vida e como um sonho se dilata, sob a qual se acionam os maquinismos da História, na complexa tessitura temporal. Estudo a sua epistemologia com intensidade, esfinge, pedra e hieróglifo.” (LUCCHESI, 2022, p. 130).

A literatura em sintonia com a investigação histórica e com a filosofia é produtora de valores estéticos valiosos. A apreciação estética é fundamental para a educação dos sentidos e da sensibilidade enquanto tal. Essa educação estética é fundamental para fomentar criatividade, criticidade e solidariedade entre os seres.

Ao tratar-se da literatura, para além ou aquém de periodizações e gêneros discursivos, é preciso refletir sobre o conceito de historicidade. Cada época deve ser lida e interpretada em seus próprios termos, no interior do seu contexto singular, pois toda verdade é provisória. Lucchesi afirma:

"Não é possível enterrar o passado como quem se livra de um fardo, de uma fonte de miragens e dissabores, para abraçar uma espécie de futuro desfibrado e sem músculos. Não queremos um devir neutro e sem raízes. Trabalhamos pelo futuro do passado. Assim, desse tempo moral e verbal que nos cabe, virá a tênue esperança de partilhar com a cidadania os direitos sagrados e inadiáveis da memória." (LUCCHESI, 2016, p. 160).

Lucchesi elucida a importância da memória, capaz de construir pontes entre passado, presente e futuro. O nosso autor se recusa a descartar o passado como um peso morto. Afinal, sem ele o presente se desconfigura. Ademais, um futuro sem raízes é incerto e indesejável. Lucchesi defende a criação de um *futuro do pretérito*, na compreensão histórica, para o alcance da cidadania. Preservar a memória não é, então,

apenas um imperativo ético, mas um direito inalienável e impostergável, fundamental para a identidade e a constituição social.

Dito isso, a historicidade segundo Lucchesi descreve o modo como a sociedade, a cultura, o pensamento e a linguagem são moldados por um contexto histórico. A história não é um conjunto de fatos sucessivos, isolados, estáticos e circunstanciais, mas um processo dialético em contínua interrelação.

A historicidade, que influencia as decisões e direções no presente, para o futuro, requer o (re)conhecimento, a interpretação e valorização da memória, como uma responsabilidade coletiva da qual depende esse direito fundamental do ser humano.

Pode-se divisar parâmetros que integram passado, presente e futuro de maneira coesiva. É necessário que reflitamos sobre a sociedade em que estamos inseridos, que nos posicionemos em nosso contexto histórico para evitarmos a armadilha do pensamento único. Neste sentido, a literatura tem um papel decisivo.

Em *Cultura da Paz*, Lucchesi salienta o poder emancipatório da palavra poética e literária: “A literatura abre todas as celas, que são muitas e sutis, quando não invisíveis, dentro das quais vivemos, todos, sem exceção, mais ou menos conscientes da liberdade que precisamos conquistar.” (2020, p. 35)

Dito isto, a literatura possui uma potência libertadora. Ela tem o poder de transpor barreiras e fronteiras, tangíveis ou intangíveis, objetivas ou subjetivas, de confrontar os condicionamentos e aprisionamentos que limitam a experiência humana por meio de normas, convenções e padrões (sociais, culturais, religiosos, políticos).

Paulo Freire e Marco Lucchesi coincidem na visão da historicidade como conceito que descreve um processo dinâmico, em que as transformações (individuais e sociais) se dão numa relação dialética (e amiúde tensionada), de tal forma que a consciência criativa, crítica e emancipada exerce um papel crucial. Ambos os pensadores destacam a história como um campo de embates e transformações. Assim, a pedagogia freiriana e a literatura lucchesiana são recursos providenciais para desafiar e transformar as estruturas opressoras.

Para Freire, a educação vai muito além de uma mera transmissão de conteúdos predeterminados, de ensinar a decodificar palavras. É uma ferramenta fundamental para o verdadeiro letramento que contempla a interpretação profunda da realidade e a tomada de consciência crítica sobre a realidade em que se está inserido. Na sua visão, o letramento não se limita ao domínio técnico da linguagem; requer a apreensão da realidade, em seu caráter histórico-social, e inserir-se nela com um olhar crítico, capaz de compreender as

estruturas sociais, políticas e culturais que moldam a nossa existência, possibilitando-nos participar, ativa e criativamente, no processo histórico.

Similarmente, Marco Lucchesi defende que a literatura tem um papel essencial na ampliação das percepções históricas, individuais e sociais, sendo inerente para o aprofundamento de perspectivas, experiências temporais e sociais. Mediante a literatura, somos conduzidos a novas interpretações do real, questionando verdades preestabelecidas e aguçando nossa visão de mundo.

Encontramos em ambos os autores a intuição de que a liberdade é um processo contínuo de construção e reconstrução, o resultado de um labor que demanda empenho permanente para superar limitações e injustiças sociais. Neste sentido, a pedagogia e a literatura convergem na promoção de uma conscientização que favorece ao indivíduo a compreensão e reinvenção de sua realidade, considerando preponderantemente a sua historicidade.

Considerando que a historicidade supõe a compreensão de que o ser humano se constitui, em seus processos formativos, numa permanente interação com o tempo e a história, o espaço e a cultura, a formação literária de um professor polivalente deve ser concebida como parte de um percurso histórico-social que lhe confira sentido, valores e práticas.

A relação entre literatura e educação é crucial central para a formação docente, sobretudo a de um professor polivalente, capaz de transitar por diferentes áreas do conhecimento sem perder de vista a dimensão integralmente humana do processo educativo.

A literatura na educação amplia horizontes culturais e oportuniza a construção de vínculos entre o conhecimento escolar no âmbito institucional e as experiências de vida dos educandos.

Nesse contexto, a pesquisa empírica qualitativa assume um papel relevante, uma vez que possibilita investigar como os professores constroem suas práticas pedagógicas em diálogo com a literatura, refletindo sobre a historicidade de suas vivências em relação ao modo do seu ensino e como podem ressignificá-las nos primeiros anos de ensino da educação básica I.

O entrelaçamento entre historicidade, literatura, educação e pesquisa empírica qualitativa mostra que a formação literária do professor polivalente não se restringe a uma dimensão técnica, mas implica a constituição de uma identidade pedagógica mais contextualizada.

I.3. Literatura e educação

A trajetória educacional no Brasil, como se vê nos dias de hoje, tem suas raízes no período colonial, marcada pela atuação da Companhia de Jesus, enviada pela Igreja Católica. Inicialmente, o foco era catequizar e domesticar os povos originários com métodos eurocêntricos, autoritários e hierárquicos. Naquela época, a escrita religiosa ganhou destaque com a produção de obras que transmitiam os ensinamentos e valores católicos. Com o tempo, surgiu a necessidade de oferecer educação aos colonos europeus residentes em território brasileiro, resultando em um ensino mais erudito. No entanto, como os jesuítas não atendiam aos interesses dos colonizadores, foram expulsos do país.

Com a vinda da família real para o Brasil, novas escolas foram criadas, incluindo instituições de ensino técnico e superior, voltadas às demandas da aristocracia colonial. Consequentemente, a educação brasileira se tornou uma atividade institucionalizada, ministrada em locais próprios e específicos.

A “Independência” do Brasil, em 1822, ergueu a bandeira de uma nação supostamente “livre”; todavia, onerada com uma dívida de mais de três milhões de libras esterlinas junto à Inglaterra, contraída por Portugal, que a deixou de “herança” para nós. O país ainda permaneceu por mais sessenta e seis anos como escravocrata, com sérios problemas sociais. Esses problemas se refletiam no ensino brasileiro do século XIX, com a educação caracterizada por grande influência da cultura europeia, desigualdades e injustiças.

Assim, apesar de ter havido alguma expansão da educação pública no panorama nacional, ela estava centralizada em disciplinas que fragmentavam o conhecimento, tais como leitura, escrita, aritmética e educação religiosa, enfrentando muitas dificuldades ao exposto da escassez de professores e da falta de estrutura física.

No entanto, devemos lembrar que conforme os saberes foram sendo institucionalizados a fragmentação entre eles foram tomados rumos que somente aumentaram a distância entre eles. De repente um determinado conteúdo deixa de dialogar com outros e assim por diante. (BAPTISTA, 2022, p. 16)

Somente com a valorização da língua vernácula intensificou-se a busca por uma cultura e identidade nacional próprias. Literatos românticos – como Gonçalves de Guimarães, Gonçalves Dias, José de Alencar, Castro Alves e Álvares de Azevedo – passaram a defender o uso o português próprio do Brasil. Eles introduziram na língua o vocabulário indígena e popular, incorporando elementos culturais regionais em suas

obras, rompendo assim com o modelo lusófono – mais uma vez, assoma-se a primazia da literatura na educação e na sociedade.

Deste modo, a literatura – que segundo Candido (2009) representa um veículo de legitimação da realidade local – estabeleceu-se como base para um projeto nacionalista, com início no Romantismo e auge no Modernismo. Foi, com efeito, um processo de *abrasileiramento*:

Descrever costumes, paisagens, fatos, sentimentos carregados de sentido nacional, era libertar-se do jugo da literatura clássica, universal, comum a todos, preestabelecida, demasiado abstrata – afirmando em contraposição o concreto espontâneo, característico, particular. (CANDIDO, 2009, p. 333).

Antonio Candido elucida a busca, no cenário brasileiro, por uma identidade cultural que se distanciasse das influências da literatura clássica e que buscasse valorizar aquilo que é singular, autêntico, concreto e espontâneo, em oposição ao pretenso universalismo (na verdade um eurocentrismo) trazido de Portugal.

Com o fim do regime militar, em 1985, a educação vem a ser discutida com um olhar mais amplo e democrático. Em 1996, com o surgimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a premissa da educação universaliza-se efetivamente, propondo como pilar o ensino fundamental gratuito e a gestão democrática, com maior autonomia pedagógica e administrativa. A LDB 9394/96 determinou diretrizes curriculares para o ensino de literatura nas escolas brasileiras, ressaltando a necessidade de se trabalhar com obras literárias que correspondessem à diversidade cultural do país.

Além de considerar o diálogo com outras áreas do conhecimento para promover o desenvolvimento da leitura, da escrita e da interpretação de textos, também propunha estimular a criatividade e a expressão artística, a fim de promover a formação de uma identidade crítica e consciente dos educandos (ao menos em teoria).

Ao longo dos anos, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional passou por alterações pautadas pelas discussões, demandas e necessidades surgidas na sociedade brasileira recente. Com a fortaleza do capitalismo, a Escola, em sua forma geral, passou a se organizar, implicitamente, para atender as demandas do mercado, tendo em vista que a relação entre o Estado e o capital é visceral, um fortalecendo o outro, elencando os seus objetivos de forma unificada, por meio de um consumismo implacável. A sociedade que se encontra entre as potências ilude-se amiúde com as promessas de satisfação que o consumismo oferece.

Em *Capitalismo parasitário* (2010), Zygmunt Bauman debate a dinâmica das relações econômicas na sociedade contemporânea, numa abordagem crítica ao sistema capitalista. Segundo Bauman, o capitalismo redundava em alienação individual e coletiva, favorecendo as desigualdades sociais, que são centrais em sua análise:

Em nosso mundo volátil, de mudanças instantâneas e erráticas, os hábitos consolidados, os esquemas cognitivos sólidos e a preferência por valores estáveis - objetos últimos da educação ortodoxa - transformam-se em desvantagem. Pelo menos, este é o papel que lhes oferece o mercado do conhecimento. (BAUMAN, 2010, p. 25)

A educação e a instituição escolar são construídas historicamente, concomitante aos interesses e às necessidades de cada sociedade, sofrendo influências de forma direta e indireta da economia vigente e dos diferentes poderes. A literatura, neste sentido, porta um importante papel emancipatório ao levantar questionamentos quanto às problemáticas políticas e sociais, além de ofertar um espaço para a crítica e a imaginação de futuras alternativas. A literatura inspira mudanças e favorece a liberdade.

O levantamento histórico se faz necessário, uma vez que fatores epistemológicos sobrelevam as dimensões socioculturais da humanidade. Refletir sobre o passado é um imperativo *sine qua non* para entender o presente e ressignificá-lo criticamente. A história não é linear, mas avança em simultaneidades; todos os tempos estão contidos no agora.

O Brasil encontra-se numa constante busca de identidade. A educação nunca foi, não é e nem será neutra, mas se mostra permeada sempre por intencionalidades diversas. O papel social da literatura perpassa o tempo e o espaço no contexto histórico educacional.

Se não dispomos de uma gramática descritiva da língua do paraíso, intuimos suas virtudes poéticas, no plano das essências, na primeira aurora do mundo, pondo-se em marcha a nomeação adâmica, quando o curso do rio e das estrelas formava um só destino. Essa língua impensável requer uma projeção utópica, mediante poetas e tradutores que digam adeus às névoas do UNO e abracem vigorosamente o Múltiplo... (LUCCHESI, 2016, p. 27).

A literatura, como linguagem, e sua relação com a essência do mundo e da atividade criativa, detém um estado primordial de comunicação. Palavras são significados essencialmente correlacionados à realidade universal. Desde os primórdios, nas escrituras bíblicas, Adão já nomeava as demais criaturas. Analogamente, Lucchesi (2016) notabiliza o poder da linguagem de engendrar realidades. A palavra é a matéria-prima da literatura. A sua manipulação habilidosa é o que dá vida ao fazer literário. As palavras são

condutoras. Por meio delas socializa-se o conhecimento, expressa-se ideias, constitui-se perspectivas.

Deleuze (1997) faz uma acentuada reflexão sobre a relação entre o ser humano, a literatura e a condição do mundo:

O mundo é um conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro (haveria aqui a mesma ambiguidade que no atletismo), mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe, contudo, devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis... (DELEUZE, 1997, pp. 13-14).

Segundo o filósofo francês, este mundo é repleto de “sintomas”, índices de uma “doença” que seria inerente à humanidade. Não obstante, a literatura é um meio de resistência, um veículo para a expressão de experiências humanas, uma forma de saúde, uma capacidade de lidar com as complexidades e os desafios da existência.

Há no Brasil, quanto ao ensino de literatura na educação infantil e ensino fundamental I, fatores que dificultam uma prática eficaz referente à formação de leitores. Dentre eles, a defasagem na formação dos professores, já que, muitas vezes, eles próprios desconhecem a função social da literatura.

A abrangência de haver a qualificação do ensino da literatura nas escolas ocasionou a necessidade de trazer-se à esfera documental oficial instrumentais como: os Parâmetros Curriculares Nacionais e, a posteriori, a Base Nacional Comum Curricular, objetivando reestruturar a proposta pedagógica da educação básica em âmbito nacional no Brasil.

A leitura literária na escola é indispensável. Objetivos e práticas pedagógicas bem elaborados e definidos são cruciais, não podendo ser confundidos com a mera transmissão de conteúdos *sobre* ou *de* literatura, muito menos como um mero entretenimento.

Se a educação literária se constrói ao lado da formação de leitores de modo geral, uma vez que não há como acessar o universo da palavra artística se não houver iniciação no universo da leitura, refletir sobre hábitos leitores no Brasil pode ser um interessante ponto de partida para pensar as relações entre literatura e ensino. (AGAZZI, 2014, p. 444).

Agazzi destaca a relevância da educação literária na formação de leitores habituais, assinalando que a vivência cotidiana da leitura é imprescindível para a manutenção de uma vida literária. Ou seja, para os indivíduos desenvolverem o apreço

literário e compreenderem a expressão artística da palavra, é necessário um processo de iniciação à leitura.

Ainda, a reflexão acerca das práticas de leitura no Brasil pode proporcionar maiores entendimentos sobre a intersecção entre literatura e ensino, auxiliando na identificação de desafios e oportunidades na promoção da leitura e da literatura nas escolas, contribuindo para uma formação mais abrangente dos estudantes.

Com isso, inclusive, somos obrigados a repensar, continuamente, em que medida a escola atua na vida de seus estudantes. Sob tal perspectiva, a nossa proposta, nada inovadora (temos que admitir), é sonhar e pensar em que medida a literatura pode ser um dos únicos caminhos que possam conduzir, de fato, aos sonhados jardins que possibilitam não somente a liberdade do pensamento. Mas, sobretudo, como exercitá-lo. Por que a literatura? Em que sentido? (BAPTISTA, 2022, p. 16).

A experiência literária contribui intrinsecamente no processo de humanização à medida que coloca em atrito a memória coletiva e a individual para impulsioná-la e potencializá-la. A escola tem o papel preponderante de garantir este direito aos estudantes, fornecendo tempo, acervo e espaço para o ensino e mediação da arte da palavra, juntamente dando respaldo e contribuindo na formação continuada do professor para edificar-se enquanto leitor e mediador.

Como despertar o interesse dos alunos pela literatura e fazê-los contemplar toda a sua beleza, intencionalidade e importância? O professor também precisa ser um contemplativo literário, um leitor apaixonado, capaz para guiar os estudantes para leituras significativas.

Assim, gradativamente, será possível substituir a leitura obrigatória da escola pela leitura pelo prazer de ler e compreender o mundo através da literatura: “A humanização está nesse jogo, ativo e perturbador, proporcionado pela experiência literária, que coloca em atrito a memória coletiva e a individual ao aproximar o sujeito do texto literário.” (AGAZZI, 2014, p. 446).

O ensino da literatura nas escolas, especialmente no que diz respeito à leitura literária, tende a ser abordado de forma dogmática e exaustiva, o que não incentiva a leitura por prazer.

Contudo, existe uma conexão profunda entre o ser humano e a literatura, e a leitura literária vai além dos livros em si. Ela envolve a maneira de compreender a leitura de forma peculiar a própria literatura, considerando também seus aspectos filosóficos, históricos, políticos e sociais.

É fundamental focar no que o texto literário comunica por si só. Tal entendimento é crucial para refletir sobre o ensino da literatura e questionar como ele está estruturado atualmente.

A relação entre literatura e educação é um campo dinâmico que se transforma em função dos contextos temporais. No mundo contemporâneo revela-se como um elemento central para a formação crítica e estética do indivíduo, bem como para a construção social do conhecimento.

Na contemporaneidade, a literatura assume papel estratégico na educação ao promover o desenvolvimento da linguagem, da reflexão crítica e da sensibilidade cultural, funcionando como um instrumento de aproximação entre o sujeito e as múltiplas dimensões da experiência humana.

O ensino literário contemporâneo necessita transcender à instrução gramatical, para incorporar-se a abordagens interdisciplinares que estimulam a interpretação, a análise de contextos socioculturais e a expressão criativa.

No Brasil de hoje, a educação literária consolidou-se como prática institucionalizada, presente em diversos níveis de ensino, desde a educação básica até a formação superior.

No enfoque da atualidade é impreterível valorizar a diversidade linguística, cultural e social, reconhecendo distintas narrativas como manifestações orais e escritas de diferentes comunidades para favorecer a construção de uma educação inclusiva, crítica e sensível às transformações culturais e tecnológicas.

Desta maneira, a literatura e a educação, se articuladas como instrumentos complementares na formação de indivíduos críticos, conscientes e participativos, aptos a interagir de forma ética e responsável no contexto da contemporaneidade, pode trazer à escola uma utilidade e significância para a vida, o que desde o passado sempre foi motivo de questionamentos, como evidenciado em “Confissões de Agostinho”, na Antiguidade Tardia.

Fui enviado para a escola para aprender as primeiras letras. Para minha infelicidade, não entendi a utilidade desse trabalho; mas, se me mostrava preguiçoso, era castigado a vara. Era um sistema recomendado pelos adultos, e muitas crianças antes de nós, que tiveram essa experiência, haviam aberto o doloroso caminho que agora éramos obrigados a percorrer, multiplicando os trabalhos e dores dos filhos de Adão.” (AGOSTINHO, 2007, p. 6).

No entanto, para isso, a literatura na escola da atualidade, sobretudo pública, deve desempenhar um papel pedagógico ao possibilitar o diálogo com temas sociais

emergentes, como identidade, cidadania, pluralidade cultural e ética ambiental e pensar nesta perspectiva, engloba inadiavelmente o investimento na formação literária docente.

II. MARCO LUCCHESI: LITERATURA E EDUCAÇÃO

II.1 Marco Lucchesi: uma breve biografia

Sagitariano, de espírito simples e majestoso, aventureiro e explorador, Marco Americo Lucchesi nasceu em Copacabana, no Rio de Janeiro, em 9 de dezembro de 1963. Uma pessoa que combina inteligência, senso crítico e gentileza, que usa seu conhecimento com empatia e respeito pelos outros. Que transmite compreensão e acolhimento em suas ações. Um embaixador da liberdade e da paz!

É filho único de Elena Dati e Egidio Lucchesi, italianos oriundos de Massarosa, um pequeno povoado no norte da Toscana, que migraram para o Brasil nos anos 1950, por causa de um convite feito ao seu pai para trabalhar em um sistema de rádio. Anos depois, a avó materna chegou ao país. Assim, a família se estabeleceu no Rio de Janeiro.

Desde a infância, Marco Lucchesi teve uma educação bilíngue. Na esfera familiar, a língua aprendida em seus primeiros anos de vida foi o italiano. Entretanto, crescendo no Brasil, apropriou-se da língua portuguesa na escola e com os colegas de rua. Uma formação bilíngue, como a sua,

[...] significa pertencer a duas casas, a alçadas complementares e contrárias, com a percepção do significante que antecede a expressão, o amplo vestuário para um mesmo significado e os alfaiates lexicais sem férias nem remuneração. (LUCCHESI, 2017, p. 25).

Ainda criança, também aprendeu o espanhol e o inglês, tornando-se precocemente poliglota. Aos doze anos, foi a vez do alemão e do francês. Na adolescência, apropriou-se do russo. Assim, Lucchesi teve contato com uma multiplicidade de idiomas desde cedo, desenvolvendo uma rara habilidade de se comunicar em várias línguas.

Aos trinta anos aprendeu o árabe, tendo a oportunidade de praticá-lo em países como Líbano, Síria, Egito, Marrocos, Arábia Saudita, Mauritânia, Paquistão e outros. Essas viagens aconteciam por ocasião de convites que recebia para dar palestras e dos lançamentos de muitos dos seus livros, mas também pelo puro prazer de viajar e conhecer culturas diferentes.

Lucchesi faz questão de demonstrar a afinidade que possui com o mundo árabe: “O árabe é uma pele que reveste a nudez antediluviana da palavra, com tecidos finos, como a renda; transparentes, como a seda; ásperos, como a pele de camelo; cortantes, como a espada; ou sinuosos como o rio.” (LUCCHESI, 2000, p. 61).

Tornou-se fluente em mais de vinte idiomas, incluindo o romeno, o persa e o latim. Para Lucchesi, poder habitar tantos idiomas perfaz o desejo de conversar com outras pessoas e culturas, de expandir fronteiras e abolir as barreiras da comunicação: “trago comigo mais de vinte domínios ou vinte fantasmas. Casas vazias, casas habitadas”. (LUCCHESI, 2017, p. 25).

Comunicar-se em muitas línguas é um fator (entre tantos outros) que demonstra a flexibilidade cognitiva e a habilidade de pensamento crítico de Lucchesi, possibilitando habitar o *alhures* e ocupar um espaço fora do lugar, do centro normativo da cultura e da identidade. Espaço de deslocamento, alheio a um destino definido, de saberes aprofundados, de alteridade...

Enfim, o conhecimento de várias línguas contribui para a construção de pontes interculturais, favorecendo a cooperação, o entendimento mútuo e a convivência pacífica em sociedades cada vez mais heterogêneas e interligadas.

Atualmente, Lucchesi se dedica ao aprendizado do *nheengatu* (“língua verdadeira ou língua geral”), ou seja, o *tupi* moderno, uma língua indígena pertencente à família tupi-guarani. Ela foi desenvolvida pelos povos originários na Amazônia e em outras regiões do Brasil no decorrer do período colonial. Hoje, infelizmente, está em risco de extinção: “São Gabriel *mairi turusú uikú waá Paranãwasú rembiwa upé* [...]. Conquistado pela demografia das vogais (espécie de canto solar), pelo balanço entre fonemas orais e nasais, segundo critérios sutis de modelagem, no insólito diálogo com a língua portuguesa.” (LUCCHESI, 2024, p. 19).

Marco Lucchesi sempre aponta para a importância das culturas indígenas como guardiãs de conhecimentos ancestrais, tradições e maneiras de expressão que engrandecem a riqueza cultural do Brasil. Ele busca incansavelmente a promoção do respeito e da preservação das identidades indígenas, defendendo a inclusão de suas vozes no bojo da cultura brasileira, objetivando sensibilizar a sociedade para a importância de conservar a sua riqueza. Ademais, valoriza a conexão dos povos originários com a natureza, a espiritualidade e a sabedoria tradicional.

Além de transitar entre múltiplos idiomas, exercitando sua criatividade e liberdade, Lucchesi desenvolveu um sistema linguístico novo, o *laputar*, língua fictícia falada pelos habitantes de Laputa nas *Viagens de Gulliver*, o clássico de Jonathan Swift. Lucchesi chegou a publicar uma gramática *laputar*, com texto bilíngue, prefácio e glossário.

Trata-se de uma língua perdida, que procurei, como paciente e desesperado arqueólogo, trazer de volta aos nossos dias, na medida de minhas forças, apesar dos inúmeros entraves criados pela mistificação do livro *Gulliver's Travels*. Sou o primeiro a reconhecer-lhe a insuficiência, baseada num forte conjunto de lacunas. E, no entanto, orgulho-me de haver fixado certos pontos da sintaxe e da morfologia laputar. A que se soma um breve glossário extraído de documentos incertos e disparatados. (LUCCHESI, 2015, p. 5).

Lucchesi mergulhou na literatura e na música desde cedo. Quando pequeno, ouvia o pai recitar trechos da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri. A avó materna narrava para ele as histórias de *Orlando Furioso*, o épico de Ludovico Ariosto. Sua mãe tocava piano e cantava cantigas de ninar.

Aos oito anos adquiriu o volume de *Poemas*, de Gonçalves Dias, em sua primeira ida desacompanhado a uma livraria de Niterói. Com a mesma idade iniciou os estudos de piano e nunca mais abandonou o instrumento musical de cordas percutidas.

Outra peculiaridade de Marco Lucchesi é sua paixão pela astronomia. Sempre demonstrou interesse pelas questões referentes à vastidão do universo, o cosmos, em sua sede de compreensão do infinito.

Aos doze anos adquiriu seu primeiro telescópio: “A astronomia veio com o primeiro telescópio, aos doze anos, e que continua hoje, sob o céu de Itacoatiara, sob o reinado de outro telescópio de ótima abertura, que me acerca de algumas formas celestes.” (LUCCHESI, 2022, p. 130).

Assim, a astronomia serviu de inspiração para suas reflexões sobre o infinito, o tempo e a existência. Sua escrita apresenta uma perspectiva que une o universo físico às circunstâncias humanas e espirituais. Mediante a reflexão filosófica acerca da posição do ser humano no universo, Marco Lucchesi estabelece uma conexão entre literatura e ciência, de forma sensível e complexa.

Ainda bastante jovem apreciava escrever cartas para Carlos Drummond de Andrade, e era respondido por ele. Sonhava em conhecê-lo pessoalmente; aos vinte e um anos, seu sonho virou realidade. O encontro aconteceu numa festa do jurista e escritor Afonso Arinos de Melo Franco.

Sua formação acadêmica foi em história, pela Universidade Federal Fluminense, UFF, concluída em 1985. Lucchesi apreciava autores que propunham reflexões sobre *cronotopia* (forma como as relações temporais e espaciais são assimiladas em obras artísticas para auxiliar na construção de uma atmosfera específica na história). Sempre considerou a literatura um espaço crucial para a realização do que almejava: escrever

poesia, ensaios, romances e memórias. Por isso, na pós-graduação, dedicou-se a estudar literatura comparada, considerando seus contextos históricos e referenciais metodológicos.

Seu mestrado (1989) e doutorado (1992) foram em letras, também pela Universidade Federal Fluminense. Sua tese de doutorado versou sobre Dante Alighieri, o que resultou em um de seus livros, *Nove cartas sobre a Divina Comédia*. Aí, explora diversos aspectos do clássico de Dante: sua estrutura, abordagens, simbolismos e o impacto que teve na literatura universal ao longo dos séculos, até os dias atuais. Lucchesi se detém sobre o significado da obra e sua relevância para a compreensão da história, da moral e da espiritualidade em consonância com a apreciação artística.

Minha cara amiga, meu caro amigo, Desejo convidá-los para uma navegação de cabotagem ao longo do litoral da Divina Comédia, viagem sem maiores riscos, longe de vendáveis filosóficos e de arrecifes de notas que ameacem nosso navio. Apresento aqui os itens básicos: um atlas, uma bússola, em direção a alguns cantos da Comédia. Volto ao porto em boa companhia. A bem da verdade, não posso dizer que volto à Divina Comédia, porque dela não saí desde que me enamorei de sua admirável trama, que refulge, cristalina, como o toσό de ouro dos argonautas. (LUCCHESI, 2021, p. 21).

No pós-doutorado, concluído em 1994, na Universidade de Colônia, Alemanha, aprofundou seus conhecimentos em filosofia, com foco no Renascimento Italiano, um período importante na história do pensamento ocidental, marcado por redescoberta e renovação de ideias clássicas. Debruçou-se então sobre o pensamento de um dos principais autores da época, o neoplatônico Marsílio Ficino (1433-1499), figura multifacetada, filólogo e intérprete de textos antigos, além de médico e filósofo. Suas ideias tiveram uma influência inestimável na filosofia renascentista e para toda a posteridade.

Por suas contribuições à literatura e à cultura universais, recebeu o título de *doutor honoris causa* pelas universidades de Tibiscus e Aurel Vlaicu da Romênia. Igualmente foi condecorado a comendador da República Italiana devido às suas tantas ações em prol da cultura.

Recebeu prêmios nacionais, como a Ordem Nacional do Mérito Científico, o Jabuti, Alceu Amoroso Lima, da Costa e Silva, além de outros internacionais: do Ministério da Cultura da Itália, George Bacovia, da Romênia e Miguel Álvares de los Rios, da Colômbia.

Historiador de formação, Lucchesi viajou pelo mundo e teve a oportunidade de ver sistemas literários, suas peculiaridades, tradições, associações, movimentos e

editoras, em países como Itália, Irã, Turquia, Grécia, Rússia, Romênia, entre muitos outros. Procurou assim compreender a conexão entre história, literatura e cultura, dedicando-se a diversos projetos.

Também ministrou palestras por todo o Brasil e em universidades de vários países do exterior, pelos quatro continentes do mundo. Investigou a dimensão ética da tradução por meio de análises sobre deslocamentos semânticos e culturais que ocorrem na passagem do texto de partida para o texto de chegada. Para ele, é crucial equilibrar a técnica artesanal de traduzir palavras com o conhecimento da história e da literatura de cada nação, ajustando sentidos conforme o contexto, alinhando compreensivamente teoria e prática para manter rimas, métricas e sentidos adequados.

Como tradutor, verteu ao português textos de autores como os italianos Umberto Eco e Primo Levi, o poeta persa Yalāl ad-Dīn Muhammad Rūmī e o paquistanês Muhammad Iqbal. Suas traduções foram decisivas para a divulgação desses autores, enriquecendo a literatura e o conhecimento global.

Os livros de Marco Lucchesi foram traduzidos para mais de vinte línguas. Isso é um índice do alcance da sua literatura e de sua magnitude no cenário literário mundial. Muitas teses acadêmicas têm suas obras como objeto de estudo, ressaltando a sua inserção no meio acadêmico, em estudos e projetos de pesquisa sobre literatura.

Professor titular de literatura comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), propõe reflexões a respeito da intersecção entre literatura e outras áreas do conhecimento, como: história e filosofia, destacando como tais disciplinas se entrelaçam e juntas auxiliam a uma compreensão mais profunda do mundo, permitindo uma visão poliforme da realidade.

Marco Lucchesi também desempenhou com proficiência o papel de editor das revistas *Poesia Sempre*, *Tempo Brasileiro* e *Revista Brasileira* da Academia Brasileira de Letras.

Graças à etnomatemática de Ubiratan D' Ambrosio (matemático, educador e teórico da educação matemática, defensor da transdisciplinaridade e da transculturalidade que preza por novas epistemologias e uma abordagem inclusiva e criativa do ensino matemático), se enamorou com esta área do conhecimento.

A etnomatemática é, sem sombra de dúvidas, um divisor de águas no campo dos saberes, que tangencia a hermenêutica e a história da matemática, rasgando novas fronteiras. E me levou a pensar, de modo mais estruturado, em uma poética da matemática. (LUCCHESI, 2020, p. 167).

Superando a frustração do seu aprendizado da matemática nos anos escolares, Lucchesi compreendeu posteriormente as afinidades profundas entre ela e a literatura, vindo a defender a unidade entre ciências exatas e humanas. Para ele, ambas são fenômenos de cultura, pertencentes à sociedade e à natureza ao mesmo tempo: “Os fractais encantam e redimem. Salvaram-me da didática do ensino médio, confirmando uma atração inconfessável, que a matemática exercia sobre mim, de forma ambígua e atormentada.” (LUCCHESI, 2024, p. 69).

Em 2011 foi eleito a membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando a cadeira de número 15 e a presidindo entre 2018 e 2021. A experiência como docente e pesquisador na área de literatura e cultura contribuiu para seu papel na respectiva instituição e na disseminação do conhecimento literário no país.

Sua atuação na Academia Brasileira de Letras, consequentemente, incluiu a promoção da literatura e da cultura brasileiras. Participou de diversas iniciativas e discussões em tal aspecto.

Assumiu a presidência da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) em 2023, segunda instituição mais antiga do Brasil, com a missão de torná-la desemparedada, mais transparente e acessível.

Tem modernizado seu acervo centenário, composto por mais de dez milhões de itens. Para Lucchesi, afinal, a FBN do século XXI deve avançar cada vez mais na digitalização do seu acervo, além de ampliar o acesso às informações e repertoriar pesquisas.

É membro de outras instituições, como a Academia de Ciências de Lisboa, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Accademia Lucchese, da cidade de Lucca, na Itália, e o Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta de Portugal.

Participou de um grupo no Conselho Nacional de Justiça (CNJ) dedicado à defesa do direito à leitura em espaços de reclusão, com o escopo de impulsionar a inclusão social e o acesso à literatura para pessoas privadas de liberdade, reconhecendo a importância da leitura como um instrumental de transformação e reintegração social.

Antes da pandemia, costumava visitar cárceres para dar aulas em escolas que funcionam nesses ambientes, oferecendo, por meio da literatura, novos horizontes e possibilidades de reflexão para os indivíduos que se encontravam em situação prisional, criando assim um espaço para que os participantes se sentissem livres para expressar suas emoções e experiências. Sua dedicação a este projeto refletiu em seu compromisso com a justiça social e a cultura de paz.

Marco Lucchesi é um exemplo eloquente da conectividade entre literatura, educação e vida, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional. Sua trajetória como acadêmico, tradutor e gestor cultural demonstram o poder revolucionário e educativo da literatura de ampliar conhecimentos e promover o entendimento entre diferentes culturas e épocas.

É autor de tantas obras como *Adeus Pirandello*, *Rudimentos da língua laputar*, *Carteiro imaterial*, *Cultura da paz*, *Hinos matemáticos*, *Marina*, *Nove cartas sobre a Divina Comédia*, *Olhos do deserto*, *Pedra riscada*, *Poesia mundi* etc.

Ao expor-se no I Colóquio Marco Lucchesi, realizado em Roma, em janeiro de 2024, a autora de livros infantis e acadêmicos, também professora e coordenadora de Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), Mônica de Ávila Todaro, refere-se a Lucchesi como uma “Linguagem poética que (nos) movimenta”:

No seu estilo único, Marco Lucchesi nos convida a surfar em ondas cada vez mais altas à medida que adentramos em uma literatura interpenetrante. Leio e pareço ter sido lida pelo autor. Leio e preciso escrever sobre o que li. (TODARO, 2024, p. 35).

Lucchesi não somente absorveu a literatura como um entusiasta, ele a tornou um meio educativo para transcender barreiras culturais e temporais e eternizar-se na memória daquele que o lê, perfazendo um diálogo intercultural contínuo referente à condição humana.

Sem dúvida, a arte da palavra é imprescindível para o crescimento intelectual e emocional da sociedade. Dito isso, Marco Lucchesi evidencia como a literatura é fundamental para educar e unir as pessoas, ampliando horizontes e fortalecendo a compreensão mútua em um mundo que ainda é tão compartimentalizado.

Portanto, inseri-lo na educação, na formação de professores polivalentes, pode qualificar a escola pública enquanto espaço de formação do ser humano, que transita pelo meio, o transforma e se transforma.

Deste modo, emanando a possibilidade de abertura de novos portais, construindo mapas afetivos e políticos da realidade, reconhecendo o poder da linguagem e da poesia, em consonância com uma temporalidade que não é cíclica, pois é histórica e composta por diferentes contextos.

Há de repertoriar-se para refletir; refletir para capacitar-se; e, capacitar-se para agir na sociedade a qual se integra.

II.2 Marco Lucchesi e a literatura

“O poeta é uma fera cercada de palavras”

(LUCCHESI, 2025, p.22)

No que concerne à relação entre o poeta e o universo das palavras, à luz da uberdade poética e filosófica, ao afirmar que “o poeta é uma fera”, Lucchesi destaca uma natureza selvagem, instintiva, que detém uma força intrínseca e imponente, uma intensidade que triunfa sobre a racionalidade comum para transformar, de forma visceral e autêntica, emoções e experiências em arte.

Esta fera está cercada de palavras como uma condição fundamental do poeta. Elas servem como um espaço no qual a fera, enquanto essência criativa do poeta, esbraveja e manifesta a sua selvageria, se expressando ao mundo.

Logo, o poeta é uma entidade complexa, quase mítica, que habita um universo de palavras, manipulando-as, um espaço de conflito e beleza que pode libertar sua essência e, por meio de sua sensibilidade, transformar esse cercado em uma espécie de território de liberdade no qual a força bruta da emoção encontra a delicadeza da linguagem.

A fera refere-se à intuição, ao lado mais primal do ser humano, enquanto as palavras representam a racionalidade, a cultura e a linguagem. O poeta é aquele que consegue domar a fera com as palavras, estabelecendo o equilíbrio entre o instinto e a expressão consciente.

A literatura oferece possibilidades infinitas de criação, de reinvenção, de diálogo com o leitor, numa relação de tensão e harmonia.

Pero son la música, la palabra escrita, las artes, en general, lo que nos salva. El alma del ser humano se alimenta de intangibilidad y amor, ese es el verdadero motor: saberse seres finitos cuyo camino consiste en dejar huellas creadas con verdadero amor. El futuro, cuando el cuerpo desaparezca, regalará a los otros las obras que nos sobreviven. (GONZÁLEZ, 2024, p. 60).

Em sua participação no I Colóquio Internacional Marco Lucchesi, em 2024, Montserrat Villar González – professora de espanhol, tradutora, poeta, ensaísta e ativista cultural – explicita a importância da literatura enquanto manifestação artística.

Assim como a música e as artes em geral, a literatura é uma forma de salvação e de nutrição da alma. A autora frisa que o alimento para o espírito humano é a *intangibilidad*: emoções, sonhos e amor, verdadeiros motores da vida, motivando a deixar marcas e obras criadas com sinceridade, sensibilidade e afeto.

Na condição de seres finitos, marcados por instantes e olhares que escavam algum sentido diante do risco e da graça de estar no espaço por um tempo variante, que ninguém sabe quantificar, os indivíduos deixam de existir fisicamente em determinado momento. O escritor, por sua vez, permanece e permite que outros também permaneçam vivos em suas obras, que carregam essência e continuidade da existência ao formar um legado que ultrapassa a vida física.

Desta maneira, a literatura se torna uma ponte entre o passado e o presente, um ensejo de eternizar emoções, pensamentos e experiências, assegurando que a memória e a criatividade humanas continuem a inspirar gerações futuras. Transcendendo a cronologia linear, a arte da palavra dissipa a ideia de que os acontecimentos se estabelecem de forma encadeada e fixa, para reconhecer que o tempo pode ser compreendido por ângulos circulares, simultâneos e entrelaçados, dentro de alguma cosmologia.

Se a literatura tem um papel fundamental na sociedade, atuando como uma forma de expressão cultural, meio de comunicação e instrumento de preservação da história, e, por meio dela, estimula-se a criatividade, a reflexão crítica, o diálogo entre diversos conhecimentos e a formação da identidade, Marco Lucchesi tem um vínculo profundo e abrangente com esta.

Lucchesi considera a literatura fundamental para a sociedade. Aliás, é praticamente impossível dissociá-lo dela ao considerar-se sua trajetória, o seu profundo repertório cultural e intelectual.

Enfatiza o professor de literatura portuguesa e brasileira da Universidade de Roma Tor Vergata, Federico Bertolazzi, que:

Marco Lucchesi tem o dom inato de tornar todas as coisas aéreas, de poder enfrentar com leveza mesmo as maiores dificuldades, uma leveza, como a que Calvino descreveu nas suas *Lições para o próximo milênio*, que se deve à sabedoria, ao conhecimento íntimo da máquina do mundo, como o de quem dos seus mecanismos participa e que os reconhece mesmo lá onde os outros não enxergam. O seu multilinguismo é apenas a parte mais evidente desse à vontade com a realidade, esse entendimento com as coisas, “natural como o levantar-se o vento”, e que Marco Lucchesi traz sempre. (BERTOLAZZI, 2024, p. 23).

Ir a seus enredamentos é transladar entre o universo de alguém que enfrenta o mundo com a leveza de quem obtém uma compreensão profunda e intuitiva da vida, que o torna capaz de transitar pelas complexidades com sutileza, como uma expressão de sua sabedoria e de sua conexão genuína com a realidade.

Características estas que o diferenciam e o enriquecem em seu modo de atuar no mundo como poeta, ensaísta, tradutor, professor universitário de literatura comparada, membro da Academia Brasileira de Letras e presidente da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Lucchesi é mediador de uma poesia sensível. Suas obras ressoam uma voz imperativa na literatura hodierna brasileira.

O nosso poeta usufrui da linguagem como ferramenta para a preservação e valorização de diferentes culturas, saberes, linguagens, incentivando a procura por conhecimento e liberdade, reforçando o seu papel na formação de cidadãos mais conscientes e críticos. Ao explorar temas, como cultura, memória, identidade e história, conduz a reflexões sobre o Brasil e o mundo, concomitantemente, tangenciando o amor, a existência, a passagem do tempo e a busca por sentido na vida.

Seu contato precoce com a poesia, com a música e com enciclopédias, suas experiências familiares, além de seu domínio de múltiplos idiomas, tudo isso reforça sua visão de que a literatura é uma ponte entre diferentes culturas e tempos. O ilustre escritor ainda se dedica à pesquisa dos sistemas literários de diversos países, à tradução de autores de várias línguas e à reflexão quanto aos processos de tradução, destacando a importância do conhecimento histórico e literário para esse trabalho.

A atuação de Lucchesi na Biblioteca Nacional substancia seu compromisso com a preservação do patrimônio cultural e a ampliação do acesso às diferentes vozes e narrativas, promovendo a diversidade cultural e o diálogo intercultural.

Marco Lucchesi manifesta uma força literária vital, conectando passado, presente e futuro, estimulando a reflexão sobre questões metafísicas, culturais e sociais, contribuindo para a formação de uma sociedade mais crítica, plural e consciente. Sua vasta produção literária é instrumento de emancipação e de aprofundamento na compreensão da essência da experiência humana.

Os textos de Marco Lucchesi, (como sempre), são exigentes. Exigentíssimos. Reforçam, inclusive, uma posição de nosso mestre Deleuze, ou seja, de que a verdadeira literatura não se faz apenas com intenções literárias. Solicitam do leitor um repertório não somente voltado para a literatura. Mas para a pintura, história, geografia, ciências em geral, filosofia, música, política, teologia. (BAPTISTA, 2020, p. 194).

Sua vida pessoal e acadêmica solidifica a literatura como um elemento central na formação humana e social, ilustrando como ela difunde cada aspecto de sua existência e como ele colabora para a produção literária e cultural brasileira e de tantas outras nações. Afinal, a grande literatura é universal!

A literatura desenvolve a empatia, enriquece a linguagem, favorece o desenvolvimento de novas conexões neurais – a leitura de textos literários influencia no funcionamento do cérebro humano, estimulando a plasticidade cerebral, estabelecendo novas conexões sinápticas e fortalecendo redes neurais já existentes - e coopera para a formação de indivíduos mais críticos e ativos politicamente.

Marco Lucchesi demonstra que por meio dos livros é possível pensar-se sobre a vida, aprender valores, sensibilizar-se pelos outros, ampliar a criatividade, aprimorar a comunicação, entender diferentes culturas, histórias e emoções, conectando-se com a própria humanidade e com a sociedade ao redor.

Em Lucchesi se percebe que a literatura promove o pensamento crítico e incentiva a formação de opiniões fundamentadas de seres mais conscientes e participativos.

II.3 Lucchesi e suas contribuições no cenário literário e cultural brasileiro e mundial

Com sua formação em história e letras, a experiência multilíngue que possui, com traduções precisas e análises profundas, Lucchesi enriquece o campo literário universal.

Seu estudo a respeito de Dante Alighieri e sua imersão no Renascimento Italiano, a partir de Marsílio Ficino, são apenas exemplos de seu anseio incessante por compreender as raízes e os desdobramentos da literatura na perspectiva da historicidade.

É esta abordagem multidisciplinar que enaltece a literatura como um espaço de intersecção, no qual história, filosofia e cultura se emaranham, formando um todo coeso e significativo.

O compromisso de Marco Lucchesi com os valores fundamentais de justiça e a promoção de uma cultura de paz – essenciais para a construção de uma sociedade mais equitativa e harmoniosa – é testemunhado por suas iniciativas na Biblioteca Nacional e no Conselho Nacional de Justiça.

Para este escritor a natureza da justiça em sua verdadeira essência não pode ser reduzida a uma simples história de aventura de um herói vingador, com exageros e soluções ilusórias retratadas na mídia de forma simplista e dualista, que implica no bem contra o mal.

A narrativa popular tende a transformar a justiça em uma ação de vingança ou de combate épico, desconsiderando as nuances, as causas estruturais e os processos institucionais.

Ele aponta para a necessidade de uma análise mais labiríntica, responsável e institucionalizada. A justiça, na enfática vertente, requer o compromisso cotidiano, uma rotina de ações e a construção coletiva, que deve fazer parte do funcionamento regular das instituições e da cultura democrática.

A justiça não cabe nas páginas de um folhetim, em que se move um herói vingador, aquele que poderia salvar o país do dragão da maldade. Uma justiça madura e eficaz, como processo de rotina, e não como o final da Copa do Mundo. (LUCCHESI, 2020, p. 41).

Suas ações de promover a digitalização do acervo da Biblioteca Nacional e levar a literatura para dentro dos cárceres mostram que ele não apenas se preocupa com a democratização do acesso ao conhecimento, como também emprega a literatura como ferramenta de emancipação e reintegração social, objetivando atingir um público plural.

Isto demonstra de forma inequívoca a sua visão de que a literatura não é apenas uma forma de entretenimento, mas um instrumental vigoroso de emancipação, de reintegração de indivíduos à sociedade e de promoção de direitos humanos.

Ao democratizar o acesso ao conhecimento por meio da digitalização, Lucchesi lança-se a eliminar barreiras que dificultam o acesso à cultura, impulsionando uma inclusão mais ampla e igualitária.

Somando a isso, ao levar a literatura para dentro dos cárceres, robustece a ideia de que o acesso à leitura e à cultura deve ser um direito de todos, independentemente de sua condição social ou circunstância de vida. Marco Lucchesi faz da literatura um recurso para promover esperança.

[...] fui ao presídio feminino Nelson Hungria, convidado para dar uma pequena palestra sobre o livro e a liberdade. Uma biblioteca breve e bem escolhida foi a primeira surpresa, além das cores com que as alunas pintaram a escola da unidade. Depois, todos aqueles rostos, atravessados por uma fome de mudança, rostos variados, tantos, boa parte dos quais cheios de comoção. (LUCCHESI, 2020, p. 41).

A identidade de Lucchesi é ponto de partida para a sua imersão nas áreas das artes, filosofia, história, literatura, entre outras, sempre de uma maneira criativa e inovadora, o que lhe permite explorar diferentes horizontes e combinações de linguagens e expressões, estimulando a originalidade e o pensamento crítico.

Sua essência se torna uma ferramenta poderosa para construir conexões significativas e inovadoras em diversos campos do conhecimento, englobando o vasto espectro das artes, da filosofia e das literaturas, perpetuamente articulando e rearticulando linguagens de forma intertextual.

A poética lucchesiana, marcada por sua abordagem humanitária, destaca-se pelo profundo engajamento crítico, social e literário, e pode oferecer base para a formação de professores de escolas públicas no atinente à literatura.

Seus princípios incentivam uma compreensão mais sensível e reflexiva da realidade. Suas obras contribuem para formação humana dos leitores, frisando a importância da ênfase literária comprometida com valores humanos e sociais.

Sua capacidade de conectar diferentes culturas, épocas e cenários, em suas nuances e contradições, sempre com um olhar atento e crítico, por meio da palavra escrita, em obras que refletem uma visão aguçada e questionadora, serve de modelo para docentes que precisam integrar a literatura em suas práticas pedagógicas de maneira significativa e abrangente.

Ao pesquisar sobre a literatura de Lucchesi se é chamado constantemente a expandir horizontes sobre o mundo, estabelecendo relações com o nosso interior, por meio de ações como provocar, desestruturar e mover. Mediante a menção da beleza e das barbáries encontradas ao redor do mundo, ao mesmo tempo que fomenta uma cultura de paz, o autor busca manter um diálogo interdisciplinar, isto é, possibilita uma escuta, criar vínculos e promover uma interação dialógica com o outro. (OLIVEIRA, 2023, p. 44).

Oliveira (2023) oferece uma contribuição bastante vultosa quanto a Marco Lucchesi, pontuando como sua literatura vai além, atuando como um convite à expansão de horizontes e experiências, porque provoca, desestrutura e movimenta... Sua peculiaridade de escrita abre portais que conduzem a análises de historicidade e motiva uma conexão dialógica e interdisciplinar, que mediam uma melhor compreensão da condição da humanidade.

Lucchesi indaga o pensamento crítico sobre o mundo e sobre si mesmo, evidencia o contraste entre o que é sublime e o que é brutal, abarca a complexidade do universo o qual retrata; ademais de ressaltar a necessidade de cultivar uma cultura de paz, mesmo mediante o caos e as atrocidades cotidianas.

O diálogo interdisciplinar que Lucchesi oferece em suas obras é fundamental para alentar a escuta atenta e a interação com o outro, em distintos ângulos. Ele mostra uma ardente preocupação com a promoção da consciência das múltiplas dimensões da experiência humana. Excita a empatia e a busca por soluções que possam transformar a sociedade.

Diante disto, sua literatura toma a forma de ferramenta expressiva para refletir e agir ao envolvimento dos desafios contemporâneos. Se faz evidente em sua poética a

preocupação com a experiência empírica para a construção de uma nova vida, a qual, por meio da palavra, tanja o alcance da liberdade.

Penso, mas não sei definir a razão pela qual o poeta e o alquimista trabalham com ácidos e palavras. Trabalham em seus contrários. Poetas e alquimistas não se limitam ao status quo da matéria e da palavra. Sonham combinações. Sabem, contudo, que o ouro sutil não está fora de uma estrita empiria. Um empirismo provavelmente mágico e transgressor. Buscam a tradição mais arcaica para justamente criar uma nova sensação de vida, palavra e liberdade. Sabem que a pedra filosofal do poema e do *rebis* alquímico jamais se alcançam. (LUCCHESI, 2022, pp. 57-58).

No trecho acima da obra: Marco Lucchesi: poeta do diálogo, Lucchesi, em entrevista a Álvaro Alves de Farias (jornalista, escritor e poeta brasileiro da Geração 60), cita a reflexão poética e filosófica a respeito da relação entre poetas, alquimistas e a procura por algo além do comum.

O autor mensura que, embora desconheça exatamente a explicação, tanto o poeta quanto o alquimista trabalham com elementos considerados opostos, tais quais ácidos e palavras, na representação do destrutivo e do criador.

A respectiva dualidade ressalta que os dois atuam em áreas de conflito e transformação para além do que é evidente ou convencional, não se satisfazendo apenas com o *status quo* da matéria ou da linguagem. Eles sonham com combinações possíveis, com formas de criar e transformar.

Ou seja, a verdadeira essência do conhecimento (mais sutil e valiosa) não está fora de uma prática estritamente empírica, porque é marcada por um empirismo que é praticamente mágico e transgressor.

O empirismo desafia as regras tradicionais do conhecimento, almejando algo mais reentrante, aponta para uma conexão com saberes antigos e misteriosos, que conduzam à criação de uma nova sensação de vida, palavra e liberdade.

Acerca desta busca almeja-se algo que, na alquimia e na poesia, é considerado inalcançável: a pedra filosofal, símbolo da perfeição e da transformação total, e o *rebis* (do latim *res bina*, que significa matéria dual ou dupla), figura que representa a união de elementos contrários.

Por conseguinte, a pedra filosofal e o *rebis* representam objetivos que nunca são conquistados em totalidade; contudo, estimulam a criatividade, a transgressão e a procura constante por algo mais verdadeiro.

As obras de um escritor tão potente, não póstumo, mas sim vivo, como Marco Lucchesi, alguém com uma mente inquieta, que está sempre em trânsito entre tempos,

línguas, culturas, contextos e leituras, comprometido com a existência e com a memória, são intrínsecas no cenário literário contemporâneo.

Estas trazem uma perspectiva atual e autêntica do mundo, favorecendo que a literatura esteja em constante evolução; entretanto, considerando sempre os processos históricos.

Deste modo, mantendo a interlocução entre presente e passado por meio da palavra escrita, que os interliga como uma ponte que conecta diferentes épocas, permitindo que as experiências, valores e histórias do passado sejam compreendidos no contexto atual, oportunizando o desenvolvimento de mentes pensantes que logrem confrontar as insuficiências habituais da experiência humana.

Para Lucchesi a literatura é um modo de fazer justiça à memória, à dor e à beleza da humanidade e ele a enriquece entre pilares dialógicos, unificando tradição e invenção, prosa e poesia, memória coletiva e individual, sensibilidade e estética, ética e liberdade e espiritualidade e filosofia.

Consonantemente, Lucchesi a incorpora para denunciar, transformar, humanizar, promover o respeito e a empatia pela diversidade e educar pela liberdade, pelo senso crítico, contra qualquer forma de opressão ou de imposição.

II.4 Marco Lucchesi e a educação

Marco Lucchesi também apresenta um percurso multifacetado no cenário da educação brasileira, atuando como pensador, escritor, agente cultural e professor acadêmico, ministrando cursos, coordenando pesquisas e conduzindo debates relacionados à interdisciplinaridade dentro da universidade.

Lucchesi é uma personalidade que enfatiza a importância da crítica, do pluralismo e do ensino público como espaço de construção da cidadania e da identidade cultural.

Com uma concepção de educação humanista, inclusiva e transformadora, em sintonia com a perspectiva freiriana, este afirma que educar é um *ato político*, de resistência diante da desesperança, da exclusão e da ignorância. Para ele a literatura e outras artes são pilares de uma educação libertadora.

Salienta, consentaneamente, que a educação tem a preponderância de gerar consciências e expandir horizontes. Sem ela não há futuro. Lucchesi a defende como meio principal da promoção da igualdade social e da democracia, ao encontro de sua atuação a favor de comunidades vulneráveis.

Ministrou aulas de reforço gratuitas e fomentou bibliotecas em presídios e comunidades do Rio de Janeiro, como no complexo de Bangu. Sempre ressalta que o acesso à palavra é um direito humano essencial, consonante a uma educação descentralizada, plural e afetiva.

O caminho passa pela mudança do sistema prisional num polo de educação integrada, com escolas e bibliotecas, construindo lá dentro o que não se fez aqui fora. Ler os livros para ler o mundo. Não se pode subestimar o papel da leitura e de sua força libertadora [...]. (LUCCHESI, 2020, p. 36).

Ao presidir a Academia Brasileira de Letras (ABL) entre 2018 e 2021, fomentou a educação cultural como instrumento de inclusão, como um ato de combate à homogeneização, bem como defendeu a ruptura de modelos monoculturais e a abertura de espaço de visibilidade para culturas tradicionalmente silenciadas, integrando grupos culturais periféricos e comunidades indígenas, quilombolas e carcerárias, reconhecendo e valorizando a diversidade de saberes populares.

O volume do infinito e o território da cidadania aqui se misturam, sob o olhar inquieto do leitor, desse pequeno deus que dá vida aos livros, interroga, preserva e classifica. Tornou-se impossível pensar nos centros de memória de forma isolada, como templos inacessíveis, fechados a sete chaves, sem uma vertente com alvo na cidadania. Se assim não fosse, passaríamos da cidade dos livros para a cidade dos mortos. Mesmo porque as bibliotecas exigem longos e renovados olhos, que colaborem para preservação, a partir da demanda renovada de seus leitores. (LUCCHESI, 2020, p. 145).

Marco Lucchesi propõe uma cosmologia educacional, receptiva às tantas vozes compositoras da identidade brasileira. Estas que representam divergentes maneiras de pensar, compreender, viver e comunicar experiências humanas.

Como presidente da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), não mede esforços para democratizar o acesso ao acervo e impulsionar a leitura como base de ações para a cidadania.

Sua produção intelectual detém caráter educativo, inspira leitores e estudantes a expandirem saberes universais. A obra *Cultura da paz* elucida sua postura de poeta, pensador e educador ao destacar a reflexão crítica, interdisciplinar e o cultivo da leitura como instrumental de transformação, justiça e emancipação individual e coletiva.

Marco Lucchesi consolida a atividade acadêmica que exerce com um intenso compromisso social e cultural. Como professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro é formador de gerações.

Do mesmo modo, como líder em instituições significativas em território nacional, como: a Academia Brasileira de Letras e a Biblioteca Nacional é impulsionador de políticas de cultura e leitura.

Além disso, em ações populares, frente a comunidades e cárceres, sua relação com a educação é socialmente determinante: “A biblioteca prisional é a descoberta de um novo continente, onde literatura e liberdade coincidem.” (LUCCHESI, 2020, p. 35).

Lucchesi aborda questões inerentes à dignidade humana e à educação do indivíduo, com engajamento na construção da paz e da reconciliação do ser humano com a liberdade.

Sendo assim, sua atuação repercute em planos formal e informal, institucional e comunitário, focada na democratização do conhecimento por meio do acesso ao mundo dos livros. Lucchesi apresenta uma visão da educação efetivamente concordante com Paulo Freire por meio de vertentes poética, afetiva, plural e democrática voltadas à crítica, à ética, à estética, à solidariedade, à cidadania, ao poder de decisão, à compreensão mais ampla e à participação na criação, na recriação e na humanização da realidade em sua temporalidade.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescento a ela algo que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade [...]. (FREIRE, 2022, p. 60).

Marco Lucchesi é um formador de consciências, o qual em sua vasta produção literária e em seus posicionamentos em espaços acadêmicos, sociais e institucionais se contrapõe à intolerância e incentiva a resiliência ao exposto de uma educação estética como forma de transformação cultural e ética.

Em seu ponto de vista crítico e metamórfico, a cultura, a arte e a palavra, por intermédio da sensibilidade e da abertura para o outro, obtêm a possibilidade de modificar o mundo.

A literatura de Marco Lucchesi, como vivência humana e ética, concede caminhos para uma educação mais sensível e empática, dando enfoque à alteridade e ao reconhecimento do próximo como sujeito de direitos e de cultura.

Logo, repercute na reflexão para uma prática pedagógica mais inclusiva, humana e afetiva, perfazendo da palavra escrita como instrumento preponderante de libertação na

concretização de currículos educacionais que objetivem a convivência democrática, o respeito às diferenças e a análise histórica.

Agazzy defende a leitura como prática dialógica e constitutiva da aprendizagem, convergindo com a visão freiriana no que implica que o ato de ler o mundo precede o de ler a palavra e é justamente esta leitura crítica que advém das relações com o outro, da sociabilidade.

A autora ainda destaca que a coletividade fortalece a individualidade por via da partilha de interpretações, já que o conhecimento se constrói no encontro, na escuta e na problematização conjunta, valorizando a leitura como espaço de troca e construção coletiva de sentido.

Na ação de compartilhar interpretações textuais, é possível ganhar consciência de que a coletividade fortalece a individualidade, exatamente, porque pode ampliar a visão que uma pessoa tem do mundo, de sua intimidade, dos textos literários. Se o ato de ler é compreendido dentro do jogo dialético, entre o eu e o outro, entre o horizonte de expectativas estabelecido e o que está por vir, entre o autor e o leitor, entre o estudante e o ambiente escolar, é importante reconhecer que a leitura é uma prática constitutiva da aprendizagem que permeia todas as áreas do conhecimento de forma não segmentada. (AGAZZI, 2014, pp. 448-449).

A leitura, neste contexto, é um ato coletivo, ético e transgressor, indo muito além de conceituar os gêneros ou descrever periodizações e movimentos literários, com informações rasas e desarticuladas que por si só não apontam para as especificidades de uma boa literatura.

Ao destacar que a coletividade fortalece a individualidade por ampliar a visão de mundo e de si mesmo, no qual o “eu” se revê à luz do outro, o posicionamento da autora também é consonante à vertente de Marco Lucchesi, porque compreende a literatura como dimensão formativa e transdisciplinar, que ultrapassa os limites disciplinares e segmentados, provocando o estranhamento, submergindo o leitor em uma dimensão estética distinta da que frequenta.

Ao refletir-se sobre a história da pedagogia, o modelo de educação tradicional se formulou historicamente entre aspectos sociais, religiosos e políticos, com raízes na história ocidental, em rituais, ações de controle e de transmissão de conteúdos fragmentados, com a centralidade do processo educativo no professor.

Na Idade Média, ao encontro do explicitado em “Confissões de Agostinho”, vislumbrou-se um ensino ministrado na repetição, memorização e obediência. No

entanto, isto não é uma circunstância apenas de um passado distante, ainda se fazendo presente com bastante frequência nas escolas dos dias de hoje.

Nesta minha infância, na qual eu tinha menos que temer por mim do que em minha adolescência, eu não gostava dos estudos, e odiava que a eles me obrigassem. Contudo, era coagido, e me faziam grande bem. Quem não procedia bem era eu, que não estudava a não ser constrangido, pois ninguém faz bem o que faz contra a vontade, mesmo que seja bom o que faz. Tampouco os que obrigavam a estudar agiam corretamente; antes, todo o bem que eu recebia vinha de ti, meu Deus, porque eles não tinham outro fim ao me obrigarem a estudar senão saciar o apetite de abundante miséria e de glória ignominiosa. Mas tu, Senhor, que tens contados os cabelos de nossa cabeça, usavas do erro de todos os que me coagiam a estudar para minha utilidade; e usavas da minha falta de vontade de estudar para meu castigo, de que certamente eu já era digno, sendo ainda tão pequeno, e tão grande pecador. Assim, convertias em bem o mal que eles me faziam, e dos meus pecados, me davas justa retribuição, porque é teu desígnio, e assim acontece, que toda alma desordenada seja castigo de si mesma. (AGOSTINHO, 2007, p. 8).

Na Modernidade, com a invenção da imprensa e a Reforma Protestante, emergiu a necessidade de alfabetização com uma educação sistematizada, em livros didáticos, em disciplinas e por etapas, o que também é ainda muito presente na educação contemporânea.

No século XIX, com a Revolução Industrial, o Estado assumiu a escolarização como forma de disciplinar e preparar mão de obra. Surgiu o modelo de escola-fábrica, enfatizado no controle, na eficiência e na padronização. Atualmente, se reprisa tal modelo educacional, o qual já não atende mais as necessidades desta sociedade com toda a sua complexidade.

Toda vida escolar foi depois submetida a sistema de controle e de planificação, a rituais e a instrumentos (a chamada, o registro) que permanecerão centrais em toda a história da escola moderna, e que exercem um papel ao mesmo tempo disciplinar e formativo. Nessa organização, porém, sobretudo três aspectos resultam particularmente significativos para estabelecer um hiato entre escola humanística e escola moderna: as classes por idade; a disciplina; a ideologia e o costume. (CAMBI, 1999, pp. 306-307).

Assim, ao inserir a literatura de Lucchesi nas escolas, na formação de professores, alimenta-se o pensamento crítico, o domínio da linguagem e a criatividade, para formar sujeitos conscientes e pacíficos, no entanto, politicamente ativos, contrapondo-se a uma concepção tecnicista e tradicionalista do ensino.

A Educação jamais é neutra, como salientado por Paulo Freire em *Educação como prática da liberdade*: “A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.” (FREIRE, 2022, p. 127).

Então, a fim de uma educação libertadora, é essencial considerar-se o meio, os sujeitos, os valores políticos, éticos e sociais, contemplando a transformação da vida gradativamente, numa esfera na qual se pense globalmente, aja local e construa o conhecimento de forma integral.

Mas um meio é feito de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos: por exemplo a rua e suas matérias, como os paralelepípedos, seus barulhos, como o grito dos mercadores, seus animais, como os cavalos atrelados, seus dramas (um cavalo escorrega, um cavalo cai, um cavalo apanha...). O trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio, mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrem. O mapa exprime a identidade entre o percurso e o percorrido. Confunde-se com seu objeto quando o próprio objeto é movimento. (DELEUZE, 1997, p. 73).

Deleuze versa sobre o meio não como meramente um espaço neutro e físico; entretanto, como uma entidade viva, de qualidades sensoriais, substanciais e potenciais, que perpassam do real como fluxo de transformação, com acontecimentos singulares e dinâmicos que mobilizam o meio e os seres que por ele transitam.

O indivíduo que transcorre o meio se transforma no percurso e o meio é transformado pelo indivíduo que por ele percorre, como uma metamorfose do devir, um intercâmbio profundo, radical e orgânico, que está fora da identidade física e transfigura a própria experiência de mudança.

Por isso, não há dicotomia entre o meio e o indivíduo, há a simbiose afetiva entre quem percorre e aquilo que é percorrido. Interpenetração. Com multiplicidade de conexões, sem hierarquia no circunstancial da geografia do pensar o espaço, a experiência e a subjetividade em termos de fluxo e coprodução. O meio não é neutro. O sujeito não é isolado.

Freire, por sua vez, ao encontro de Deleuze, elucida que o mundo se comunica e educar é aprender a ler o mundo em seus aspectos históricos, sociais, afetivos e físicos. A educação na concepção freiriana recusa a imposição de modelos fixos expostos por uma educação bancária e invita seres humanos a construírem criticamente a sua leitura de

mundo, mapeando a realidade pela experiência de vida, interagindo no espaço e transformando-o.

Ainda, é possível notar a conexão entre o pensamento de meio como acontecimento e subjetividade de Deleuze, com a educação libertária e mediatizada pelo mundo de Freire e a visão cósmica, altruísta, poética e ética de Lucchesi, evidenciadora de uma pedagogia que é resistência e reconhecimento do outro e do mundo como lugar de escuta, de restituição da dignidade da palavra e transbordamento de saberes em trânsito.

Não há educação libertária sem formação humana... a poesia, a arte, a filosofia, a historicidade engrandecem o repertório social-cultural e dão vasão à expressão, criação e memória em práticas pedagógicas menos compartimentalizadas e mais transdisciplinares e significativas como um caminho para a justiça social.

A escrita de Lucchesi é um corpo vivo de potência e emancipação, um instrumento exterior ao conteúdo. Ela se confunde com aquilo que é escrito por ele, percorrendo um meio linguístico, educativo, afetuoso e cultural que atravessa aos seus leitores.

II.5 A importância de estudar Marco Lucchesi na formação de professores

Estudar a obra de Marco Lucchesi, com sua *solidariedade profunda e brilho silencioso*, na formação de professores é reconhecer o papel essencial da literatura, da sensibilidade, do senso crítico-reflexivo e da ética na construção de uma prática pedagógica transformadora.

Lucchesi dialoga profundamente com uma concepção crítica e libertadora da educação, ao encontro dos ideais freirianos, nos quais a escuta e a empatia ocupam lugares centrais.

Este que, acima de tudo, prima não somente pela erudição, mas, inclusive, pela solidariedade profunda, própria daqueles que possuem brilho silencioso, irradiante. Em outras palavras: sente dores autênticas diante dos inúmeros dramas que subtraem o direito da existência plena. Um poeta que exala satisfação, generosíssima, ao ressaltar valores de escritores, pensadores, artistas, refugiados, presidiários. Sem fronteiras geográficas, históricas, hierárquicas e temporais. Marco Lucchesi tem diante de si a humanidade. Entrega-se, ama e se deixa amar por cada ser que tem o privilégio de encontrá-lo ou conhecê-lo. De perto ou a distância. (BAPTISTA, 2020, p. 194).

Como citado por Baptista (2020), no posfácio de *Cultura da paz*, este livro é exemplar de uma intelectualidade que atravessa a territorialidade do saber, do cuidado,

da escuta e da resistência. Em sua prática poética e humanista, tangencia uma erudição que não se finda em si mesma, pois é uma dimensão inseparável de um compromisso ético e solidário.

A solidariedade, neste quesito, possui uma relevância epistemológica na qual saber e sentir são inseparáveis, já que Lucchesi abre-se a outrem com imensidão de empatia às dores do mundo e com tamanha hospitalidade que supera todas as fronteiras. Na perspectiva de Deleuze, é como se o escritor encarnasse o sofrimento coletivo, mesmo sem senti-lo pessoalmente.

Não há distanciamento analítico, há a cercania existencial e a intersecção entre ética, literatura e humanismo. Marco Lucchesi incorpora aquilo em que Paulo Freire se engajou: a possibilidade de uma escrita que cuida e do saber que liberta, ademais de retomar a centralidade da literatura e da arte como forças vitais de descoberta e atuação no mundo, como forma de existir (em sua temporalidade) e de resistir às ultrajantes distorções sociais.

Em vista disso, a leitura de Lucchesi convida os professores a compreenderem a educação como um ato de insurgência contra as diversas formas de opressão, denunciando as estruturas de exclusão e enfatizando a palavra como caminho de reconciliação e libertação. Trata-se de um universalismo situado, atento às margens. Sua literatura mobiliza, educa, retrata a dor, porém aponta para a esperança.

Marco Lucchesi é uma dessas figuras que fazem questão de evidenciar que as diferentes vozes culturais – muitas vezes silenciadas – e a arte da palavra são elementos poderosos na luta por uma cultura da paz.

Ou seja, a produção literária lucchesiana se configura como uma prática estética e ética que sensibiliza, educa e assume a palavra como gesto de resistência simbólica. Esta que não decorre pela força física ou pelo confronto direto; contudo, se dá pela potência do sentido, pela valorização da cultura, pela reconstrução de narrativas e pela reivindicação de significado.

Por isso, a atuação de Lucchesi se sobressai como antídoto à lógica excludente de um sistema que se alimenta do tecido social e desnutri suas bases solidárias (aquilo que Zygmunt Bauman denominou de capitalismo parasitário).

Enquanto o parasitismo capitalista promove o descarte de vidas e saberes considerados “inúteis” pela lógica do mercado e da produtividade, Marco Lucchesi, ao contrário, incentiva uma cultura humanista, inclusiva, da presença, da memória e da justiça.

Em tempos delineados pela superficialidade, pela precarização das subjetividades e das relações e pela intensificação das desigualdades, sua escrita formula-se como uma prática de encorajamento e de esperança.

Ao fazer da palavra o habitat de uma sociedade plural, Lucchesi faz da literatura um campo de reinvenção, no qual a formação crítica e sensível de sujeitos pode operar mudanças auspiciosas na tecitura social.

Este alcança o residual no espaço de indeterminação – que é o momento propício à ação, é o instante privilegiado, tempo cronológico que influi no subjetivo - ao exposto da conservação e da acumulação do passado no presente e contempla a descontinuidade do tempo, com algo ainda não visto, não sentido, despertando novos pensamentos – retomando a abordagem de Deleuze.

A literatura desempenha uma portentosa função nas construções sócio-históricas-culturais, trazendo a consciência; desta forma, a boa escrita acontece inseparável do devir, conforme também retratado por Deleuze.

Na educação, a literatura de Marco Lucchesi ratifica que a formação humana não pode se curvar às exigências de produtividade e competição, já que deve se fundar na diversidade.

Para os professores, o contato com esta amplia o entendimento no tocante ao papel político-social do educador, dado que Lucchesi exalta a importância de formar sujeitos sensíveis ao outro, capazes de atuar com escuta, solidariedade, respeito às diferenças e intercooperação.

Como figura pública e intelectual ele sobrepuja os limites tradicionais do literato para se configurar como uma voz ativamente enredada na valorização da dignidade humana.

Para Freire, a formação docente é um trabalho fundamental, contínuo e dialógico, que vai além da simples aquisição de técnicas de ensino. Trata-se de uma edificação ética e política do educador na condição de sujeito histórico, comprometido socialmente e militante.

O docente não pode ser apenas um transmissor de conteúdos; ele deve ser um mediador crítico, capaz de problematizar o mundo com seus alunos e de assumir uma postura investigativa sobre sua prática. A formação, neste sentido, não se esgota em cursos ou certificações, mas se dá no cotidiano da práxis, no entrelaçamento entre teoria e prática, entre reflexão e ação. Tal postura docente, crítica-investigativa, exige humildade pedagógica e contínua disposição à escuta sensível.

A educação, para Freire, é um processo inacabado e coletivo e o comportamento do professor necessita ser atravessado pela dignidade, evidenciando que cada experiência pedagógica contemple em si o potencial de reinventar o mundo. O educador juntamente aos educandos, constrói o espaço do conhecimento dialogicamente, baseado na problematização.

Freire, em “Pedagogia da autonomia”, ainda endossa que a formação docente necessita estar alicerçada no “pensamento certo” e no compromisso com a emancipação humana, porque ensinar exige responsabilidade.

Consonante a isto, se faz necessário formar o professor para atuar com sensibilidade e sem taciturnidade frente a indiferenças, discriminações, assimetrias e marginalizações na esfera do corpo social.

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas cronológico. O velho que preserva a sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo. Faz parte do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. (FREIRE, 2010, pp. 35-34).

Freire demonstra que “pensar certo” não é tão somente pensar com lógica ou coerência formal, mas implica ousar e não se acomodar em verdades absolutas e, sobretudo, pensar com uma postura crítica, ética, reflexiva e dialógica, pressupondo que o novo não deve ser aceito somente pela novidade, nem o velho descartado apenas por ser antigo.

Assim, entende-se que o discernimento é vital, o critério imbuído pela historicidade-ética na condição de um conceito fundamental, cujo articula dois eixos preeminentes, a condição histórica do ser humano e a sua responsabilidade ética no mundo.

Toda negação de humanidade do outro é uma violação à democracia e por este motivo não pode coexistir com o “pensar certo”, que é uma atitude intelectual de unicidade entre racionalidade crítica, reflexão epistemológica, sensibilidade histórica e compromisso com a integridade.

A educação é uma via sagaz para combater as muitas desumanizações e resgatar valores acima do consumismo e de um sistema produtivista. A militância deve fazer parte

da conduta do professor, que não pode acomodar-se diante das problemáticas oriundas de violações de direitos humanos.

A criticidade é o meio mais eficiente de provocar mudanças, de questionar o sistema, de não aceitar brutalidades, de buscar melhorias e autonomia, com o propósito do bem comum.

Pensar na educação de modo mais contextualizado, com maior atenção às particularidades dos indivíduos, às necessidades, à realidade, enxergando o ser humano como algo integrado, num aspecto não mecanicista, é um grande passo para iniciar nas escolas os câmbios pretendentes nas comunidades humanas e a literatura, por suposto, é uma grande facilitadora na respectiva tarefa.

Há uma espécie de pacto entre o leitor e o texto literário, que não se restringe a uma relação técnica ou racional de decodificação de signos, mas que envolve de forma inescapável outras dimensões. A linguagem incorpora um papel absolutamente central ao se desdobrar em múltiplas camadas de sentido, atuando como ferramenta de mediação entre quem lê e o universo.

Ao exposto de tal mediação, forjam-se mundos possíveis, compostos por palavras que abrigam a emergência de seres diversos, dotados de singularidades, tratando-se de uma experiência estética e cognitiva.

Neste transcorrer, desvela-se a extraordinária potência criadora da linguagem literária, capaz de dar voz ao silenciado, empoderamento ao negligenciado e de convidar o leitor a habitar territórios desconhecidos.

A educação porta um papel determinante na sociedade, e por sua vez, as ações formativas no campo pedagógico têm grande responsabilidade no referido aspecto. O educador vai fazendo-se educador processualmente, na práxis refletida, conciliando-a a sua humanização, que é ilustrada na percepção das conquistas históricas e sociais da humanidade e relaciona-se com inúmeros fatores: o próprio indivíduo, o objeto, o acesso social, entre outros.

A prática literária atua como fator de transformação cognitiva, emocional e social; assim, é indispensável à formação integral das pessoas em contextos educativos, sendo uma atividade de suporte intelectual e simbólico de grande complexidade, que exige diversas funções de raciocínio lógico e executivas.

Promulgar o espaço da literatura na Educação Básica é defender a cultura e a capacidade humana de aprender e transformar. É almejar formar professores que saibam

que o encontro guiado pela palavra pode ser profundamente revolucionário e muito benéfico.

Por isso, incutir Marco Lucchesi no currículo da formação docente, com a devida potência transformadora de sua escrita enquanto horizonte de significados – os limites de compreensão e interpretação que cada indivíduo constitui e ressignifica ao longo de sua permanência na Terra, a partir de suas vivências, saberes, valores culturais e relações com os demais e se ampliam e aprimoram à medida que ele se confronta com outros contextos – é um ato de compromisso com uma educação mais humana.

É nesta ótica que se engloba a pesquisa empírica com docentes polivalentes e professora-coordenadora pedagógica (também denominada assistente pedagógica) da rede pública de municipalidades do Estado de São Paulo.

A pesquisa, exploratória e bibliográfica, que se delineia assume um caráter propositivo, vislumbrando reposicionar a linguagem como território de formação humana integral, expondo que é na linguagem que o cidadão se forma como sujeito de si, do outro e do mundo.

Assim, pretende-se oferecer subsídios, para além de fundamentos e orientações teóricas e metodológicas, e não apenas para o aprimoramento das práticas de ensino, mas também para uma reflexão mais ampla sobre os sentidos da docência e do ato educativo em tempos marcados por urgências democráticas.

A referida pesquisa – não meramente laudatória, já que tem o escopo de disponibilizar elementos para pensar Lucchesi como um sujeito ético-estético-político que conjuga saber, sensibilidade e responsabilidade e se faz nos saberes empíricos dos profissionais do magistério, voluntários – pode fornecer subsídios para uma educação mais primorosa, principalmente no que se refere ao ensino da literatura nos primeiros anos da escolaridade da Educação Básica.

[...] a pesquisa deve ter um caráter formativo no curso de formação inicial, de modo a levar os futuros professores a desnaturalizarem conteúdos e práticas vividas como alunos, a conhecerem resultados de pesquisa, a terem acesso a conhecimentos didáticos e educativos em geral e posicionarem-se como estudantes permanentes. (ANDRE, 2017, p. 831).

A pesquisa empírica reveste-se de importância crucial na produção do saber científico, predispondo a apreensão da realidade frente à coleta criteriosa de dados e a análise destes, materializando-se como elo imperioso entre a teoria e a prática, que

articula o saber pensado e o saber vivido, com significância epistemológica e evidências verificáveis, interrogando rigorosamente práticas e discursos.

Logo, esta ocupa um lugar de relevância científica por permitir uma aproximação direta com a realidade. Por meio da coleta criteriosa de dados e da análise sistemática das informações obtidas emerge a formulação de conhecimento ancorado em evidências concretas, atribuindo legitimidade aos resultados, uma vez que os dados coletados não apenas ilustram hipóteses, como também contribuem para a revisão crítica de conceitos.

Ao interrogar rigorosamente discursos, práticas e estruturas, esta modalidade investigativa gera conhecimento com significância epistemológica, bem como suscita o enfrentamento crítico da realidade.

Refere-se a uma oportunidade para a compreensão profunda dos contextos sociais, culturais e educacionais, desbravando espaço para transformações fundamentadas em evidências verificáveis e comprometidas com a complexidade existencial e humana do mundo.

Esta ainda corrobora para a intervenção qualificada – a qual versa sobre as dimensões complementares do processo de produção de conhecimento, especialmente nas ciências humanas e aplicadas, como a educação – na realidade estudada.

A pesquisa empírica se faz em sua orientação personalista, assentando-se na empatia com os empreendimentos e os sujeitos estudados para o levantamento de dados analisáveis. Segundo Andre (2017), o estudo central da pesquisa está nos seres humanos – produtores de cultura – e na contribuição com o seu processo de emancipação.

[...] a pesquisa tem um importante papel na formação de sujeitos críticos e autônomos, pois lhes dá oportunidade de desenvolver ideias próprias, e de refletir sobre a prática profissional, identificando o que pode ser reforçado ou melhorado, de modo a contribuir com o processo de emancipação das pessoas. (ANDRE, 2017, p. 833).

Pessoas são o objeto de estudo e concomitantemente são também as intérpretes dele, sem escapar da rigorosidade científica. São elas que imputam significados às experiências vividas, às relações e contextos sociais.

Buscar compreender e agregar à complexidade humana é condição veemente para a produção de conhecimentos que conversem com a realidade à luz de uma concepção de vida lucchesiana.

Ao expressar-se de pronto nas primeiras páginas de “Educação e literatura: O diálogo necessário”, Lucchesi faz referência a Berdiaev, filósofo russo do existencialismo

religioso do século XX. Quando cita o turbilhão da natureza humana e seus mistérios enigmáticos enfatiza uma visão profundamente existencial.

Igualmente ressalta Dostoievski, ao apontar a qualidade infinita e sem fundo desta natureza abissal, a qual emana desejo, conflito, sofrimento... destacando o ser humano em sua luta interna permanente e inata.

Berdiaev: “Um turbilhão da natureza humana apaixonada e ardente nos leva ao misterioso, ao profundamente enigmático e insondável dessa natureza. Aqui Dostoievski revela a qualidade infinita e sem fundo da natureza humana. Muito embora nas profundezas, o rosto e a imagem do homem permanecem”. (LUCCHESI, 2022, p. 12).

A supracitada vertente encontra uma grande consonância com a pesquisa empírica, já que investigar as trajetórias de indivíduos retrata a ânsia curiosa por desvelar as significâncias da esfera humana. O ser humano é um mistério em movimento, habitado por tensões existenciais.

Parte-se, em virtude disto, para a investigação das experiências, diante da esfera qualitativa, com caráter prepositivo, envolvendo docentes polivalentes e professora-coordenadora pedagógica (assistente pedagógica) de educação infantil e ensino fundamental da rede pública de municipalidades do estado de São Paulo.

A priori foi pensado na escolha das pessoas participantes. Como critério estipulou-se a atuação em escolas públicas do estado de São Paulo, com ênfase formativa em pedagogia, em momentos distintos do fazimento profissional, tanto em tempo de atuação no magistério, como quanto ao grupo/ciclo/faixa etária que exerce a profissão. A técnica usada para a coleta de dados foi o questionário estruturado, este foi aplicado em dois momentos.

Inicialmente, o questionário 1 se deu com vinte e nove perguntas, em sua maioria com respostas abertas e algumas poucas com questões de múltipla escolha, já que era premente a investigação da subjetividade de cada participante para o levantamento das informações almejadas, que seriam cruciais para as etapas seguintes do trabalho acadêmico. As respostas abertas, justamente pela liberdade de escrita que favorecem, se mostraram mais apropriadas para a finalidade.

As questões de método estão imbricadas com as questões dos conteúdos das próprias ciências, das características de seu campo de preocupação e das formas valorativas e atitudinais com que se abordam essas preocupações. Embora não se possa descuidar das boas características dos instrumentos de coleta de dados a serem empregados (questionários, fechados ou abertos; escalas; entrevistas, desta ou daquela natureza; jogos, simulações, memórias etc.), estes são como o martelo para o marceneiro ou a pá para um pedreiro, que podem utilizá-

los de diferentes maneiras para propósitos e efeitos diferentes, em função de seus desígnios e na dependência, é claro, de suas habilidades para utilizá-los. (GATTI, 2012, pp. 57-58).

As primeiras perguntas respondidas pelas voluntárias na pesquisa serviram para a definição de seus perfis; desta forma, consistiram em questões relacionadas a idade, gênero, estado civil, se tinham filhos e de quais idades, naturalidade, suas formações acadêmicas, esfera(s) que possuem ou já possuíram vínculos na educação pública (estadual ou municipal), cidade(s) que lecionam, tempo de atuação na docência e/ou na coordenação pedagógica e grupos/turmas que trabalham no ano vigente.

A posteriori, frisou-se na relação que obtinham com a literatura, com a arte. Portanto, as próximas perguntas referiam-se a formações específicas ou cursos de aperfeiçoamento em literatura e/ou outras artes, frequência e maneira que utilizam a literatura na prática profissional.

Foram considerados os critérios que consideram na seleção das obras e textos elencados para o trabalho com a literatura nas escolas públicas, intencionalidade ao abordá-la em suas práticas pedagógicas, a forma em que acreditam que esta contribui para o desenvolvimento integral do ser social e experiências que obtiveram com ela como estudante durante o processo de escolarização na educação básica.

Também de como vivenciaram a literatura no processo de formação como professoras polivalentes no âmbito inicial (na graduação) e depois na formação continuada, qual é a relação que têm com a mesma, vislumbrando o processo de formação pessoal fora da esfera institucional, escolar ou acadêmica, se as experiências que já angariaram com ela influenciam os exercícios pedagógicos atualmente, se leem obras ou textos literários para apreciações estéticas próprias e em qual quantidade mensal.

Por fim, os últimos questionamentos detinham a incumbência de saber se as envolvidas na investigação conheciam a figura portentosa de Marco Lucchesi e em que grau; assim, referiram-se ao contato primário com ele, com suas obras, temáticas, abordagens ou linguagens, se já utilizaram alguma obra de Lucchesi em âmbito profissional na educação e qual/quais, bem como se acreditam que este poeta, escritor, tradutor e professor pode contribuir na práxis docente.

Já o questionário 2, aplicado três meses depois, serviu como instrumental de avaliação formativa e investigativa; ou seja, verificando quais impactos, percepções e repercussões os textos e a obra de Lucchesi (que foram disponibilizados pela pesquisadora após o levantamento dos resultados do questionário 1) tiveram para as

docentes de sala e para a coordenadora pedagógica (assistente pedagógica), na condição de professora formadora.

O mencionado foi estruturado de modo mais enxuto que o primeiro; porém, mais aprofundado nas repercussões, com dez questões, contemplando múltipla escolha e justificativa, ademais das de resposta aberta, divididas em quatro blocos, articulando impacto pessoal (autoconhecimento, sensibilização estética), impacto profissional (mudanças na prática pedagógica, inserção da obra em sala de aula) e avaliação crítica da experiência.

III: MARCO LUCCHESI E A PESQUISA EMPÍRICA

III.1 Pesquisa empírica

A pesquisa empírica se faz pautada na observação direta da realidade para a coleta de dados, extraindo conhecimento a partir da experiência e da práxis. Ela contempla duas abordagens metodológicas: quantitativa (com dados estatísticos e mensuráveis) e qualitativa (com enfoque em interpretações dos fenômenos humanos e sociais).

A pesquisa tem como escopo a produção de saberes fundamentados em dados concretos, os quais traduzem, num grau de fidelidade possível, as dinâmicas de contextos estudados, sendo um alicerce importante na produção do saber científico.

A referida modalidade investigativa privilegia a relação com a experiência real de pessoas, em âmbito individual e coletivo, adotando estratégias sistematizadas para a coleta de dados, a fim de viabilizar o contato reflexivo e crítico com as experiências humanas.

Desta forma, ela condiz com os princípios e finalidades dos programas de *stricto sensu* profissionais em Educação, pois dá ênfase ao campo da prática, com rigor científico, sem aderir ao pragmatismo imediatista e instrumentalista, articulando um planejamento cuidadoso das etapas da pesquisa com seleção e análise das informações.

A ciência é um campo dinâmico e em constante evolução. O ponto de aproximação entre a pesquisa acadêmica e a pesquisa da prática é o rigor teórico-metodológico, com planejamento e sistematização do conhecimento. Logo, toda teoria somente encontra a sua legitimidade epistemológica e política no interior de uma prática social.

A atitude de pesquisador é fator primordial, já que é ela que intenciona a problematização da realidade no que tange à sua formulação, a argumentação – revendo literaturas e os mecanismos de transformação, definindo objetivos – e os procedimentos quanto aos tipos de pesquisa e coleta e análise dos dados.

As diferentes formas de obtenção de dados para uma investigação científica estão aliadas a perspectivas metodológicas e teóricas que lhes dão sentido. Cuidados básicos nessa obtenção precisam ser garantidos pelo pesquisador no sentido de permitir discussões sobre a validade e o âmbito de pertinência desses dados. (GATTI, 2012, p. 7-8).

Gatti (2012) evidencia que a obtenção de dados em uma investigação científica não constitui um procedimento isolado. É necessário que seja uma ação articulada ao referencial teórico-metodológico que orienta o estudo, conferindo-lhe sentido e

coerência. É preciso que a seleção dos instrumentos e procedimentos de coleta de dados seja condizente com o problema de pesquisa, a abordagem epistemológica e os objetivos almejados.

A autora ressalta ainda a importância de cuidados rigorosos no processo, bem como da correspondência entre os dados e o fenômeno investigado e a pertinência relativa à adequação destes no campo de aplicação da pesquisa. Os dados são produzidos e interpretados à luz de um quadro conceitual, o qual demanda do pesquisador tanto consistência teórica quanto vigilância metodológica para evitar vieses e sustentar assim a robustez das conclusões.

Os pesquisadores baseiam suas interpretações sobre como as coisas funcionam a partir da própria compreensão experiencial. Alguns contextos importantes far-se-ão lembrados pelo pesquisador ao pensar nas áreas de estudo dos seres humanos, tais como: educação, psicologia, sociologia, cultura, história, filosofia, política... A compreensão e as evidências disponíveis geralmente terão que ser suficientes, porque os problemas demandam o levantamento de possíveis soluções e as melhores interpretações serão extensões lógicas de determinada descrição, que incluirão a extensão contemplativa, especulativa e estética.

Todas as pesquisas exigem interpretação; por conseguinte, aprender a realizar uma pesquisa empírica é aprender a reduzir falhas nas observações e a triangulação e o ceticismo (a dúvida provoca a busca por uma melhor compreensão) auxiliam a reconhecer que as questões necessitam de uma explicação mais elaborada.

Ao ultrapassar uma descrição factual simplista, a pesquisa empírica avança para a interpretação das interações complexas que permeiam o objeto de estudo, favorecendo uma análise crítica que dialoga com os saberes teóricos existentes. A atenção aos contextos assegura que os resultados da investigação sejam aplicáveis à realidade, evitando generalizações.

A pesquisa empírica no campo do mestrado profissional, em Gestão e Práticas Educacionais, objetiva compreender temáticas com o escopo de apresentar propostas de intervenção, alçando possibilidades de respostas aos desafios do cotidiano da educação, num âmbito minucioso e mais subjetivo.

Todavia, isto se dá sem perder a análise crítica da ciência e considerando também a totalidade, as estruturas socioeconômicas e políticas que interferem no contexto histórico-cultural, identificando, além dos problemas evidentes, as causas estruturais e as dinâmicas

subjacentes. Deste modo, possibilitando incorporar um papel estratégico na promoção de transformações sociais na esfera científica.

Na educação, a investigação com base na experiência pessoal oportuniza a reflexão crítica sobre vivências concretas pessoais e profissionais; assim, a formação dos profissionais envolvidos no cenário de estudo, bem como a do próprio pesquisador é centrada na articulação entre pesquisa, prática, integralidade e humanidade e no delineamento de trajetórias para o aperfeiçoamento do trabalho pedagógico.

É preciso ousar para dizer, cientificamente e não “bla-bla-blamente”, que estudamos, aprendemos, ensinamos conhecemos com nosso corpo inteiro. Com sentimentos, com emoções, com desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional. (FREIRE, 2024, p. 29).

Freire (2024) salienta que o ato de pesquisar não é uma tarefa mecânica e cientificista, mas um gesto ético-político, embasado na vida concreta e na inteireza do ser humano. Para ele, “ousar” se faz necessário para que não haja a dicotomia entre ser e fazer, convocando a prática científica a reconhecer que todo ato de conhecer é também um ato de ter dúvidas, de interpretar, de atribuir sentido.

Na pesquisa empírica, isto é um fator fundamental, porque permite a interação entre o pesquisador e o objeto de estudo, que é o outro. A investigação empírica perpassa a síntese entre rigor científico e sensibilidade humana e apresenta-se como um instrumental potente na esfera da prática e da gestão educacional. A pesquisa fornece subsídios para a compreensão da complexidade das relações pedagógicas e institucionais, dando vozes aos protagonistas do processo educativo e favorecendo intervenções que tenham como escopo o seu aprimoramento, almejando, na atualidade, a desconstrução de uma educação tradicionalista e superficial.

Tantas são as discussões e orientações a respeito da concepção de ser humano, de seu desenvolvimento, de como aprendem e interagem, da importância do diálogo, da observação e da escuta.

A educação é um pilar legítimo para o debate ampliado porque ocupa um espaço socio-intelectual no qual se formam as capacidades críticas, interpretativas e propositivas da participação em processos democráticos. Seguramente a democracia é um valor a ser defendido.

Uma sociedade justa e solidária há de ser democrática. Na premissa das instituições de ensino públicas, abordar um trabalho pedagógico democrático exige reflexão-ação-reflexão por parte dos envolvidos e a pesquisa empírica apresenta a possibilidade de contribuir no referido aspecto, e também, na formulação de propostas educacionais mais alinhadas às reais necessidades.

III.2 A pesquisa empírica qualitativa

A pesquisa empírica de cunho qualitativo privilegia a profundidade das análises para além da mensuração e generalização de dados. Seu enfoque é investigar fenômenos da realidade para compreendê-los por meio de uma interpretação contextualizada.

Elucidando como primordial as manifestações humanas ao exposto de suas subjetividades, a validade da pesquisa qualitativa não se perfaz na representatividade numérica, pois se encontra mediante a coerência interpretativa e a consistência teórica, por isso ela é exploratória e bibliográfica.

Microinterpretar é atribuir significado à experiência que um indivíduo pode viver, como subir em uma determinada árvore, ouvir o movimento de abertura de um concerto no caminho de volta para casa ou se informar sobre o curso de culinária que um amigo fez. Você pode considerar isso como um evento único, algo como uma “medida” única, complicada ou não, na forma de experiência humana. (STAKE, 2011, p. 49).

Stake (2011) explicita que a pesquisa qualitativa decorre por meio da “microinterpretação”, interpretando o jeito como algo funciona em particular, com o olhar atento ao micro, às especificidades. Na citação acima, o processo investigativo também é flexível, dando abertura a ajustes no percurso, no qual novos elementos aparecem no campo de estudo e a relação entre pesquisador e pesquisado é aproximada e conduzida pela escuta ativa.

Lança-se mão de técnicas, como questionários estruturados, entrevistas, grupos focais, observações de comportamentos e práticas entre outras que possibilitam absorver as minuciosidades das características dos participantes. O pesquisador exerce a importante função de mediador entre a experiência vivida dos seres humanos pesquisados e a elaboração do conhecimento, articulando dados empíricos e referenciais conceituais.

Devido à sua natureza interpretativa, a pesquisa empírica qualitativa requer critérios metodológicos voltados à transparência dos procedimentos, em paralelo ao embasamento teórico, implicando na explicitação dos pressupostos epistemológicos que sustentam a

análise de modo rastreável e legitimado, ao encontro de uma dialética entre dados, teoria e reflexão crítica.

A investigação de vertente qualitativa tem o propósito de captar os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas práticas, ademais de subsidiá-los para o enfrentamento e para a superação de problemas, estabelecendo-se como construção conjunta do conhecimento, considerando referências culturais e experiências de vida.

Historicamente, na área da Educação, até meados do século XX a pesquisa educacional carecia de uma cultura investigativa empírica sistemática. Ainda que houvesse profissionais culturalmente instruídos, faltava-lhes tanto o interesse quanto a formação específica para realizar estudos pautados na análise crítica da realidade.

Na área da Educação, a tradição de pesquisa restringiu-se a poucas iniciativas, até além de meados do século 20, e sua expansão como área de investigação é mais recente. E preciso reconhecer que na área educacional dispunha-se de pessoas com ampla e profunda formação cultural, mas que não tinham interesse, nem formação específica na área da investigação empírica. (GATTI, 2012, p. 47).

A pesquisa empírica qualitativa – em sua expansão como área de investigação mais recente – emerge desta problemática como um caminho metodológico capaz de conduzir para uma maior compreensão das práticas educacionais em suas peculiaridades e contextos. Ela serve como direcionamento para processos mais reflexivos e transformadores e rompe com as características clássicas, revelando a mudança de concepção a respeito da aplicação da pesquisa.

Trata-se de um instrumental a ser usufruído no universo educacional com efetividade, já que se relaciona às subjetividades, mas sem sucumbir ao subjetivismo, consistindo na interação com o sujeito e os grupos pesquisados sem comprometer a neutralidade da investigação.

Neste sentido, possibilitar a reflexão crítica sobre a formação de profissionais que trabalham nos anos iniciais da educação básica pública por meio do compartilhamento do conhecimento e da imersão aos contextos socioculturais dos participantes, é fator preponderante para os programas de mestrado profissional em Educação.

Então, a pesquisa empírica qualitativa contribuir para garantir as condições necessárias para este propósito. Ela demonstra-se pertinente para a ascensão da Educação, proporcionando o liame entre teoria e prática.

Como uma base sólida para a pesquisa empírica qualitativa, a abordagem de Marco Lucchesi — incluindo sua formação intelectual, produção literária e atuação social, no

Brasil e no exterior — ofereceu contribuições significativas para subsidiar este trabalho sobre a relação do docente pedagogo com a literatura. Ao evidenciar, para além dos aspectos acadêmicos, elementos humanos, afetivos e filosóficos que atravessam sua escrita e seu exercício público, Lucchesi se apresentou como uma referência potente para ressignificar o papel da literatura na formação de professores da Educação Básica I.

É desse intelectual obstinado e movediço, dessa *educated person* que da sua formação ítalo-brasileira fez um ponto de partida para explorar, a partir da sua identidade duplicada, o universo das artes, da filosofia, das literaturas, sempre combinando e recombinao linguagens, se subtraindo sempre aos Poderes — até se tornar, sem querer e por paradoxo, figura poderosa no panorama cultural brasileiro, justamente pelo seu fugir a qualquer delimitação e a qualquer regra imposta — é desse homem, enfim, que estamos falando hoje. (FINAZZI-AGRÒ, 2024, p. 31).

Como argumentado por Finazzi-Agrò, no I Colóquio Internacional Marco Lucchesi, sua experiência e obras permitem iluminar dimensões subjetivas, éticas e existenciais que frequentemente são negligenciadas na prática docente, favorecendo uma abordagem mais sensível, crítica e engajada com a literatura no contexto educacional.

Ressalta-se também, associadamente, a relevância desta investigação, ainda que outras pesquisas acadêmicas empíricas reportem-se à dimensão relacional, comunicativa e formativa da literatura com a prática no magistério, fundamentadas em Lucchesi.

Como ocorre com a de Oliveira (2023), intitulada: Marco Lucchesi: Educação e o diálogo epistolar, que inspirada no autor, se trata de um estudo investigativo de demasiada significância dentro da esfera do mestrado profissional em Gestão e Práticas Educacionais e analisa as cartas como forma de interdisciplinaridade, diálogo, reflexão e expressão poética no exercício pedagógico:

Esta pesquisa reflete, por meio da leitura de epístolas, as possibilidades de interdisciplinaridade e poesia por meio da literatura, analisando em particular as obras de Marco Lucchesi, discutindo a temática a partir de estudos teóricos que dialogam sobre a importância da literatura, as cartas como instrumento de pesquisa e o exercício docente. Inspirados pelo diálogo de Marco Lucchesi, buscou-se analisar os saberes em relação à leitura literária, tendo as obras de Lucchesi como recurso conceitual para este fim, buscando evidenciar o caráter interdisciplinar deste trabalho em questão... Para o desenvolvimento de tais reflexões, pretende-se investigar em que medida se torna possível o diálogo entre textos poéticos e a interdisciplinaridade, através da escrita de cartas com grupo de educadores em diferentes níveis de atuação. (OLIVEIRA, 2023, p. 5).

Entretanto, confere à presente pesquisa empírica qualitativa um caráter inédito e possibilitador para o avanço das reflexões sobre o papel da literatura na educação e para a inspiração de novas pesquisas, pela ausência de estudos anteriores que articulem de forma mais direta Marco Lucchesi à formação literária do professor polivalente atuante na escola pública.

III.3 Marco Lucchesi e a pesquisa empírica qualitativa com profissionais do magistério da educação infantil e ensino fundamental I de escolas públicas

Trajetórias...

O orvalho da manhã é teu indulto
cuja sentença flui meio à bruma.
Ouve as centelhas de saber oculto:
em toda a parte sempre, em parte alguma.
(LUCCHESI, 2025, p.183)

Entrevistada 1. A primeira professora a responder ao questionário 1 (em 22 de julho de 2025) foi uma mulher, na faixa etária de 65 anos, nascida na cidade de Santo André, no Grande ABC Paulista, estado de São Paulo; casada, mãe de três filhos já adultos, independentes e residentes em suas próprias casas. Ela tem 22 anos de carreira dedicados ao magistério, no Ensino Fundamental I. É graduada em pedagogia e em arte visual. É pós-graduada (*lato sensu*) em arte-educação.

Esta primeira entrevista exerceu o cargo de professora na esfera estadual de São Paulo, com lotação em escolas na cidade de Diadema. Também em esferas municipais de São Bernardo do Campo e de São Paulo, esta última corresponde à docência atual, na qual encontra-se com uma turma de quinto ano/ciclo II do Ensino Fundamental I, no ano letivo de 2025.

Ela afirma que recorre à literatura diariamente, em suas aulas, por meio das diversas formas de leitura: pelo professor, compartilhada, por capítulo, pelo aluno, com gêneros, como: fábulas, contos, crônicas, cartum, poesia, poema etc. Segundo esta professora, o recurso à literatura parte do projeto coletivo semestral desenvolvido pela escola e do interesse dos estudantes, a fim de desenvolver habilidades de leitura, a leitura pelo prazer e alcançar os objetivos do projeto.

Quanto às dificuldades enfrentadas ao trabalhar com literatura em sua prática pedagógica, a docente apontou a falta de parceria por parte das famílias e a escassez de tempo para qualificar o planejamento. Ela reconheceu a importância da literatura para a

formação de seres críticos, salientando que toda pessoa que lê aumenta o seu poder de participar das ações políticas da vida.

Quanto à sua experiência com a literatura quando era estudante durante o processo de escolarização, na educação básica, a entrevistada contou que, na adolescência, realizou junto ao colégio o curso técnico em Química, no universo das Exatas, e que a leitura de clássicos da literatura era exigida por mês nas aulas de língua portuguesa.

Sobre sua experiência com a literatura no decorrer do processo de formação como professora polivalente no âmbito inicial (na graduação), e na formação continuada, a professora relatou que a leitura era e continua sendo uma rotina, sempre com textos com ênfase didática-pedagógica e sobre a história da educação.

Ela descreveu sua relação com a literatura, considerando o processo de formação pessoal fora da esfera institucional, escolar ou acadêmica, como uma *memória afetiva*. Recordou de quando era criança e sua mãe lia os contos de uma coleção chamada “Mundo da criança” para ela e seus irmãos. Salientou também que a sua experiência com a literatura ao longo da vida influenciou sua prática pedagógica presente, consonante às habilidades que procura desenvolver com os educandos, as quais envolvem as estratégias de leitura, o que tem a ver com a sua vivência leitora, mas contou que atualmente não tem efetuado a leitura de obras ou textos literários para apreciação estética própria.

Indagada sobre Marco Lucchesi, disse não conhecer sua obra, apesar de ter ouvido falar sobre ele. Desta forma, nunca fez uso de sua literatura em âmbito profissional na educação. Quando questionada se acreditava que Lucchesi poderia contribuir em sua prática pedagógica, ela respondeu que ainda não sabia, porém, estava disposta a ter contato com a sua literatura e adquirir conhecimentos sobre sua personalidade.

Entrevistada 2. A segunda participante respondeu ao questionário 1 no dia 1 de agosto de 2025. Também foi uma mulher, com 36 anos, nascida na cidade de São Paulo, casada e com 2 filhos, de 8 e 13 anos. É licenciada em pedagogia e arte visual, com outras formações em Educação Infantil e neuropsicopedagogia. É mestre em educação pela Universidade Nove de Julho e doutoranda em letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

No tocante à esfera profissional, atua na Educação Básica I da rede pública há 16 anos, concursada como professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, na prefeitura de Santo André.

Entretanto, já passou por diversos setores e, atualmente, ocupa a função gratificada de assistente pedagógica (coordenadora pedagógica) em EMEIEF (Escola

Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental), coordenando o grupo de professores polivalentes de Educação Infantil e Ensino Fundamental I e os professores especialistas em arte e educação física, entre outros segmentos da unidade escolar.

Ao exposto de sua relação com a literatura, ela afirmou que, por cursar o doutorado em letras, possui diversas aproximações em seminários, disciplinas e pesquisas que englobam a arte da palavra escrita. Frisou ademais que utiliza a literatura em sua prática profissional diariamente, para a elaboração de formações e acompanhamento pedagógico e semanalmente, nas RPSs (Reuniões Pedagógicas Semanais), condizente à formação docente continuada, com o escopo da ampliação de saberes, fruição, elaboração de pautas formativas e indicações literárias.

O que faz também na verificação dos semanários de planejamento pedagógico e na organização de cestos literários temáticos. Em 2025, especialmente, no projeto coletivo da escola “O espetáculo da literatura”, apresentou como critérios para a seleção das obras e textos elencados para o seu trabalho com a literatura na escola pública, textos bem escritos, não apenas os canônicos (mas eles também pela validação que têm). Também para ampliação de léxico, repertório, enriquecimento da linguagem e da capacidade de elaboração do pensamento, obras que dialoguem com os propósitos contemplados, textos que sensibilizam, que geram desconforto, curiosidade e o despertar do desejo de saber mais.

Sua intencionalidade, ao dar ênfase à literatura em sua prática pedagógica, se faz na homologia de processos. Almejou que esta esteja cada vez mais presente na escola, pois acredita que a leitura auxilia na constituição das subjetividades, sendo fundamental para o desenvolvimento integral de pessoas. Além disso, ainda promove o desenvolvimento da linguagem, que pode se dizer responsável pela compreensão do mundo e atuação nele, então é indispensável e extremamente relevante. Também destacou as dificuldades que encontra para isso, como a falta de correspondência nos diálogos propostos e pouco ou limitado interesse por parte do público-alvo nas ações formativas.

A segunda entrevistada avaliou a sua experiência com a literatura como estudante durante o processo de escolarização na Educação Básica de forma positiva. Ela relatou que sempre foi aluna de escola pública e teve boas oportunidades, bons acessos e contato, até mesmo pelas indicações literárias dos livros didáticos. Obteve acesso a salas de leitura e bibliotecas municipais por conta própria, por amar ler e sentir prazer na ação, apesar de já ter se deparado com momentos reptantes na vida de estudante, de preenchimento de fichas de leituras de livros, que não conseguia entender e não gostava.

Como professora polivalente, a literatura foi abrangida em seu processo formativo, tanto inicial na graduação, como continuada, de maneira insuficiente, já que é necessário um gosto e desejo particularmente desenvolvido e um processo de formação contínuo para aprimoramento da capacidade leitora. Ela observou que a sua experiência com a literatura influencia muito a sua prática pedagógica atual, condizendo com suas escolhas, indicações, no modo de pensar e de se relacionar com os textos e com as situações.

Também afirmou que lê obras ou textos literários para apreciação estética própria (ao menos quatro ao mês), sem contar os textos literários mais voltados ao público infantil, que costuma ler para os seus filhos e a seleção de títulos para os alunos da escola que coordena, correspondendo, em média, a quatro obras por mês, mesmo que isto esteja bastante desafiador nos últimos tempos.

Quanto a Marco Lucchesi, ela salientou que seu conhecimento é superficial. Já teve contato com duas de suas obras, *Hinos matemáticos* e *Poemas reunidos*, vislumbrando nelas outras belezas da matemática e uma sensibilidade incrível para um olhar crítico sobre as coisas, ademais de uma humanidade crítica, que defende a leitura na escola, especialmente na escola pública.

Cumprе notar, por fim, que ela já utilizou *Hinos matemáticos* em âmbito profissional e acredita que Marco Lucchesi pode contribuir em sua prática pedagógica consideravelmente; por isso, desejou conhecê-lo melhor.

Entrevistada 3. A terceira voluntária respondeu ao questionário 1 em 13 de agosto de 2025. Também é do sexo feminino, aos 43 anos de idade, casada, com três filhos (de quinze, dez e oito anos), nascida na cidade de São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo.

Formada em pedagogia e licenciada em arte visual, é pós-graduada (*latu sensu*) em educação musical e Educação Infantil. Além disso, possui formação em musicalização infantil por meio da flauta doce soprano (Yamaha).

A terceira voluntária ocupa cargo estatutário de professora polivalente de Educação Infantil e Ensino Fundamental no município de Santo André há quinze anos. No ano vigente se encontra lecionando na Educação Infantil, com o 1º ciclo inicial, ocupando-se de uma turma com crianças entre dois e três anos de idade.

Esta educadora polivalente explicitou que faz uso da literatura em sua prática profissional diariamente, por meio de leituras pessoais, leituras para as crianças, poesias e canções. Para seleção do acervo literário, alterna entre autores poéticos e críticos, como

Rubem Alves, José Saramago, Cecília Meireles, além de histórias e contos infantis que contenham alguma profundidade, leveza e encantamento.

A intencionalidade de seu trabalho com a literatura em sala de aula consiste em letrar, encantar, formar e ampliar a consciência dos alunos como cidadãos críticos e criativos, baseando-se em valores da cultura e liberdade de expressão.

Ao ser questionada sobre as dificuldades encontradas no trato com a literatura em sua profissão, respondeu que são necessárias mais discussões entre os membros da equipe docente, a fim de selecionar obras de maior qualidade, algumas das quais não são disponíveis na unidade escolar; segundo ela, a biblioteca da escola em que trabalha é vasta, mas é importante conhecer os títulos para aplicá-los de acordo com cada faixa etária.

Esta professora acredita que a literatura contribui para o desenvolvimento integral do ser humano, em sua dimensão social, pois a leitura representa uma janela de abertura da consciência, capaz de ampliar a forma, a sensibilidade estética, as habilidades de escrita e a formação cultural das pessoas. Traz poesia e conteúdo na mesma proporção.

A respeito de sua experiência com a literatura quando era estudante, durante o processo de escolarização na Educação Básica, ela contou que teve acesso a alguns títulos importantes em sua época escolar, que o gosto pela escrita vem desde pequena e que, graças a uma professora de redação no ensino, passou a se interessar mais pelo tema.

Segundo ela, na abordagem da literatura em seu processo de formação como professora polivalente no âmbito inicial (graduação) e ao exposto da formação continuada, teve a felicidade de cursar a Fundação Santo André onde, à época (2001-2005), havia professores encantadores que a fizeram aguçar o gosto pela leitura e pela pesquisa.

Da mesma maneira teve o privilégio de atuar em uma escola de Educação Infantil da rede privada, a unidade Educacional Magistral, que viabilizou a possibilidade de dar às crianças o acesso a bons livros e diferentes maneiras de contar histórias.

Ela relatou ainda que, na pós-graduação em educação musical, teve aulas com uma professora renomada, Ana Luisa Lacombe, quem a ensinou a contar, ler e mergulhar no tema. Contudo, no ambiente escolar, diariamente percebe que não são todos os profissionais que possuem a mesma formação e o mesmo encantamento, e muitas vezes isso se perde na rotina.

Segundo a terceira entrevistada, sua relação com a literatura no processo de formação pessoal – fora da esfera institucional, escolar ou acadêmica – pode ser ainda

melhor, pois a rotina, o tempo e a disciplina por vezes não lhe permitem ir em busca de novidades. Entretanto, se sente feliz por ter boas referências e bons caminhos a serem seguidos. Ela frisou que a experiência obtida com a literatura influencia cada vez mais sua prática pedagógica, inspirando-a e estimulando-a a trazer sempre novas leituras, releituras e interpretações para as crianças, assim como a forma de contar as histórias, sempre envolvendo a poesia.

Ela mencionou que também exerce o papel de formadora de outros professores. Assim, procura estudar tanto quanto possível para inspirá-los no caminho da literatura. Quanto à leitura de obras literárias para apreciação estética pessoal, assinalou que atualmente está lendo um livro (não mencionado), mas que precisa de mais disciplina para ler com maior frequência. Está convencida de que a leitura nos arranca de uma possível alienação e nos permite criar, sempre usando a imaginação ativa.

Sobre Marco Lucchesi, ela disse conhecer razoavelmente o nosso escritor, graças ao contato que teve com sua obra durante os anos de formação. Esta professora afirmou apreciar a abordagem de Lucchesi à literatura, notadamente sua ênfase na importância de uma educação participativa, na qual os educandos são autores de suas próprias histórias (e histórias). Ela também ressaltou a atuação musical de Lucchesi, elogiando sua visão inspiradora em relação à atividade musical que seria, em sua opinião, inerente ao trabalho pedagógico.

Ela já utilizou em âmbito profissional, nas formações de musicalização infantil que ministrou, e em sua própria formação, alguns dos textos de Lucchesi, como *Cultura da paz*. Declarou recorrer também a outros autores, como Paulo Freire. Ela citou um livro que faz parte do seu horizonte de referências: *Marco Lucchesi: Educação, memórias e diálogos interdisciplinares*, além de textos com falas importantes do escritor.

Por fim, a terceira entrevistada demonstrou acreditar que Marco Lucchesi pode contribuir sempre mais para inspirar e aprimorar sua prática pedagógica.

III.4 Conclusões das entrevistas e seleção de textos e obras

A coleta inicial de dados foi fator primordial na pesquisa que se delineou, sendo uma etapa fundamental ao disponibilizar a base sobre a qual toda esta investigação se construiu.

Foi a partir destes dados iniciais, tão confiáveis quanto relevantes, que pudemos conhecer mais as pessoas entrevistadas e contempladas na investigação, sempre prezando

pela objetividade da mesma – princípio fundamental para a validade científica dos resultados e para o direcionamento da etapa seguinte.

Se ele fez um mapeamento do que já foi pesquisado sobre o assunto, pode identificar as lacunas do conhecimento, argumentar em que medida seu estudo tem algo a acrescentar, indicar sua relevância. Se já encontrou autores que trataram do tema escolhido, pode utilizá-los como referência para fortalecer seus pontos de vista e para mostrar quais os aspectos que ainda precisam de maior elucidação. (ANDRÉ, 2017, p. 835).

Na citação acima, André destaca a relevância das informações iniciais como parte importante do processo da pesquisa empírica, com ênfase em fundamentar o estudo de maneira contextualizada.

Na abordagem qualitativa tais informações permitem ao pesquisador compreender o contexto, identificar nuances do fenômeno e aprofundar sua sensibilidade teórica e metodológica. Ou seja, a coleta inicial de dados empíricos contribuiu para orientar a escolha dos materiais contemplados (para representarem diferentes vozes literárias, perspectivas de mundo e origens culturais) junto às entrevistadas e a ajustar o foco investigativo.

A primeira coleta de dados e o embasamento teórico formaram um ciclo interdependente que fortaleceu a coerência, a relevância e a potência da pesquisa qualitativa. Com a coleta inicial estruturada, partindo das trajetórias das profissionais da educação voluntárias, tornou-se possível otimizar o tempo e recursos, assegurando maior eficácia no respectivo trabalho acadêmico.

A partir das contribuições das educadoras entrevistadas no primeiro questionário, tendo em vista suas individualidades e particularidades, pessoais e profissionais, e ainda ao encontro do caráter qualitativo, experiencial e formativo da pesquisa empírica, organizamos uma seleção de textos e obras de Marco Lucchesi.

A literatura abordada com as pedagogas almejou respeitar e dialogar com suas realidades, seus percursos formativos e experiências, conversando com os objetivos da pesquisa. Então, visando à pertinência à formação docente e à prática pedagógica, como fomento à experiência estética e subjetiva, levando em consideração os diferentes níveis de familiaridade e conhecimento em relação à obra de Marco Lucchesi, o primeiro texto apresentado a elas foi sua biografia, no capítulo anterior desta dissertação, com o objetivo de aproximá-las do autor.

Apresentar a biografia do escritor às professoras participantes da pesquisa foi um passo fundamental na contextualização do objeto de estudo, de maneira aprofundada e

significativa, para o conhecimento de sua trajetória pessoal e profissional (em âmbito nacional e internacional). Conhecendo a narrativa biográfica de Marco Lucchesi, as particularidades de sua história e a diversidade de saberes que a perpassam – sua formação transdisciplinar, seu domínio em múltiplos idiomas, sua atuação como tradutor, poeta, professor universitário e presidente da Biblioteca Nacional – as profissionais do magistério expandiram suas perspectivas sobre ele e, por conseguinte, refletiram sobre as interrelações entre vida, literatura e educação, para mobilizar suas próprias experiências, visões de mundo e práticas pedagógicas.

A biografia serviu como um catalisador de sentidos na abertura de caminhos interpretativos, aprofundando o engajamento com o poeta, com o propósito de formar e sensibilizar o olhar das voluntárias e direcioná-las a um envolvimento mais crítico, afetivo e reflexivo com o autor.

Em seguida, na etapa formativa da pesquisa, tendo como ponto de partida a sua biografia, o próximo texto disponibilizado para leitura das participantes foi “Círculo de leitura”, de Marco Lucchesi. É o primeiro capítulo do livro: *Educação e literatura: o diálogo necessário*, organizado por Ana Maria Haddad Baptista e María Ángeles Pérez López.

Neste texto portentoso e labiríntico, Lucchesi evocou muitos grandes escritores e pensadores da história. O objetivo principal aqui foi permear o contato das educadoras com a escrita de Marco Lucchesi, para maior familiarização com sua variedade de estilos, tipologias linguísticas e vasto repertório humanístico, o qual exige muitas compreensões históricas e literárias.

O texto é densamente tecido com referências literárias, filosóficas, teológicas e estéticas, evocando um mosaico intertextual sofisticado, de natureza transdisciplinar. Lucchesi articula aí uma constelação de falas que atravessam o tempo.

As interlocuções tecidas por Lucchesi neste texto refletem sua visão sobre temas como leitura, memória, infinito, ambiguidade, subjetividade e o mistério humano, tais como Friedrich Schlegel (romantismo alemão), Friedrich Nietzsche, Franz Kafka e Sigmund Freud, Santo Agostinho (*Confissões*), os italianos Luigi Pirandello e Umberto Eco (estética contemporânea), os russos Dostoiévski, Tolstói, Shestov, Berdiaev, Soloviev, Viacheslav Ivanov e Mikhail Bakhtin, o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, Baruch Spinoza, *Ésquilo* (tragédia antiga) e o escritor brasileiro Graciliano Ramos. Para Lucchesi a leitura é um exercício interminável de conexões e o fragmento literário é um ato estético em perpétuo movimento: “A leitura é uma defesa do infinito.

Talvez por emprestar rostos, vozes e paisagens, a leitura lança uma hipoteca sobre a vida.” (LUCCHESI, 2022, p. 6).

O terceiro texto – um fragmento – apresentado às professoras foi o aforismo intitulado ἡσυχία (*hesychia*) termo grego que significa quietude, paz, silêncio, tanto interior quanto exterior. Trata-se, precisamente, da prática monástica de *silêncio* dos Padres do Deserto, segundo Lucchesi.

O tradutor é responsável por tornar a obra acessível e ao mesmo tempo mantê-la em sua estilística e sentido, conservando suas intenções explícitas e implícitas, com delicadeza sociocultural e linguística. Por isto, concomitantemente, ele é intérprete cultural, leitor sensível, escritor habilidoso, mediador e cocriador textual.

Nesta tradução, publicada na revista *Humanitas* nº 187, foi possível observar peculiaridades da escrita de Lucchesi, denotando sua linguagem formalmente elevada, com toques ascéticos, sapiência e espiritualidade. Além de estrutura paralela e credenciada, com orações curtas e impactantes (concernentes a um aforismo), solenidade e profundidade, assim como empatia poética, a qual confere a fidelidade ao espírito do texto original.

Sejam quais forem teus males, só no silêncio poderás vencê-los.

Sem a observância dos lábios, é impossível ao homem progredir, ainda que numa só virtude; pois a primeira das virtudes é a observância dos lábios.

O silêncio é repleto de formas de vida; enquanto a morte se esconde no excesso de palavras.

Ama o silêncio mais do que falar; porque o silêncio guarda, ao passo que o falar dissipa.

Chegaste a guardar silêncio. Não creias, no entanto, haver cumprido uma virtude. Melhor dizer: não sou digno de usar a palavra.

Prefere o silêncio total; ao pronunciar o bem, surge também o mal. (LUCCHESI, 2025, p. 8).

Com poucas palavras, mas de imensa carga semântica, este aforismo apresenta cada frase destacada em camadas de significado ético, psicológico e espiritual, carregando uma densidade de significados profundos que exige uma leitura lenta e meditativa. A sua leitura nos submerge em tensões intencionais que exploram ondas de reflexão, desafiando-nos a repensar a relação paradoxal entre palavra e silêncio, num espaço de indeterminação, sem centralidade, coexistente na relação entre autor, tradutor, texto e leitor, ao exposto de um círculo de integridade estilística, expressões idiomáticas e interculturalidade. Na perspectiva lucchesiana, a literatura se revela como um espelho

do infinito e da subjetividade, um modo de acesso e partilha da esfera humana. Por isso, suas obras são como um palimpsesto poético-filosófico e histórico-cultural.

A leitura é uma atividade em constante transformação, é interpretação assimétrica, reconstrução e esquecimento – retomando o pensamento de Agostinho. Dito isso, na intenção de viabilizar às participantes – já com algum conhecimento de Lucchesi – um de seus romances, com o intuito de evidenciar mais afincado o olhar humanista e o compromisso literário e social do nosso autor, foi apresentado a elas *Adeus, Pirandello*.

Neste romance, Lucchesi constrói um enredo denso, no qual se misturam sentimentos, memória histórica e um grande senso estético-literário, com reflexões poéticas de poder emocional e simbólico, diante de uma obra de significância plural com destreza cognitiva, que gera sensibilização em múltiplos níveis: psicológico, intelectual, espiritual e profissional.

Escrito durante a pandemia, o livro dá vazão à introspecção e à necessidade de expressar-se, mesclando, com abordagem criativa, os sentimentos do período de isolamento (solidão, melancolia, dúvida, medo e esperança) e um momento histórico passado – o final do ano de 1927, quando o dramaturgo italiano Luigi Pirandello esteve no Rio de Janeiro acompanhado de Marta Abba e de sua companhia teatral.

A história de Pirandello se cruza com a do diplomata e aristocrata Mário Guerra, que habitou e “desnasceu” no mesmo Copacabana Palace onde o dramaturgo italiano se hospedara durante as duas semanas em que esteve na cidade carioca.

Naquela primeira viagem de Pirandello ao Brasil, a de 1927, um diplomata italiano toma aposentos no Copacabana Palace. Servira em Santiago do Chile, antes do Rio, como segundo-secretário, homem culto e aristocrata. Fora das lides amorosas, afina os instrumentos de sentir. Chama-se Mário Guerra, se não me falha a memória. Nome: potência e desatino, omissão e destemor. Perde-se o rosto e o nome, quando se desnasce. (LUCCHESI, 2020, p. 22).

No ensejo, Lucchesi retrata um Rio de Janeiro de urbanização, adornado por sua própria nostalgia em tempos adversos, tendo a “cidade dos vivos à cidade dos mortos” como pano de fundo narrativo e simbólico entre fins e recomeços e enaltecendo a literatura como potência libertadora e de despertar interior.

O Rio de Janeiro cresce em zonas multifárias. Cidade tentacular, que se desloca, entre morros devastados e aterros a perder de vista. Cidade que o futuro roubou para si. Puro dinamismo. Naufrágio de antigos barcos no asfalto, onde se afogam capitães. A zona portuária e os bairros distantes ampliam-se vertiginosos para que os moradores refluem, cedo ou tarde, às suas entranhas. Da cidade dos vivos à cidade dos mortos,

subsiste uma frágil membrana. Talvez menos. (LUCCHESI, 2020, p. 41).

Adeus, Pirandello é um livro fragmentário, aberto e sugestivo. Em sua narrativa, a cidade – representação do ser humano – surge como um espaço de tensão, deslocamento e memória. Uma obra que demonstra a escrita de Marco Lucchesi em seu estilo poético e reflexivo, demarcada por recursos que transferem a narrativa convencional para a prosa literária de alta elaboração e de veemente conteúdo lírico e filosófico. É um romance no qual transparece a linguagem como ferramenta de pensamento, para além da comunicação. Por este motivo, foi escolhido como o último a subsidiar as professoras participantes da pesquisa vigente.

Muito antes da neurociência poder comprovar, de fato, os benefícios da literatura-leitura, os artistas, escritores, filósofos, entre tantos outros, sempre alertaram sobre a importância da literatura para as nossas vidas. Mas tudo isso era visto como sonhos, projeções infundadas, perspectivas subjetivas. Mas agora não. As pesquisas quantitativas e qualitativas mostram que a leitura é fundamental para que o homem se localize. Mas não somente geográfica ou temporalmente. Não. Localize-se dentro de si mesmo. Enfrentando suas próprias contradições sem temor. Com clareza e lucidez. E com isso as transporte ao mundo real que o rodeia. Eis uma grande verdade. (BAPTISTA, 2022, p. 19).

Em “Educação e literatura: O diálogo necessário”, Baptista (2022) aponta para um elo entre a literatura e a formação humana, desenredando como a leitura perpassa o âmbito do prazer para se constituir como prática de autoconhecimento e de localização existencial. Historicamente, a literatura antecipou aquilo que a ciência depois legitimou. Ao encontro do apresentado por Baptista (2022), foi pelo contato das docentes entrevistadas com a biografia, textos e passagens da obra de Marco Lucchesi que diálogos e perspectivas lograram ser traçados de modo a expandir e aprimorar suas relações com a literatura e com este autor em particular.

III.5 A categoria estética de Marco Lucchesi entre diálogos e perspectivas

Houve um reconhecimento das trajetórias singulares das três pedagogas entrevistadas, profissionais da educação pública. A pluralidade de experiências e linguagens de Marco Lucchesi, intrínsecas à sua categoria estética – compreendida como uma dinâmica entre erudição, transcendência e abertura ao diálogo intercultural, sustentada por profunda consciência da linguagem e pela integração entre diferentes formas de expressão artística e intelectual –, pôde inspirá-las a valorizar a diversidade de seus percursos.

Ao encontro do apresentado por Diana Navas, autora, pesquisadora e professora de literatura e crítica literária do Programa de Língua Portuguesa da PUC-SP, no âmbito do III Colóquio Internacional Marco Lucchesi, ocorrido na cidade de São Paulo, em abril de 2025, a categoria estética de Marco Lucchesi define-se como uma poética da confluência e da transcendência, alicerçada pela ética do diálogo e da alteridade.

Nela, o ato de escrever e traduzir se torna um exercício de escuta, reinvenção e resistência, no qual o pensamento e a sensibilidade convergem para a construção de uma literatura universal, polifônica e espiritual.

Marco Lucchesi transita entre diferentes gêneros literários, construindo uma obra marcada pela erudição, pelo diálogo com múltiplas tradições e por uma escrita que entrelaça poesia, prosa, ensaio e tradução. Sua produção revela um constante movimento de atravessamento de fronteiras, seja entre línguas, culturas ou formas de expressão, o que resulta em textos que desafiam classificações rígidas. (NAVAS, 2025, p. 41).

Esta categoria, segundo a autora, apresenta-se em eixos interpretativos: a intertextualidade como estratégia de construção literária, o trânsito entre culturas e línguas como fundamento de sua escrita e a relação entre erudição e sensibilidade, os quais contemplam confluência e transversalidade, dimensão metafísica e rigor formal e abertura e resistência.

A intertextualidade será abordada como um elemento estruturante, evidenciando as múltiplas referências que atravessam sua obra, da poesia à filosofia, da literatura clássica à modernidade. O diálogo entre culturas e línguas permitirá examinar como sua escrita se configura como um espaço de hospitalidade literária, no qual diferentes tradições se encontram e se resignificam. Por fim, a tensão entre o rigor erudito e a experiência sensível será abordada como um traço essencial de seu estilo, revelando de que maneira sua obra consegue articular conhecimento e emoção, pensamento e estética. Esses eixos não apenas iluminam aspectos estruturais e temáticos de sua produção, mas também evidenciam sua relevância no cenário literário contemporâneo. (NAVAS, 2025, p. 43).

A escrita de Lucchesi é um campo de confluência entre poesia, ensaio, romance e tradução, na contramão da fragmentação dos saberes, dando espaço para uma literatura que une pensamento e sensibilidade, ultrapassando fronteiras entre gêneros, línguas e tradições e configurando uma poética de transversalidade, onde o conhecimento e a criação coexistem como faces de uma mesma experiência estética.

O movimento de escuta e resignificação se estende à sua produção poética, ensaística e de tradução, nestas o diálogo com outros tantos autores expressa uma poética

da comunhão e da interdependência espiritual. Trata-se de uma poética da hospitalidade linguística, em que o poeta se abre à alteridade.

A construção de sua poética não se dá apenas no âmbito da palavra, mas em uma concepção de literatura como atravessamento de fronteiras. A linguagem, para Lucchesi, é um território dinâmico, no qual o passado ressoa no presente e em que a tradição não se fixa, mas se transforma. Sua obra reafirma o potencial da poesia como um campo de conhecimento, um espaço no qual razão e intuição, forma e pensamento, precisão e mistério se encontram e se reinventam continuamente. (NAVAS, 2025, p. 49).

Lucchesi ainda articula uma rara combinação de rigor intelectual e espiritualidade. A influência da mística islâmica e do humanismo renascentista imprime à sua escrita um caráter meditativo e transcendente: a palavra é caminho para o indizível, para o mistério e para o infinito. A categoria estética de Lucchesi afirma-se como um ato ético e político. Ao integrar o múltiplo, ele resiste à compartimentalização do saber e à rigidez das fronteiras disciplinares e, quando se faz tradutor, reinscreve o texto estrangeiro em uma nova tessitura cultural.

Logo, sua vasta produção literária propõe uma estética da liberdade, em que o pensamento literário se torna espaço de resistência à homogeneização cultural e de promoção da pluralidade, o que influenciou de modo significativo as vidas das educadoras que se propuseram a participar desta pesquisa.

Freire (2024) enfatiza que o sujeito se faz humano na relação com o mundo por meio da pluralidade; desta maneira, não há respostas únicas e padronizadas, mas numerosas possibilidades de ação e reflexão à frente dos desafios, dos contextos e da singularidade de cada indivíduo.

Há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios. Em que não se esgota num tipo padronizado de resposta. A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. Faz tudo isso com a certeza de quem usa uma ferramenta, com a consciência de quem está diante de algo que o desafia. Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade. E há também uma nota presente de criticidade. (FREIRE, 2024, p. 55-56).

Assim como Freire expõe, em *Educação como prática da liberdade* (2024), que o ser humano se transforma no jogo plural de respostas diante do mundo, o contato com a

obra de Marco Lucchesi conduziu às docentes a enriquecerem-se pela diversidade englobada por ele. A literatura é ferramenta de conscientização e reinvenção.

A medida em que penetraram nos textos e obra de Lucchesi demonstraram suas inquietudes, descobertas, confrontos e perspectivas por meio dos diálogos que aconteceram de modo formal e informal, que se circundaram depois nas respostas do segundo questionário aplicado para conclusão deste trabalho acadêmico, na esfera do mestrado profissional.

Conclusão esta que é uma abertura de portas reflexivas, apesar de provisória, porque se faz no agora, mas que tampouco será fechada, pois, ao encontro da premissa freiriana, não há saberes absolutos, o homem está em contínua aprendizagem da causalidade:

Daí que não haja ignorância absoluta, nem sabedoria absoluta. O homem, contudo, não capta o dado da realidade, o fenômeno, a situação problemática pura. Na captação, juntamente com o problema, com o fenômeno, capta também seus nexos causais. Aprende a causalidade. (FREIRE, 2024, p. 138).

Desta maneira, o questionário 2 serviu como instrumental de avaliação formativa e investigativa, para verificar quais impactos, percepções e repercussões os textos e a obra de Lucchesi tiveram junto às docentes de sala e para a coordenadora pedagógica (assistente pedagógica), na condição de professora formadora.

O questionário 2 – estruturado de modo sucinto, mas consistente - articulou impacto pessoal (autoconhecimento, sensibilização estética), impacto profissional (mudanças na prática pedagógica, inserção da obra em sala de aula) e avaliação crítica da experiência.

Entrevistada 1. A primeira professora a responder o questionário 2 foi entrevistada em 6 de outubro de 2025. Ela avaliou a leitura da biografia de Marco Lucchesi como uma experiência significativa que lhe possibilitou refletir sobre sua prática pedagógica, visando uma melhoria do processo ensino-aprendizagem.

Após a leitura do capítulo “Círculo de leitura”, pôde desenvolver novas reflexões sobre a literatura e a educação. A professora destacou a menção feita por Lucchesi à “espiral logarítmica”, comparada por ela a uma escada vista por ângulos opostos, como metáfora da educação, na qual há sempre habilidades a serem despertadas em contextos diferentes.

Com relação ao aforismo “ἥσυχία” (“Silêncio dos padres do deserto”), traduzido por Lucchesi, ela o considerou “desafiador e estimulante”, aplicável à sua vida pessoal e

à sua prática pedagógica. Segundo a professora, a importância dada ao silêncio lhe permitiu pensar e repensar, analisar e refletir para ter uma percepção ampliada do que fazer em cada situação pedagógica.

O contato com o romance *Adeus, Pirandello* expandiu sua compreensão sobre a literatura como um fenômeno estético, histórico e social, trazendo conhecimentos do dramaturgo Pirandello, entre outras aquisições, ampliando os seus saberes nas áreas da música, arquitetura, teatro e literatura.

Após o primeiro contato com Marco Lucchesi, afirmou sentir, na sua relação pessoal com a literatura, a necessidade de ampliar suas leituras, de navegar por novos horizontes e buscar respostas a questões ainda inquietantes dentro do seu processo contínuo de aprendizagem. Segundo ela, a avaliação da importância da literatura não mudou, pois sempre a julgou muito importante. Contudo, o que mudou, e de forma considerável, foi seu planejamento pedagógico e pessoal.

Ela não identificou possibilidades de inserir textos ou obras de Lucchesi em sua atuação profissional diretamente, porque trabalha com crianças e os pensamentos do escritor são muito avançados para essa faixa etária. Todavia, isso seria possível indiretamente, ao usar de seus saberes para a expansão de perspectivas. Como exemplo, citou *Adeus, Pirandello*.

Após a vivência formativa participando desta pesquisa empírica, ela destacou que continua utilizando a literatura em sua prática pedagógica diariamente, agora com maior potência. Assinalou também um enriquecimento de sua experiência mediante a extensão e articulação de conhecimentos para a vida, em termos de competências e habilidades, embora entenda que a circunstância formativa da pesquisa não é um fim em si mesmo, sendo necessários maiores aprofundamentos.

Como exibido por Andreia Guerini, professora titular de Estudos Literários e Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, no I Colóquio Internacional Marco Lucchesi, a literatura lucchesiana é um campo de diálogo entre diferentes saberes — filosofia, teologia, música, matemática e geometria — que enriquecem a criação e a visão de mundo de seus leitores.

Esse mundo da literatura, que envolve leitura, criação, crítica, tradução, e estudo contínuo dos grandes nomes da literatura mundial, mas também da filosofia, da teologia, da música, da matemática, da geometria, foram alimentando a sua ilimitada curiosidade e ampliando o seu mundo linguístico-cultural e o seu prodigioso talento. (GUERINI, 2024, p. 210).

Entrevistada 2. Esta foi entrevistada na segunda quinzena do mês outubro de 2025, avaliando a experiência pessoal com a leitura de Lucchesi de modo notório. Justificou que a biografia, apresentada de forma sensível, a despertou admiração profunda e envolvente. Contou que conhecer aspectos da trajetória do autor foi relevante para estabelecer as relações com os textos. Mostrou-se surpresa com os idiomas dominados por ele.

Enfatizou que a leitura de “Círculo de leitura” lhe possibilitou novas reflexões sobre a literatura e a educação por ser indissociável. Destacou a transcendência, a atemporalidade, a multiplicidade de possibilidades como fatores que a mobilizaram inicialmente.

Sobre o aforismo ἡσυχία (Silêncio dos padres do deserto), traduzido por Lucchesi, disse ser desafiador, estimulante e aplicável à vida pessoal e à prática pedagógica. Percebeu uma interdiscursividade e uma escolha ousada de palavras, com propósito e crítica. Salientou que por não ter o texto original, apenas a tradução, lhe faltou pistas para se aprofundar ou se relacionar com este também de outras maneiras.

Asseverou que o romance *Adeus, Pirandello* enriqueceu sua compreensão da literatura como expressão estética e histórica por ser extremamente sensível. Acrescentou que o leu sem pressa para acabar, com curiosidade.

Narrou, ainda, que passou a sentir necessidade de ampliar suas leituras literárias e que o contato com Lucchesi aprimorou a sua relação pessoal com a leitura literária para o autoconhecimento e para o enfrentamento das contradições humanas, colaborando efetivamente para repensar a sua práxis.

Defendeu que a literatura tem que ser trazida para a prática pedagógica cada vez mais, de diferentes formas, em distintas situações, já que ela constitui o indivíduo. Na condição atual de formadora (coordenadora pedagógica e/ou assistente pedagógica) identificou possibilidades de inserir textos de Lucchesi em sua atuação mensalmente.

Finalizou o questionário respondendo que o maior ganho da experiência na pesquisa foi obter um contato maior com outras obras de Lucchesi, estas que a encantaram e lhe desencadearam o desejo de conhecer mais, bem como frisou acreditar que a academia precisa estar cada vez mais próxima da Educação Básica e dos professores, como uma possibilidade (trans)formativa.

Entrevistada 3. A terceira educadora a responder o questionário 2 o fez também no mês outubro de 2025, no dia 12. Quanto à experiência pessoal com a leitura de Marco Lucchesi a avaliou como muito significativa.

Na sua avaliação, Lucchesi é um “artista completo”, poeta, músico e educador, para além de sua produção literária. Sua biografia a inspirou a sair do comodismo e mergulhar em águas mais profundas da literatura, como meio de abertura de horizontes e mentes para uma mudança de mundo, de sociedade e principalmente da educação.

Sobre o capítulo “Círculo de leitura”, disse que possibilitou para ela a ampliação de perspectivas para novas reflexões. Afinal, como observou, Lucchesi vai para além de simplesmente defender a literatura e o direito de ler, abrangendo crítica importante de quanto a leitura remete ao conhecimento amplo de mundo e de si mesmo, sendo ela um processo contínuo de interpretação e diálogo, no qual os leitores continuam a dar vida e significado aos textos no transcorrer dos séculos.

Acerca do aforismo “ἡσυχία” (“Silêncio dos padres do deserto”), traduzido por Lucchesi, ela o considerou desafiador; contudo, estimulante e aplicável à vida pessoal e ao exercício pedagógico, sendo a prática do silêncio essa busca pela quietude da alma e pela escuta interna de um poder superior, da conexão com um princípio divino. Pontuou ademais que, em sua prática docente, a escuta atenta é em si mesma um ato de educação pela generosidade. Assim, o silêncio é um exercício essencial para encontrar, reconhecer e valorizar a alteridade do educando, mesmo na infância.

Sobre *Adeus, Pirandello*, a educadora relatou que o romance expandiu sua compreensão sobre a literatura como expressão não só estética, mas histórica e social, tendo em vista a estética de Lucchesi, sempre provocativa e reflexiva, a respeito do tema principal: proporcionar, mediante a atividade literária, um encontro consigo mesmo, promover o pensamento crítico e criativo em diversas expressões poéticas e literárias, como ferramenta de resistência e sobrevivência em um contexto social caótico.

A terceira entrevistada enfatizou que, após familiarizar-se com a obra de Lucchesi, sua relação pessoal com a leitura tornou-se mais consciente, reflexiva, e que passou a sentir necessidade de ampliá-la de modo a incorporar cotidianamente a literatura à sua experiência de vida, aplicando-a no sentido de encontrar o seu propósito no mundo enquanto pessoa, cidadã e educadora. Segundo ela, a literatura de Lucchesi demonstra uma inestimável sensibilidade estética que transforma o olhar e as leituras de mundo.

Salientou também uma profunda transformação em sua percepção da importância da leitura literária para desenvolver o autoconhecimento e para o enfrentamento das contradições humanas, pois, segundo ela, o encontro com a literatura e suas diversas expressões suscita reviravoltas e reflexões sobre o papel de cada um na sociedade e no mundo.

Ou seja, para ela a literatura expande e refina as leituras de mundo, especialmente para o seu papel de professora, favorecendo-a para que possa transmitir esse efeito salutar aos educandos. Nutrir-se de literatura torna as pessoas mais críticas e criativas, resistentes à manipulação e à aceitação de falsidades travestidas de verdades, fazendo-as mais conscientes de que “a verdade” é uma construção, o resultado sempre provisório de um processo histórico e social. Lucchesi, em sua veemência literária, contribui enormemente para esse processo.

A literatura de Marco Lucchesi colaborou para que a pedagoga repensasse a sua prática pedagógica de forma significativa. Ela concluiu a faculdade há exatos vinte anos e recordou que, à época, foi tocada pela leitura de alguns dos seus textos. Anos depois, já na pós-graduação *latu senso* em educação musical, notou uma vez mais que Lucchesi foi – e continua sendo – decisivo para a continuidade e aprofundamento dos seus estudos. Não somente contribui como lhe inspira a buscar, em sua prática docente, uma educação de excelência, humanizada e emancipadora.

Quanto à perspectiva de adotar textos de Lucchesi em sua atuação profissional, ela frisou que leciona para crianças muito pequenas, razão pela qual a inserção da literatura em questão deveria acontecer de forma adaptada e mediada. Ao escolher melhor as obras infantis para uma leitura mais esteticamente trabalhada e ao divulgar aos pais suas poesias, como a própria que fala sobre o silêncio e seus aforismos (ainda mais hoje em que silenciar é um ato de bravura).

Ela acrescentou que adaptar a obra de Lucchesi para ser trabalhada com educandos na fase de infância equivale a semear o autoconhecimento para um desenvolvimento mais humano e salutar. A terceira entrevistada observou que a natureza e o cosmos, tais como representados na poética lucchesiana, carregam um poder metafórico que pode ser transmitido aos pequenos alunos de modo simples e didático, sem perder a beleza e o jogo estético das palavras.

Neste ensejo, depois da experiência formativa, ela pretende adotar a literatura – de Lucchesi e outros autores – em sua prática pedagógica cotidiana.

Por fim, a professora afirmou que o maior benefício dessa experiência de leitura é uma espécie de “despertar”, um reencontro aprofundado com sua essência, numa avidez renovada por novas leituras e estudos, e, mais do que isso, como um olhar renovado sobre a importância da literatura desde a mais tenra infância.

Na prática o conjunto de obras de Marco Lucchesi têm não somente inspirado, mas concretizado projetos de leituras aplicados em dezenas

de escolas de âmbito federal, estadual, municipal e privado no Brasil. Ora mais direcionados para os alunos, ora para a formação de professores de todos os níveis. (BAPTISTA, 2025, p. 98).

No III Colóquio Internacional Marco Lucchesi, Ana Maria Haddad Baptista, ao referir-se ao grupo de pesquisa “Marco Lucchesi: teoria e práticas das transformações silenciosas”, coordenado por ela, confirma a potência da literatura de Lucchesi, capaz não somente de inspirar poeticamente, mas de concretizar socialmente projetos de leituras em escolas do país.

Dito isto, esta investigação buscou demonstrar, em seus resultados qualitativos, o vigor da literatura de Marco Lucchesi para enriquecer a educação brasileira contemporânea, especialmente na esfera pública, fomentando um investimento integral na formação de professores, mediando diálogos interdisciplinares e construindo pontes capazes de superar divisões e desigualdades.

Assim, valendo-se de indicação bibliográfica com os escritos de Marco Lucchesi que guiaram as educadoras aqui entrevistadas no sentido de incorporar a literatura em seu trabalho educacional, estabelecemos aqui, como corolário desta pesquisa, um manual de formação docente como condutor da formação literária de professores:

Manual de formação docente

Este manual é o resultado da pesquisa empírica qualitativa, na vertente do mestrado profissional da Universidade Nove de Julho, com a temática: **MARCO LUCCHESI: PÓETICA E FORMAÇÃO LITERÁRIA DO PROFESSOR POLIVALENTE**.

Tal pesquisa propõe inserir a literatura de Marco Lucchesi na formação do professor pedagogo, atuante na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, como meio de integrar sensibilidade, reflexão e prática pedagógica, subsidiando suas práticas no tocante à literatura.

A leitura de Lucchesi estimula a formação estética, ética e humana, permitindo ao docente revisitar suas experiências e compreender o ensino como ato de partilha e escuta.

1. Fundamentação

A escrita de Lucchesi une literatura, filosofia, espiritualidade e educação, oferecendo ao professor caminhos para a leitura como experiência formativa e subjetiva, de forma interdisciplinar.

Eixos que norteiam a proposta

1. Biografia como aproximação formativa;
2. Leitura como prática de conexão e transcendência;
3. Silêncio e palavra como dimensões educativas;
4. Historicidade ao exposto da temporalidade/subjetividade humana.

2. Objetivos

Geral

- Inserir a literatura de Marco Lucchesi na formação docente, estimulando a leitura crítica e sensível.

Específicos

- Promover o contato com o autor e sua trajetória;
- Fomentar reflexões entre literatura e prática pedagógica;
- Estimular experiências estéticas e subjetivas.

3. Estrutura formativa

Etapa 1 – Biografia e identidade docente

Atividade: Leitura da biografia de Lucchesi e produção de um breve memorial: “Minha trajetória e a literatura.”

Objetivo: Estimular a autorreflexão e o reconhecimento de si como sujeito da linguagem.

Etapa 2 – “Círculo de leitura” e o infinito da palavra

Atividade: Leitura e debate do texto “Círculo de leitura”, explorando suas referências filosóficas.

Reflexão: Como a literatura de Lucchesi amplia minha visão de mundo e de ensino?

Etapa 3 – “ἡσυχία”: A pedagogia do silêncio

Atividade: Leitura meditativa do aforismo “Silêncio dos padres do deserto”.

Proposta: Discussão acerca do valor do silêncio e da escuta em sala de aula.

Etapa 4 – “Adeus, Pirandello”: Humanismo e sensibilidade

Atividade: Leitura de trechos do romance e produção de um texto: “A cidade e o humano em mim.”

Objetivo: Relacionar literatura, memória e experiência docente.

4. Aplicações pedagógicas

- Círculos de leitura com alunos e professores;
- Oficinas interdisciplinares entre literatura, filosofia e arte;
- Escrita de diários reflexivos ou microtextos inspirados em Lucchesi.

5. Considerações finais

A literatura lucchesiana convida o educador a ler o mundo e a si mesmo, transformando a leitura em prática de autoconhecimento e partilha humana. Suas obras convidam à reflexão sobre vida, memória e cultura, favorecendo o autoconhecimento e o olhar humanista na docência, correlacionando diversas áreas do conhecimento de modo integrador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se demonstrar nesta dissertação o papel da literatura como instrumento formativo e de resistência estética no contexto da educação pública. A pesquisa empírica de abordagem qualitativa mostrou que a literatura, concebida como experiência formadora, representa um dispositivo privilegiado de conscientização, humanização e emancipação, em níveis individual e social.

Esta investigação se pautou pela *premência da palavra literária*, capaz de sensibilizar, provocar e transformar as pessoas, especialmente as que atuam no espaço escolar, sobretudo nos anos iniciais da Educação Básica e na esfera do ensino público. Argumentamos que a literatura transcende a função de mero recurso didático, configurando-se como experiência estética e ética que colabora para a constituição da identidade docente e para o delineamento de uma prática pedagógica mais humanizada.

Desta maneira, a trajetória deste estudo foi perpassada por inquietações pessoais e profissionais diante do processo constitutivo de historicidade da existência humana. Neste sentido, a literatura revelou-se premente a partir do desejo de investigar como a leitura pode aportar uma formação continuada de professores e pedagogos, à luz do poeta ítalo-brasileiro Marco Lucchesi, oferecendo-lhes não apenas fundamentos teóricos, mas também experiências de sensibilidade, escuta e alteridade.

O referencial teórico que sustentou esta pesquisa reuniu autores que concebem a literatura como um espaço de encontro com o outro e consigo mesmo, vendo nela uma prática profundamente transformadora. Ao encontro disto, esta se ofereceu como via de mediação entre as dimensões cognitiva e ética da docência, oportunizando ao educador compreender-se como ser ativo e criativo na construção de um corpus de saberes humanizador, emancipador e crítico.

Por isso, a pesquisa de campo foi desenvolvida com um pequeno grupo de professoras da rede pública, ao longo de três meses, a partir da leitura, análise e reflexões de textos de Lucchesi. Os relatos obtidos, por meio de questionários, evidenciaram o impacto dessas leituras sobre a percepção das profissionais acerca de si mesmas, de seu público-alvo e do próprio ato de educar.

As experiências formativas vivenciadas pelas participantes demonstraram, ainda, que o contato com a obra e com a biografia de Marco Lucchesi proporciona reflexões estéticas e transformações existenciais significativas. Assim, esta investigação contribui

para o campo da formação docente ao expor que a inserção de experiências literárias no processo formativo – principalmente aquelas pautadas por uma estética pluralista e dialógica – impulsiona a constituição do professor polivalente como ser reflexivo, sensível e em contínuo processo de autoconhecimento, em concordância com a concepção freiriana de educação.

Entre os principais achados, destacou-se o fortalecimento da escuta ativa e sensível como prática pedagógica. As professoras relataram que, ao encontro de narrativas que evocam memórias, historicidade, pluralidade cultural e dilemas existenciais, foram impelidas a refletir sobre suas próprias trajetórias e a reconhecer a complexidade inerente à condição humana.

Nesta perspectiva, a literatura funciona como *espelho e janela*: primeiro, porque reflete a singularidade das vivências individuais de cada educadora que participou da pesquisa; segundo, por abrir seus campos de percepção e sensibilidade, por ampliar perspectivas e horizontes de compreensão do outro. Esta dupla função reitera o papel mediador da literatura, entre o conhecimento e a ética, direcionando as professoras polivalentes a compreenderem-se como agentes criativos na construção de um saber crítico e emancipador.

Em um cenário educacional frequentemente pautado pela lógica da produtividade e da padronização, como apontado por Bauman (2010), a literatura emerge como oportunidade de repouso, contemplação e fruição. As participantes enfatizaram que o contato com a obra de Lucchesi reaviva o prazer pela leitura e o ensejo de compartilhar esse prazer.

Tal experiência corroborou a convicção de que a formação docente não pode restringir-se à esfera técnica, mas deve incluir o cultivo da sensibilidade, da criticidade e da imaginação como dimensões indissociáveis do ato educativo.

A partir disso, elaboramos, como corolário desta pesquisa, um manual de formação docente com recomendações de leitura selecionada de textos de Marco Lucchesi, concebido como dispositivo de mediação entre educadores e educandos e catalisador de reflexões quanto ao papel da literatura na formação humana. Embora em caráter experimental, o material representa uma tentativa de sistematizar as experiências abrangidas e de oferecer subsídios para que outros educadores possam desenvolver práticas semelhantes.

Deste modo, o estudo consolida-se como instrumento de continuidade e expansão das reflexões aqui apresentadas, propondo-se a respaldar professores da Educação Básica

I na inserção da – notadamente a produzida por Lucchesi – literatura em suas práticas educativas como eixo estruturante de uma prática educativa estética, dialógica e pluricultural, em consonância com a construção de políticas de formação plausíveis às necessidades docentes e comprometidas com a humanização do ensino.

Importa ressaltar que esta pesquisa não pretendeu oferecer respostas definitivas, mas abrir caminhos para novas indagações. A literatura, espaço da ambiguidade e da multiplicidade de sentidos, permanece como território fértil para futuras investigações que explorem os efeitos das práticas literárias em distintos contextos escolares, ou mesmo acompanhem, a longo prazo, os impactos das referidas experiências na atuação docente.

A própria escrita deste trabalho configurou-se como ato formativo, exigindo rigor acadêmico e valorização empírica, frente às vivências das participantes voluntárias, na esperança de que a palavra literária continue a gerar encontros, deslocamentos e reconfigurações. Em tempos de desumanização e de ataques à educação pública, evidenciar o valor da literatura consolida também um ato político: é afirmar que a escola pode e precisa ser um espaço de sensibilidade.

Os professores, não podem ser meros transmissores de conteúdos. São pessoas que sentem, pensam e sonham. A literatura, ao integrar a formação docente, possibilita um fazer pedagógico que articula conhecimento e sensibilidade, técnica e humanidade, ciência e arte e ao tocá-los em sua inteireza, incentiva que a educação se concretize como um ato de amor e de coragem, conforme proposto por Paulo Freire (1996).

Em consonância, a correspondente pesquisa trouxe a relevância da literatura como prática educativa e social e reconhece em Marco Lucchesi uma referência paradigmática para o pensamento e a ação pedagógica contemporâneos, fomentando a formação docente como uma via estética de resistência à homogeneização cultural, abrindo caminhos para a multiplicidade de vozes e para a reconstrução permanente do sentido de ser e de educar.

Sua vigorosa produção literária, em sua poética da confluência e da alteridade, atravessada pela abertura intercultural, se faz potência e reafirma a veemência da palavra poética como espaço de interlocução entre sensibilidade e razão, promovendo a desautomatização do pensamento e o desenvolvimento de uma consciência crítica e cidadã.

Diante da categoria estética de Marco Lucchesi, fundamentada nos pilares da erudição, da transcendência e da ética do diálogo, entende-se que o exercício literário ultrapassa o campo da criação artística, formulando-se como modo de conhecer, interpretar e reinventar o mundo.

Ao exposto disto, o contato das profissionais voluntárias neste trabalho com Lucchesi salientou o reconhecimento da literatura como espaço de resistência simbólica e ética frente à desumanização das relações educativas. Ao se apropriarem de sua literatura elas experimentaram um movimento de deslocamento e de reencontro, dotado de sutileza.

Ao longo do percurso investigativo, abordou-se de que maneira a literatura pode proporcionar uma experiência de formação e transformação subjetiva e de renovação das práticas pedagógicas quando vinculada à formação de professores polivalentes, evidenciando-se que a leitura literária, concebida como experiência estética e ética, ultrapassa o campo da mera erudição, adquirindo um poder crítico e emancipador na formação integral dos seres humanos.

Neste sentido, sua presença no espaço escolar revela-se como possibilidade de reencantamento da dinâmica educacional, devolvendo-lhe a dimensão crítica e libertadora frequentemente tolhida pela lógica da produtividade, do consumo e da tecnicidade. A inspiração da palavra literária fomenta a integração entre o cognitivo e o afetivo, o racional e o poético, favorecendo a formação de professores mais reflexivos, críticos e abertos à alteridade.

No contexto de uma educação pública frequentemente tensionada por políticas de padronização e pelo predomínio de indicadores quantitativos, a literatura se oferece como um espaço de contemplação e de escuta, desempenhando um papel essencial e convidando o professor a ouvir, enxergar, imaginar e resistir à indiferença, reificação e desumanização, que, muitas vezes, atravessam o ambiente escolar.

Em síntese, as reflexões e os resultados aqui apresentados indicam que o fortalecimento de uma educação estética e humanizadora depende da revalorização da leitura literária como prática formativa e transformadora.

Ao tocar a sensibilidade, a literatura educa o olhar, essa janela da alma, desperta o pensamento crítico e nutre a empatia, elementos indispensáveis para a formação de professores comprometidos com a construção de uma educação e de uma sociedade mais justas, plurais e democráticas, a favor de uma cultura da paz.

O ensino público pode e deve ser lugar de criticidade e criatividade, de diálogo e escuta. A literatura, incorporada à sua esfera, mobiliza forças de resistência e de esperança: resistência a injustiças e esperança na potência criadora humana. Ao iluminar o caminho dos educadores, a arte literária revela-se, enfim, como força de transformação estética e ética, inspirando experimentações e transformações que enriquecem as leituras

de mundo, fomentando valores de respeito e responsabilidade social e enfatizando a significação política ao instigar possibilidades de intervenção na realidade.

A literatura representa um instrumento portentoso de transformação e renovação educativas, capaz de inspirar práticas pedagógicas mais humanizadas e inovadoras, comprometidas com a integralidade de cidadãos críticos e criativos, portadores – e autores – de sua própria historicidade.

Assim, a integração da literatura ao cotidiano escolar colabora para a construção de uma pedagogia inclusiva, na qual a diversidade é reconhecida e valorizada. É, portanto, um elemento *sine qua non* na consolidação de uma educação pública comprometida com a formação integral do ser humano, inspirando o pensamento autônomo, a criatividade e a atuação social.

REFERÊNCIAS

- AGAZZI, Giselle Larizzatti. *Problemas do ensino da literatura: do perigo ao voo possível*. Campinas: Remate de Males, p. 443-458, 2014.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. de Lucia Maria Csernik, 2007.
- ANDRE, Marli Eliza Dalmazo Afonso. *Mestrado profissional e mestrado acadêmico: aproximações e diferenças*. Curitiba: Revista Diálogo Educ., v. 17, n° 53, p. 823-841, 2017.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad. *A literatura em diálogo com a filosofia*. Humanitas, v. 138, p. 56-58, 2020.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad; BERTOLAZZZI, Frederico (Org.). *I Colóquio Internacional Marco Lucchesi*. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2024.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad. *Desobediência ao tempo*. Humanitas, v. 142, p. 48-50, 2021.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad (Org.). *Educação: tempo-memória, linguagens e estética*. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2025.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad; LÓPEZ, María Ángeles Pérez (Org.). *Educação e literatura: o diálogo necessário*. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad. *Em busca da verdade*. São Paulo: Filosofia, Ciência & Vida, v. 158, p. 48-50, 2020.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad; González, Montserrat Villar; Fusaro, Márcia; Hummes, Júlia Maria; Dal Bello, Márcia Pessoa (Org.). *Marco Lucchesi: poeta do diálogo*, São Paulo: Tesseractum, 2020.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad (Org.). LUCCHESI, Marco (Pós-facio). *Ubiratan D'Ambrosio: Memórias Esparsas em Movimentos*. Brasília: BT Acadêmica, 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- BERTOLAZZZI, Frederico; PAREDES, Demian (Org.). *III Colóquio Internacional Marco Lucchesi*. São Paulo: Big Time Editora Ltda, 2025.
- CAMBI, F.. *História da pedagogia*. São Paulo, Unesp, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo; Rio de Janeiro: FAPESP: Ouro Sobre Azul, 2009.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. Trad. de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 57ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 42ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 48ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar*. 38ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.
- FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do sujeito*. 2ª ed. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GATTI, Bernardete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- LUCCHESI, Marco. *Adeus Pirandello*. Santo André: Edições Rua do Sabão, 2020.
- LUCCHESI, Marco. *Bazati dir Härstä Laputar: Rudimentos da língua laputar*. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2015.
- LUCCHESI, Marco. ἡσυχία: Silêncio dos padres do deserto. *Humanitas*, v. 187, p. 8, 2025.
- LUCCHESI, Marco. *Carteiro imaterial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- LUCCHESI, Marco. *Cultura da paz*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020.
- LUCCHESI, Marco. *Hinos matemáticos*. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2023.
- LUCCHESI, Marco. *Nove cartas sobre a Divina Comédia: navegações pela obra clássica de Dante*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- LUCCHESI, Marco. *Olhos do deserto*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- LUCCHESI, Marco. *Pedra riscada: Ensaio improváveis*. 1ª ed. Lisboa: Edições Esgotadas, 2024.
- LUCCHESI, Marco. *Poesia mundi: novos poemas reunidos*. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2025.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *El amor en los tiempos de colera*. Bogotá: Debolsillo Contemporánea, 1985.
- OLIVEIRA, Alexandra Franzoze. *Marco Lucchesi: Educação e o diálogo epistolar*. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais) – Universidade Nove de Julho. São Paulo, 2023.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1962.

STAKE, Robert. *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Tradução de Karla Reis. Porto Alegre: Penso, 2011.

ANEXO A – Termo de Consentimento
UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Concordo em participar como voluntária, da pesquisa: **MARCO LUCCHESI: POÉTICA E FORMAÇÃO LITERÁRIA DO PROFESSOR POLIVALENTE**. O respectivo trabalho tem como objetivo central a investigação da apropriação do docente acerca da literatura, apontando do ponto de vista crítico, como ocorreu e ainda advém a sua formação inicial e continuada, bem como de oferecer-lhe subsídios, por meio da poética de Marco Lucchesi, que possam auxiliá-lo a ressignificar a práxis literária na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental. Estou ciente de que a pesquisa será conduzida por meio de questionários e compreendo que os resultados obtidos poderão ser divulgados em periódicos acadêmicos, congressos ou outro tipo de evento, enfatizando o desenvolvimento da educação, ressalvado o sigilo de meu nome. Sei, ainda, que posso retirar, a todo e qualquer momento, a anuência de minha participação, cuja não faz jus a nenhum pagamento, prêmio ou remuneração.

Participante da pesquisa

ANEXO B – Questionário 1 para pesquisa empírica do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade
Nove de Julho

PARTICIPANTE 1

1. Qual é a sua idade?
65
2. Qual é o seu gênero?
Mulher
3. Qual é o seu estado civil?
Casada
4. Têm filhos? Quantos? Qual/quais idades?
Tenho 03 filhos adultos, independentes e que não moram comigo, com idades de 36, 39 e 42 anos
5. Qual é a sua naturalidade?
Santo André – SP.
6. Qual é a sua formação acadêmica?
☒ (X) Licenciatura em Pedagogia
☐ () Outras formações relacionadas à educação (especificar: Licenciatura em Arte Visual)
☒ (X) Pós-graduação (especificar: Arte-Educação)
☐ () Outra (especificar: _____)
7. Por qual esfera(s) atua ou já atuou na educação básica I pública?
☒ (X) Estadual
☒ (X) Municipal
8. Em qual/quais municipalidade(s) já atuou na educação pública?
☐ () São Paulo
☐ () Santo André
☒ (X) São Bernardo do Campo
☐ () São Caetano do Sul
☒ (X) Diadema
☐ () Mauá
☐ () Outra (especificar: _____)

9. Em qual/quais municipalidade(s) atua na educação pública?
- ☒ (X) São Paulo
 - ☐ () Santo André
 - ☐ () São Bernardo do Campo
 - ☐ () São Caetano do Sul
 - ☐ () Diadema
 - ☐ () Mauá
 - ☐ () Outra (especificar: _____)
10. Há quanto tempo você atua como professor polivalente e/ou coordenador pedagógico na educação infantil e/ou ensino fundamental I na escola pública?
- 22 anos, sempre com o ensino fundamental I.
11. Atualmente qual é o seu cargo/função na educação pública?
- Professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental I.
12. Com qual turma ou grupo trabalha no ano vigente?
- 5º ano do Ensino Fundamental.
13. Você possui formação específica ou cursos de aperfeiçoamento em literatura e/ou outras artes?
- ☒ (X) Sim (especificar: Arte Visual)
 - ☐ () Não
14. Com qual frequência você utiliza a literatura em sua prática profissional?
- ☒ (X) Diariamente
 - ☐ () Semanalmente
 - ☐ () Quinzenalmente
 - ☐ () Mensalmente
 - ☐ () Raramente ou nunca
15. De que forma você utiliza a literatura em sua prática profissional?
- Por meio das diversas formas de leitura: pelo professor, compartilhada, por capítulo, pelo aluno, com gêneros como: fábulas, contos, crônicas, cartoon, poesia, poema etc.
16. Quais são os seus critérios na seleção das obras e textos elencados para o seu trabalho com a literatura na escola pública?
- Partindo do projeto coletivo semestral desenvolvido pela escola e pelo interesse dos alunos.
17. Qual é a sua intencionalidade ao abordar a literatura em sua prática pedagógica?

Desenvolver habilidades de leitura, a leitura pelo prazer e alcançar os objetivos do projeto.

18. Quais dificuldades você enfrenta ao trabalhar com literatura em sua prática pedagógica?

A falta de parceria por parte das famílias e a falta de tempo para qualificar o planejamento.

19. De que forma você acredita que a literatura contribui para o desenvolvimento integral do ser social?

A literatura contribui para a formação de seres críticos, toda pessoa que lê aumenta o seu poder de participar das ações políticas da vida.

20. Como foi a sua experiência com a literatura como estudante durante o processo de escolarização na Educação Básica?

Quando adolescente realizei o curso técnico em química, no universo das exatas, mas, mesmo assim, nas aulas de língua portuguesa, a leitura de um livro da literatura clássica era exigida por mês.

21. Como foi e é abordada a literatura no seu processo de formação como professor polivalente no âmbito inicial (na graduação) e ao exposto da formação continuada?

A leitura era e é uma rotina, sempre com textos com ênfase didática-pedagógica e também sobre a história da educação.

22. Como você descreve sua relação com a literatura, considerando o processo de formação pessoal fora da esfera institucional, escolar ou acadêmica?

Lembro de quando eu era criança e minha mãe lia os contos de uma coleção chamada: Mundo da Criança para os meus irmãos e para mim, isto me marcou.

23. De que forma a sua experiência com a literatura influencia a sua prática pedagógica atualmente?

As habilidades que trabalho com os meus alunos envolvem as estratégias de leitura, o que tem a ver com a minha experiência leitora.

24. Você lê obras ou textos literários para apreciação estética própria? Quantos por mês?

Atualmente não tenho feito.

25. Você conhece o literário brasileiro contemporâneo Marco Lucchesi?

(X) Não (apenas ouvi falar)

() Superficialmente

☐ Relativamente

☐ Consideravelmente

26. Você já teve contato com quais obras de Marco Lucchesi?

Ainda não tive.

27. Quais temáticas, abordagens ou linguagens você vislumbra nas obras de Marco Lucchesi?

Ainda não tive conhecimento.

28. Você já utilizou alguma obra de Marco Lucchesi em âmbito profissional na educação? Qual/quais?

Não utilizei.

29. Você acredita que o poeta, escritor, tradutor e professor Marco Lucchesi pode contribuir em sua prática pedagógica?

☐ Não

☐ Superficialmente

☐ Relativamente

☐ Consideravelmente

☒ Outro (especificar: ainda não sei, mas estou disposta a ter contato com a sua literatura e adquirir conhecimentos de sua personalidade.)

Questionário respondido em: 22/07/2025 por C. P.

(o nome não será divulgado na pesquisa)

*

Questionário 1 para pesquisa empírica do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho

PARTICIPANTE 2

1. Qual é a sua idade?

36 anos

2. Qual é o seu gênero?

feminino

3. Qual é o seu estado civil?

Casada

4. Têm filhos? Quantos? Qual/quais idades?

02, 13 e 08 anos

5. Qual é a sua naturalidade?

São Paulo – SP – Brasil

6. Qual é a sua formação acadêmica?

☒ Licenciatura em Pedagogia

☒ Outras formações relacionadas à educação (especificar: Licenciatura em Arte Visual) Educação Infantil e Neuropsicopedagogia

☒ Pós-graduação (especificar: Doutoranda)

☐ Outra (especificar: _____)

7. Por qual esfera(s) atua ou já atuou na educação básica I pública?

☐ Estadual

☒ Municipal

8. Em qual/quais municipalidade(s) já atuou na educação pública?

☐ São Paulo

☒ Santo André

☐ São Bernardo do Campo

☐ São Caetano do Sul

☐ Diadema

☐ Mauá

☐ Outra (especificar: _____)

9. Em qual/quais municipalidade(s) atua na educação pública?

☐ São Paulo

☒ Santo André

☐ São Bernardo do Campo

☐ São Caetano do Sul

☐ Diadema

☐ Mauá

☐ Outra (especificar: _____)

10. Há quanto tempo você atua como professor polivalente e/ou coordenador pedagógico na educação infantil e/ou ensino fundamental I na escola pública?

Atuo na Educação há 16 anos, tendo passado por diversos setores. Como professor 8 anos, como AP há 4 anos

11. Atualmente qual é o seu cargo/função na educação pública?

Assistente Pedagógica em EMEIEF

12. Com qual turma ou grupo trabalha no ano vigente?

Grupo de professores de Educação Infantil e Ensino Fundamental, Arte e Educação Física e demais segmentos da Unidade Escolar

13. Você possui formação específica ou cursos de aperfeiçoamento em literatura e/ou outras artes?

() Sim (especificar: _____)

(X) Não

Agora estou no Doutorado em Letras, e por isso tenho diversas aproximações em seminários, disciplinas e pesquisas.

14. Com qual frequência você utiliza a literatura em sua prática profissional?

(X) Diariamente (para a elaboração de formações, acompanhamento pedagógico)

(X) Semanalmente (nas formações continuadas RPSs)

() Quinzenalmente

() Mensalmente

() Raramente ou nunca

15. De que forma você utiliza a literatura em sua prática profissional?

Sempre presente para ampliação de saberes, fruição, elaboração de pautas formativas, indicações literárias, na verificação dos semanários, na organização de cestos literários temáticos, e, neste ano em especial, enquanto projeto coletivo da Unidade Escola – O Espetáculo da Literatura.

16. Quais são os seus critérios na seleção das obras e textos elencados para o seu trabalho com a literatura na escola pública?

Textos bem escritos, não apenas os canônicos, mas eles também pela validação que têm, para ampliação de léxico, de repertório e enriquecimento da linguagem e da capacidade de elaboração de pensamento.

Obras que dialoguem com os propósitos que desejo contemplar.

Obras que sensibilizam.

Obras que gerem desconforto.

Obras que gerem curiosidade e vontade de saber mais.

17. Qual é a sua intencionalidade ao abordar a literatura em sua prática pedagógica?

Homologia de processos! Desejo que a literatura se faça presente e cada vez mais presente na Escola.

18. Quais dificuldades você enfrenta ao trabalhar com literatura em sua prática pedagógica?

A falta de correspondência nos diálogos propostos, pouco ou limitado interesse...

19. De que forma você acredita que a literatura contribui para o desenvolvimento integral do ser social?

A leitura auxilia na constituição das subjetividades, quem somos, o que já fomos, o que gostamos o que odiamos, o que amamos, o que queremos ser, enfim... A Literatura é incrível para nos constituir quem somos, portanto ela é fundamental para o desenvolvimento integral. Além disso a literatura promove o desenvolvimento da linguagem, que pode se dizer responsável pela nossa compreensão do mundo e atuação nele, então é indispensável e extremamente relevante!

20. Como foi a sua experiência com a literatura como estudante durante o processo de escolarização na Educação Básica?

Positiva. Sempre fui aluna de escola pública e tive boas oportunidades, bons acessos e contato com a literatura, até mesmo pelas indicações literárias dos livros didáticos rsrsrs. Tive acesso a salas de leitura e bibliotecas municipais por conta (sim, sempre fui CDF) kkkkk! Amo ler! Pra mim é muito prazeroso. Mas... já tive momentos desafiadores, de preenchimento de fichas de leituras de livros que não consegui entender... não gostei...

21. Como foi e é abordada a literatura no seu processo de formação como professor polivalente no âmbito inicial (na graduação) e ao exposto da formação continuada?

Insuficiente. É necessário um gosto e desejo particularmente desenvolvido e um processo de formação continuado para qualificar.

22. Como você descreve sua relação com a literatura, considerando o processo de formação pessoal fora da esfera institucional, escolar ou acadêmica?

Muito prazeroso! Acho que já falei na resposta 18.

23. De que forma a sua experiência com a literatura influencia a sua prática pedagógica atualmente?

Influencia muito, nas escolhas, nas indicações, no modo de pensar e de se relacionar com os textos e com as situações.

24. Você lê obras ou textos literários para apreciação estética própria? Quantos por mês?

Sim! O tempo está bastante desafiador ultimamente... mas posso dizer que ao menos uns quatro ao mês, sem contar os textos literários mais voltados ao

público infantil (leio para os filhos e para seleção de títulos para os alunos- ao menos uns 4 por mês).

25. Você conhece o literário brasileiro contemporâneo Marco Lucchesi?

- ☐ Não
- ☒ Superficialmente
- ☐ Relativamente
- ☐ Consideravelmente

26. Você já teve contato com quais obras de Marco Lucchesi?

Hinos matemáticos e Poemas Reunidos

27. Quais temáticas, abordagens ou linguagens você vislumbra nas obras de Marco Lucchesi?

Outras belezas da matemática, e uma sensibilidade incrível para um olhar crítico sobre as coisas. Uma humanidade crítica, que defende a leitura na escola, especialmente na escola pública.

28. Você já utilizou alguma obra de Marco Lucchesi em âmbito profissional na educação? Qual/quais?

Sim. Hinos matemáticos

29. Você acredita que o poeta, escritor, tradutor e professor Marco Lucchesi pode contribuir em sua prática pedagógica?

- ☐ Não
- ☐ Superficialmente
- ☐ Relativamente
- ☒ Consideravelmente
- ☐ Outro (especificar: _____)

Desejo e preciso conhecê-lo ainda melhor! Obrigada pela oportunidade!

Questionário respondido em: 01/08/2025 por: C. S. S.

*

Questionário 1 para pesquisa empírica do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho

PARTICIPANTE 3

1. Qual é a sua idade?

2. Qual é o seu gênero?

Mulher

3. Qual é o seu estado civil?

Casada

4. Têm filhos? Quantos? Qual/quais idades?

03 filhos, 16 anos, 11 anos e 08 anos

5. Qual é a sua naturalidade?

São Bernardo do Campo

6. Qual é a sua formação acadêmica?

☒ (X) Licenciatura em Pedagogia

☐ () Outras formações relacionadas à educação (especificar: Licenciatura em Arte Visual)

☒ (X) Pós-graduação (especificar: Educação Musical, Educação Infantil)

☒ (X) Outra - Musicalização infantil através da Flauta Doce Soprano – Yamaha)

7. Por qual esfera(s) atua ou já atuou na educação básica I pública?

☐ () Estadual

☒ (X) Municipal

8. Em qual/quais municipalidade(s) já atuou na educação pública?

☐ () São Paulo

☒ (X) Santo André

☐ () São Bernardo do Campo

☐ () São Caetano do Sul

☐ () Diadema

☐ () Mauá

☐ () Outra (especificar: _____)

9. Em qual/quais municipalidade(s) atua na educação pública?

☐ () São Paulo

☒ (X) Santo André

☐ () São Bernardo do Campo

☐ () São Caetano do Sul

☐ () Diadema

☐ () Mauá

☐ () Outra (especificar: _____)

10. Há quanto tempo você atua como professor polivalente e/ou coordenador pedagógico na educação infantil e/ou ensino fundamental I na escola pública?
Atuo como professora polivalente na Prefeitura de Santo André há 15 anos.
11. Atualmente qual é o seu cargo/função na educação pública?
Professora polivalente de educação infantil.
12. Com qual turma ou grupo trabalha no ano vigente?
1 Ciclo Inicial (crianças de 02 e 03 anos).
13. Você possui formação específica ou cursos de aperfeiçoamento em literatura e/ou outras artes?
(x) Sim (especificar: musicalização infantil, musicalização para bebês, curso de flauta doce pela Yamaha.
() Não
14. Com qual frequência você utiliza a literatura em sua prática profissional?
(X) Diariamente
() Semanalmente
() Quinzenalmente
() Mensalmente
() Raramente ou nunca
15. De que forma você utiliza a literatura em sua prática profissional?
Leituras pessoais, leituras para as crianças, poesias e canções.
16. Quais são os seus critérios na seleção das obras e textos elencados para o seu trabalho com a literatura na escola pública?
Gosto de autores poéticos e críticos como Rubem Alves, Saramago, Cecília Meireles, e histórias e contos infantis que trazem profundidade, leveza e encantamento.
17. Qual é a sua intencionalidade ao abordar a literatura em sua prática pedagógica?
Letrar, encantar, formar e expandir uma consciência como indivíduo e cidadão crítico, embasado em cultura e liberdade de expressão, entre outros.
18. Quais dificuldades você enfrenta ao trabalhar com literatura em sua prática pedagógica?
Acho que enquanto professor precisaríamos discutir mais entre nossos pares, a fim de selecionar obras de maior qualidade, não que não tenhamos. Nossa biblioteca é vasta, mas é necessário maior formação para conhece-las e aplicá-las de modo a adaptar as faixas etárias.

19. De que forma você acredita que a literatura contribui para o desenvolvimento integral do ser social?

A leitura por si só já representa uma janela para expandir a mente. A literatura amplia a forma, a estética da escrita e a formação cultural e crítica do ser. Traz poesia e conteúdo na mesma proporção.

20. Como foi a sua experiência com a literatura como estudante durante o processo de escolarização na Educação Básica?

Em minha época escolar tive acesso a alguns títulos importantes, mas o gosto pela escrita veio desde pequena. Porém, somente com a professora de redação no ensino médio tive maior interesse pelo tema.

21. Como foi e é abordada a literatura no seu processo de formação como professor polivalente no âmbito inicial (na graduação) e ao exposto da formação continuada?

Tive a felicidade de cursar a Fundação Santo André e na época (2001 a 2005) havia professores encantadores e que me fizeram ter o gosto pela leitura e pesquisa. Na prática tive a felicidade de atuar em uma escola de educação infantil da rede privada, a unidade Educacional Magistral, que me trouxe na prática a possibilidade de levar à criança o acesso a bons livros e diferentes maneiras de contar. Na pós graduação em Educação Musical também tive aula com uma professora renomada, Ana Luisa Lacombe que nos ensinou como contar, ler e mergulhar neste tema. Porém no ambiente escolar, diariamente percebo que não são todos os profissionais que tiveram a mesma formação e o mesmo encantamento, e muitas vezes isso se perde na rotina.

22. Como você descreve sua relação com a literatura, considerando o processo de formação pessoal fora da esfera institucional, escolar ou acadêmica?

Acredito que minha relação, pessoalmente falando, pode ser ainda melhor, pois a rotina, o tempo, a disciplina por vezes me faz não ir tanto em busca de novidades, mas tive a felicidade de ter boas referências e bons caminhos.

23. De que forma a sua experiência com a literatura influencia a sua prática pedagógica atualmente?

A literatura me inspira, me faz trazer outros tipos de leituras e releituras, interpretações para as crianças, a forma de contar as histórias, envolvendo poesia. Também sou formadora e procuro estudar e inspirar outros professores a percorrer este caminho.

24. Você lê obras ou textos literários para apreciação estética própria? Quantos por mês?

Atualmente estou lendo um livro, mas como mencionado preciso me disciplinar a ler com maior frequência. Acredito que o livro nos retira da alienação e nos permite criar e imaginar.

25. Você conhece o literário brasileiro contemporâneo Marco Lucchesi?

- ☐ Não
- ☐ Superficialmente
- ☐ Relativamente
- ☒ Consideravelmente

26. Você já teve contato com quais obras de Marco Lucchesi?

Sim, em minha formação.

27. Quais temáticas, abordagens ou linguagens você vislumbra nas obras de Marco Lucchesi?

Gosto principalmente da parte onde ele acredita em uma educação participativa, que considera o aluno, criança como ser autor de sua história, e claro, como músico traz sua visão criadora do fazer musical intrínseco ao pedagógico.

28. Você já utilizou alguma obra de Marco Lucchesi em âmbito profissional na educação? Qual/quais?

Utilizei nas formações de musicalização infantil e em minha própria, como cultura da paz, Paulo Freire e Marco Lucchesi: Educação, memórias e diálogos interdisciplinares e alguns textos com falas importantes.

29. Você acredita que o poeta, escritor, tradutor e professor Marco Lucchesi pode contribuir em sua prática pedagógica?

- ☐ Não
- ☐ Superficialmente
- ☐ Relativamente
- ☒ Consideravelmente
- ☐ Outro (especificar: _____)

Questionário respondido em: 13/08/2025 por B. C. B.

ANEXO C - Questionário 2 para pesquisa empírica do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho Investigação de Repercussões Formativas e Profissionais

PARTICIPANTE 1

Bloco I – Experiência pessoal com a leitura de Marco Lucchesi

1. Como você avalia a experiência de leitura da biografia de Marco Lucchesi?

- ☐ Pouco significativa
- ☐ Medianamente significativa
- ☒ Muito significativa
- ☐ Extremamente significativa

Explique: A experiência com a biografia de Lucchesi faz refletir a prática pedagógica, visando uma melhoria do processo ensino-aprendizagem.

2. A leitura do capítulo: “Círculo de leitura” possibilitou novas reflexões sobre a literatura e a educação? Se sim, quais?

Sim, cito como exemplo quando ele faz menção à espiral logarítmica, visualizei uma escada quando se olha de ângulos opostos, relacionando à educação, há sempre habilidades a serem despertadas em contextos diferentes.

3. Qual foi a sua percepção em relação ao aforismo “ήσυχία” (“Silêncio dos padres do deserto”), traduzido por Lucchesi?

- ☐ Difícil compreensão, pouco aplicável
- ☐ Reflexivo, mas distante da minha prática
- ☒ Desafiador, mas estimulante e aplicável à minha vida pessoal e à prática pedagógica

Explique: Percebo no aforismo traduzido por Lucchesi a importância do silêncio, que me permite pensar e repensar, analisar e refletir, para ter uma visão ampliada do que fazer, tanto na vida pessoal, como na prática de sala de aula.

4. O contato com o romance: “Adeus, Pirandello” ampliou sua compreensão sobre literatura como expressão estética, histórica e social? De que forma?

Sim, me trouxe conhecimentos do dramaturgo Pirandello, entre outras aquisições, ampliando meus saberes nas áreas da música, arquitetura, teatro e literatura.

Bloco II – Repercussões pessoais

5. Após o contato com Lucchesi, como você descreve sua relação pessoal com a leitura literária?

- ☐ Não houve mudanças significativas
- ☐ Passei a valorizar mais a leitura como experiência estética
- ☐ Passei a relacionar mais a literatura com minha vida pessoal
- ☒ Passei a sentir necessidade de ampliar minhas leituras literárias

Explique: Para poder navegar por novos horizontes e buscar respostas a questões ainda inquietantes dentro do meu processo contínuo de aprendizagem.

6. Houve mudanças na forma como você percebe a importância da literatura para o autoconhecimento e para o enfrentamento das contradições humanas, conforme discutido nos textos?

Não houve mudança na minha forma de perceber a importância da literatura, sempre a julguei muito importante, mas houve mudança no desenvolvimento do meu planejamento tanto pedagógico, como de vida.

Bloco III – Repercussões profissionais

7. O contato com a literatura de Marco Lucchesi contribuiu para repensar a sua prática pedagógica?

- ☐ Não
- ☐ Sim, em alguns aspectos
- ☒ Sim, de forma significativa

Explique: Conforme citado na resposta anterior.

8. Você identificou possibilidades de inserir textos ou obras de Lucchesi em sua atuação profissional? Quais e de que forma?

Não diretamente porque trabalho com crianças e os pensamentos de Lucchesi são muito elaborados para a idade, mas indiretamente sim, ao usar de seus saberes para expansão de perspectivas., como exemplo, cito: “Adeus, Pirandello”.

9. Após a experiência formativa, com qual frequência você pretende utilizar a literatura (incluindo obras de Lucchesi ou outros autores) em sua prática pedagógica?

- ☒ Diariamente
- ☐ Semanalmente

- ☐ Quinzenalmente
- ☐ Mensalmente
- ☐ Raramente

Bloco IV – Síntese avaliativa

10. O que você destacaria como maior ganho desta experiência?

Acredito que foi uma formação significativa dentro do conceito de ampliação e articulação de conhecimentos para a vida em termos de competências e habilidades, embora entenda que ela não se finaliza em si, há a necessidade de maiores aprofundamentos.

Questionário respondido em: 06/10/2025 por C. P.
(o nome não será divulgado na pesquisa)

*

Questionário 2 para pesquisa empírica do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho Investigação de Repercussões Formativas e Profissionais

PARTICIPANTE 2

Bloco I – Experiência pessoal com a leitura de Marco Lucchesi

1. Como você avalia a experiência de leitura da biografia de Marco Lucchesi?

- ☐ Pouco significativa
- ☐ Medianamente significativa
- ☐ Muito significativa
- ☒ Extremamente significativa

Explique: Uma biografia escrita de forma extremamente sensível! Expressou uma admiração profunda e me envolveu neste encantamento pelo Marco Lucchesi.

Conhecer aspectos da trajetória foi bastante significativo para estabelecer as relações com os textos. Fiquei surpresa com os idiomas! É deslumbrante as potências as linguagens bem desenvolvidas conferem às pessoas.

2. A leitura do capítulo: “Círculo de leitura” possibilitou novas reflexões sobre a literatura e a educação? Se sim, quais?

Explique: Sim, é indissociável sempre... Primeiro quero destacar a transcendência, a atemporalidade, a multiplicidade de possibilidades foi o que mais mobilizou-se em mim logo inicialmente. Agora... o capítulo ao mesmo tempo que apresenta, demanda muitos saberes. Isso é educação! Propor diálogos que transcendem o agora, que perpassam identidades e que constroem possibilidades.

3. Qual foi a sua percepção em relação ao aforismo “ἡσυχία” (“Silêncio dos padres do deserto”), traduzido por Lucchesi?

☐ Difícil compreensão, pouco aplicável

☐ Reflexivo, mas distante da minha prática

☒ Desafiador, mas estimulante e aplicável à minha vida pessoal e à prática pedagógica

Explique: Percebo uma interdiscursividade e uma escolha ousada de palavras, que mobilizam em mim uma orientação, que tem como propósito, uma crítica. Não tenho o texto original, apenas a tradução. Talvez se tivesse o contexto de produção o texto original teria mais pistas e poderia aprofundar ou me relacionar com o texto de outras formas.

4. O contato com o romance: “Adeus, Pirandello” ampliou sua compreensão sobre literatura como expressão estética, histórica e social? De que forma?

Um romance extremamente sensível... de leitura rápida? Pra mim não... além de não ter pressa para acabar, sinto curiosidade de reler partes de forma isolada, e vou construindo narrativas a cada leitura. Sim, ampliou a minha compreensão sobre literatura como expressão estética, histórica e social, esse romance faz exatamente essa costura, é possível observar esses três aspectos ao longo de todo o livro, se relacionando, mas também se destacando a depender do olhar do leitor.

Bloco II – Repercussões pessoais

5. Após o contato com Lucchesi, como você descreve sua relação pessoal com a leitura literária?

☐ Não houve mudanças significativas

☐ Passei a valorizar mais a leitura como experiência estética

- ☐ Passei a relacionar mais a literatura com minha vida pessoal
☒ Passei a sentir necessidade de ampliar minhas leituras literárias

Explique: SEMPRE!!!

6. Houve mudanças na forma como você percebe a importância da literatura para o autoconhecimento e para o enfrentamento das contradições humanas, conforme discutido nos textos?

Ratificou minha opinião sobre essa necessidade.

Bloco III – Repercussões profissionais

7. O contato com a literatura de Marco Lucchesi contribuiu para repensar a sua prática pedagógica?

- ☐ Não
☐ Sim, em alguns aspectos
☒ Sim, de forma significativa

Explique: Como temos que trazer a literatura para a nossa prática?!?!? Cada vez mais, de diferentes formas, em diferentes situações. A literatura nos constitui.

8. Você identificou possibilidades de inserir textos ou obras de Lucchesi em sua atuação profissional? Quais e de que forma?

Explique: Sim. A biografia para apresentar e encantar, as obras para fruir, para analisar (em alguma medida), para ampliar os repertórios, para sensibilizar, e para tantas coisas mais...

9. Após a experiência formativa, com qual frequência você pretende utilizar a literatura (incluindo obras de Lucchesi ou outros autores) em sua prática pedagógica?

- ☐ Diariamente
☐ Semanalmente
☐ Quinzenalmente
☒ Mensalmente
☐ Raramente

Bloco IV – Síntese avaliativa

10. O que você destacaria como maior ganho desta experiência?

Um contato maior com outras obras de Lucchesi me encantaram, a pesquisadora tem uma parcela de culpa, pois a biografia realmente transmite essa admiração. Penso que o

desejo por conhecer mais é o maior ganho. Aproveito o espaço para agradecer imensamente a oportunidade e dizer que foi um grande prazer, espero ter conseguido contribuir de alguma forma. Acredito muito que a academia precisa estar cada vez mais próxima da educação básica e dos professores, acredito nisso como uma possibilidade (trans)formativa.

Questionário respondido em:18/10/2025 por C. S. S.

(o nome não será divulgado na pesquisa)

*

Questionário 2 para pesquisa empírica do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho
Investigação de Repercussões Formativas e Profissionais

PARTICIPANTE 3

Bloco I – Experiência pessoal com a leitura de Marco Lucchesi

1. Como você avalia a experiência de leitura da biografia de Marco Lucchesi?

- ☐ Pouco significativa
☐ Medianamente significativa
☒ Muito significativa
☐ Extremamente significativa

Explique: Marcos Lucchesi é um artista completo, poeta, músico e educador.

Sua biografia nos inspira a sairmos de nosso comodismo e avançar para águas mais profundas da literatura como meio de abrir nossos horizontes e mentes para mudarmos de fato o mundo, a sociedade e principalmente a educação.

2. A leitura do capítulo: “Círculo de leitura” possibilitou novas reflexões sobre a literatura e a educação? Se sim, quais?

Explique: Com toda certeza. Marcos Lucchesi vai pra além de simplesmente defender a literatura e o direito a ler. Ele faz uma crítica e reflexão importante do quanto ler nos remete ao conhecimento amplo de mundo e de si mesmo. A leitura é um processo contínuo de interpretação e diálogo, onde os leitores, através dos séculos, continuam a dar vida e a ampliar o significado dos textos.

3. Qual foi a sua percepção em relação ao aforismo “ἡσυχία” (“Silêncio dos padres do deserto”), traduzido por Lucchesi?

- ☐ Dificil compreensão, pouco aplicável
☐ Reflexivo, mas distante da minha prática
☒ Desafiador, mas estimulante e aplicável à minha vida pessoal e à prática pedagógica

Explique: A prática do silêncio, essa busca pela quietude da alma mas escuta interna do divino, da conexão não é fácil, mas é importante ao menos tentar sua prática para que possamos nos ouvir, ouvir ao outro de forma mais clara e real. Principalmente em minha prática pedagógica o ato de ouvir é por si um ato de educar, silenciar para encontrar em mim a paz e poder transmiti-la e transmutá-la ao outro, mesmo nas infâncias.

4. O contato com o romance: “Adeus, Pirandello” ampliou sua compreensão sobre literatura como expressão estética, histórica e social? De que forma?

Com certeza. A escrita de Lucchesi traz uma estética literária provocativa e reflexiva a respeito do tema principal que é proporcionar, através da escrita literária, um encontro consigo mesmo, trazendo uma criticidade à sociedade em forma de poesia, como estou inserido no contexto social e sobrevivo em meio ao caos, com o apoio da arte e da literatura

Bloco II – Repercussões pessoais

5. Após o contato com Lucchesi, como você descreve sua relação pessoal com a leitura literária?

- ☐ Não houve mudanças significativas
☐ Passei a valorizar mais a leitura como experiência estética
☐ Passei a relacionar mais a literatura com minha vida pessoal
☒ Passei a sentir necessidade de ampliar minhas leituras literárias

Explique: Com exceção da primeira alternativa, todas as afirmativas acima mexeram comigo, no que tange unir esta experiência literária com minha vida, colocar em prática, a escrita dele que traz esta preocupação com a estética que transforma nosso olhar, mas realmente preciso muito ampliar meu repertório literário, para que a exemplo do que ele mesmo defende, viver meu próprio encontro e como estou inserida, qual meu papel na sociedade enquanto pessoa e ainda mais enquanto educadora.

6. Houve mudanças na forma como você percebe a importância da literatura para o autoconhecimento e para o enfrentamento das contradições humanas, conforme discutido nos textos?

Perfeito. Conforme respondi acima, este encontro com a literatura e suas mais diversas expressões e escritas nos provoca a mudanças, a refletir sobre nosso posicionamento e papel enquanto indivíduo. A leitura amplia nosso mundo e principalmente para o professor, este conhecimento passado com o mesmo encantamento, pode ampliar o mundo do outro. Uma pessoa literária não aceita qualquer verdade e nem faz da verdade do outro a sua total e absoluta. Ao contrário, quanto mais nos conhecemos mais sabemos sobre nossa verdade e Lucchesi nos auxilia neste processo com a ferramenta da literatura.

Bloco III – Repercussões profissionais

7. O contato com a literatura de Marco Lucchesi contribuiu para repensar a sua prática pedagógica?

☐ Não

☐ Sim, em alguns aspectos

☒ Sim, de forma significativa

Explique: Já na faculdade que conclui há exatos 20 anos, me recordo de ter sido transformada e tocada pela leitura de Lucchesi. Anos depois, na pós em educação musical percebo mais uma vez este autor como marco em meus estudos e aprofundamentos. Então não só contribuiu como me trouxe a busca por ser uma educadora de excelência, sensibilidade e com bagagem humana.

8. Você identificou possibilidades de inserir textos ou obras de Lucchesi em sua atuação profissional? Quais e de que forma?

Explique: Atuo com crianças muito pequenas, acredito que inserir suas obras ou reflexões se dá de forma adaptada em minha própria prática. Escolher melhor as obras infantis para uma leitura mais esteticamente trabalhada, divulgar aos pais suas poesias, como a própria que fala sobre o silêncio e seus aforismos. Ainda mais hoje em que silenciar é um ato de bravura, trabalhar em torno desta obra de maneira adaptada a infância é semear o autoconhecimento e assim um desenvolvimento mais humano e saudável. A natureza e o cosmos, traz

metáforas que podem ser interpretadas de maneira simples para a infância sem perder a beleza e o jogo estético com as palavras.

9. Após a experiência formativa, com qual frequência você pretende utilizar a literatura (incluindo obras de Lucchesi ou outros autores) em sua prática pedagógica?

☐ Diariamente
☒ Semanalmente
☐ Quinzenalmente
☐ Mensalmente
☐ Raramente

Bloco IV – Síntese avaliativa

10. O que você destacaria como maior ganho desta experiência?

Meu auto despertar. Um reencontro com meus aprofundamentos de estudos pedagógicos e de leituras, mas mais que isso, ampliou novamente meu olhar e importância sobre a literatura na mais tenra infância. Começar em mim este encanto e junto aos pequenos encantar.

Questionário respondido em: 12/10/2025 por B. C. B.

(o nome não será divulgado na pesquisa)